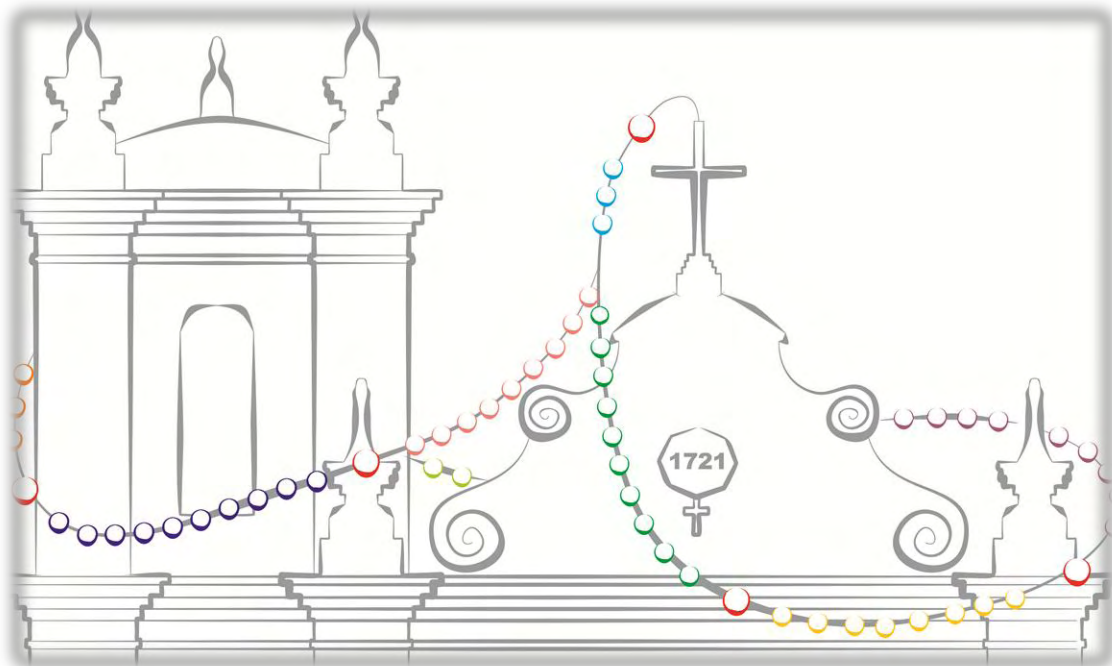




Patrimônio cultural:

A indissociabilidade do patrimônio material e imaterial na cidade de Pombal/PB

TAISE COSTA DE FARIAS

**PATRIMÔNIO CULTURAL:
A INDISSOCIABILIDADE DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL
NA CIDADE DE POMBAL/PB**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período 2011.2, em cumprimento as exigências legais para a obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a JOVANKA B. C. SCOCUGLIA

João Pessoa/PB, novembro de 2011.

TAISE COSTA DE FARIAS

PATRIMÔNIO CULTURAL:
A INDISSOCIABILIDADE DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL
NA CIDADE DE POMBAL/PB

PROF.^a DR.^a JOVANKA B. C. SCOCUGLIA – orientadora/UFPB

PROF.^a DR.^a LISABETE CORADINI - membro externo/UFRN

PROF.^o DR.^o ARIVALDO AMORIM – membro suplente/UFBA

PROF.^a DR.^a CARLA MARY DA SILVA OLIVEIRA – membro interno/UFPB

PROF.^o DR.^o IVAN CAVALCANTI FILHO – membro interno/UFPB

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas acompanharam de perto a trajetória deste trabalho. Pessoas que apoiaram, incentivaram e, em alguns momentos, participaram da sua construção e que merecem ser aqui lembradas.

Primeiramente, agradeço aos meus pais e minhas irmãs, pelo amor, carinho e atenção, mesmo estando longe, e aos meus demais familiares, em especial a minha prima Karizy Soany e ao seu pai Eurival Borges, por me acolherem e me proporcionarem um ambiente familiar e confortável durante esses dois anos de mestrado.

Agradeço também aos membros da banca de qualificação e defesa – professora Dra. Carla Mary da Silva Oliveira, professor Dr. Ivan Cavalcanti Filho e professora Dra. Lisabete Coradini - pelas leituras cuidadosas e indicações que vieram enriquecer o trabalho, e em especial a minha professora, orientadora e amiga Jovanka B. C. Scocuglia, pelo apoio, estímulo e paciência.

Não poderia esquecer de mencionar o povo pombalense que, com fé e festa, me acolheu e acreditou na importância desse trabalho. Meu agradecimento a todos os entrevistados que dedicaram um pouco do seu tempo para responder as entrevistas e então contribuir com o desenvolvimento desse trabalho.

Em especial o meu muito obrigado a Paulinho, pela sua dedicação e companhia em todas as minhas visitas à cidade de Pombal, e aos irmãos da Irmandade do Rosário que, na figura de Evaristo e João Coremas, me guiaram pela festa em devoção a N. S. do Rosário dos Pretos, através dos gestos e das histórias contadas com simplicidade e amor. A essas pessoas a minha eterna gratidão!

Por fim agradeço a todos que direta ou indiretamente deram sua contribuição para a finalização desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho trata do patrimônio cultural a partir de uma concepção mais ampla, não mais centrada no valor de determinados objetos e sim numa relação da sociedade com sua cultura, corroborando com a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial, por meio de um estudo que relaciona a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos - com o seu valor material comprovado pela sua história e arquitetura do século XVIII - e a festa do Rosário - com o seu universo simbólico, cultural e popular - como elementos formadores do patrimônio cultural da cidade de Pombal, no alto sertão paraibano. Como pressupostos de pesquisa têm-se a ideia de patrimônio cultural enquanto processo de identificação coletiva no qual a representação e os valores socioculturais são fundamentais no processo de investigação dos vínculos existentes entre a população e o patrimônio material e imaterial, a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, respectivamente. Para tanto, adotou-se como base teórica e metodológica a teoria das representações sociais, que permite abordar os aspectos simbólicos e do imaginário relacionados ao espaço urbano. Para coleta de dados, foram aplicadas quatro entrevistas distribuídas igualmente entre os grupos: moradores residentes no perímetro tombado pelo IPAHEP, membros da Irmandade e grupos culturais, pessoas ligadas à Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, e pessoas-chaves. Na análise das informações, foram adotadas abordagens qualitativas, a partir da análise do conteúdo, em que se investigou a relação do sujeito com os bens patrimoniais; a ligação entre apropriação, memória e lugar; os bens patrimoniais que estão mais ligados ao imaginário da população; e os valores que estruturam as representações. O trabalho procura contribuir para o estudo da dimensão subjetiva do patrimônio cultural - relacionados especificamente com a indissociabilidade do patrimônio - e a preservação de um acervo de realizações materiais e imateriais de uma sociedade, que associados a um sentimento de identidade coletiva, contemplam o patrimônio cultural da cidade de Pombal/PB.

Palavras-chave: *Patrimônio cultural; Festa do Rosário; Representação social.*

ABSTRACT

The present report is about the cultural patrimony seen from a wider conception, not centered on the values of certain objects but on the relationship of the society with its culture, corroborating the idea of indissociability of the material and immaterial patrimony, through a study that relates Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Church – with its material value proved by its history and 18th century architecture – and Rosário festival – with its symbolic, cultural and popular universes – as elements that form the cultural patrimony of Pombal city, on Upper Paraíba Hinterland. As research assumptions there is an idea of cultural patrimony as a process of collective identification on which the representation and the social-cultural values are fundamental on the investigation process of the existing bonds between population and the material and immaterial patrimony, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Church and Rosário festival, respectively. To this, the social representations theory was used as theoretical and methodological basis, which allows reaching the symbolic aspects and the imaginary aspects related to the urban area. For data collecting, four well distributed interviews were applied among the groups: IPAHEP historic heritage perimeter dwellers, members of the brotherhood and cultural groups, people linked to Nossa Senhora do Rosário dos Pretos Church and key people. On the information analysis, qualitative approaches were used, from the content analysis, in which the relation of the subject with patrimonial goods; links among appropriation, memory and place; the patrimonial goods which are firmer linked to the imaginary of population; and the values that structures the representations. This report tries to contribute to the study of subjective dimension of cultural patrimony – specific related with the indissociability of the patrimony – and the preservation of a collection of material and immaterial realizations of a society, which connected to a collective identity feeling contemplate the cultural patrimony of Pombal city on Paraíba.

Key words: Cultural patrimony; Rosário festival; Social representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Limites coloniais do sertão paraibano a partir da descrição de Herckmans ...	42
Figura 02 Mapa sobre as vias de penetração no sertão da Paraíba e seus limites territoriais	43
Figura 03 Mapa sobre os limites territoriais da povoação do Bonsucesso	45
Figura 04 e 05 Atual Igreja de N. S. do Rosário dos pretos, em dois momentos	48
Figura 06 Destaque para a Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e ao centro a Matriz de N. S. do Bonsucesso, s/d	50
Figura 07 Centro de Pombal com os novos elementos de modernização.....	50
Figura 08 Atual centro de Pombal e o perímetro tombado pelo IPHAEP. Destaque para as construções tombadas pelo Instituto	51
Figuras 09 e 10 Membros da Irmandade do Rosário durante a festa do Rosário, em outubro de 2010	58
Figura 11 e 12 Os atuais rei e rainha da Irmandade do Rosário durante a festa do Rosário, em outubro de 2010.....	58
Figuras 13 e 14 O grupo dos Pontões.....	59
Figuras 15 e 16 O grupo dos Congos	61
Figura 17 e 18 O grupo dos Reisados.....	62
Figura 19 Esquema gráfico das procissões na festa do Rosário, em Pombal.....	64
Figuras 20 e 21 O Rosário de prata e cristal sendo levado pelo rei e rainha durante as procissões	65
Figuras 22 e 23 A imagem de N. S. do Rosário dos Pretos, durante a festa, no ano de 2010.....	66
Figura 24 Esquema gráfico das duas principais procissões da festa do Rosário, em Pombal.....	67
Figuras 25 e 26 A festa do Rosário, em dois momentos.....	69
Figuras 27 e 28 O parque e as barracas de jogos ao longo da Praça Dr. José Ferreira Queiroz	70
Figura 29 Os fiéis em frente a casa do Rosário.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

UNESCO – Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTAS

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Patrimônio, cultura urbana e representação social	19
PARTE I - Patrimônio e cultura urbana contemporânea.....	20
1.1 Patrimônio e cultura no pensamento contemporâneo.....	20
1.2 Repensando patrimônio cultural	27
1.3 Valores associados ao patrimônio cultural.....	29
PARTE II – Patrimônio e representação social	31
1.4 A festa como patrimônio cultural: a busca por um conceito	31
1.5 A representação social do patrimônio cultural	35
 CAPÍTULO 2 – A pesquisa: Pombal e o patrimônio cultural	40
PARTE I – Pombal: a Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário ..	41
2.1 A formação urbana e o povoamento do sertão paraibano.....	41
2.2 A presença negra no sertão paraibano e a devoção à N. S. do Rosário dos Pretos	52
2.3 A festa do Rosário em Pombal.....	57
2.3.1 Os protagonistas.....	57
2.3.2 A festa.....	63
2.3.3 Os lugares da festa.....	68
PARTE II – Procedimentos de pesquisa: instrumentos de investigação e análise	71
2.4 Procedimentos metodológicos.....	71
2.4.1 Grupos pesquisados.....	71
2.4.2 Instrumento de pesquisa	73
2.4.3 Procedimento de coleta de dados	73
2.5 Análise do conteúdo	74
2.6 Observações de campo e análise das informações obtidas.....	77

CAPÍTULO 3 – A indissociabilidade do patrimônio cultural em Pombal e as representações sociais.....	78
3.1 As representações sociais do patrimônio cultural em Pombal	79
3.1.1 O patrimônio como símbolo da cidade de Pombal	80
3.1.2 O patrimônio como uma atribuição de valor	82
3.1.3 O patrimônio como memória e identidade	86
3.1.4 O patrimônio na dimensão material e imaterial	86
3.1.5 A preservação do patrimônio cultural	90
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 92
 REFERÊNCIAS.....	 98
 ANEXOS	



INTRODUÇÃO

A noção de que os bens materiais carregam consigo uma força simbólica diluiu as diferenças entre a produção material e a imaterial. Essa riqueza simbólica irá caracterizar o bem cultural como único, proporcionando uma concepção mais rica e ampla sobre o patrimônio cultural. Assim, com base nesses conceitos de patrimônios como herança, cultura, criação e produção de um grupo social em um determinado espaço e tempo, chegamos à atual noção de Patrimônio Cultural como um conjunto de bens baseados nos valores simbólicos que lhe são atribuídos, constituídos e reconhecidos por uma sociedade como representativos de sua história e de sua produção.

Sob esse prisma, o bem é preservado para continuar evocando não apenas sua história, mas também sua memória e sua cultura para os contemporâneos ou seus descendentes, sendo significativos para a formação de sua identidade. Esta utilização do patrimônio como fomentador da identidade social, é um dos principais aspectos de legitimação de sua preservação, assim como afirma Chagas:

[...] a preservação dos dominados 'bens culturais tangíveis' busca e assenta sua justificativa não na materialidade dos objetos, e sim nos saberes, nas técnicas, nos valores, nas funções e nos significados que representam e ocupam na vida social. Assim, é possível sustentar que aquilo que se quer preservar como patrimônio cultural não são os objetos, mas seus sentidos e significados; ou seja, aquilo que confere sentido ao bem tangível é intangível (CHAGAS, 2009, p. 99).

Partindo desta constatação, a presente pesquisa tem como objetivo principal corroborar com a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial, pondo em prática uma compreensão mais integrada desses patrimônios, a partir da experiência pombalense, por meio de um estudo que relaciona a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário - além de suas manifestações culturais - como elementos formadores do patrimônio cultural da cidade de Pombal, no alto sertão da Paraíba.

O tema patrimônio cultural assume, no final do século XX, um papel particularmente importante nas questões referentes à memória coletiva e às identidades nacionais e regionais, passando a ser objeto de estudos desenvolvidos por várias áreas de conhecimento – história, sociologia, antropologia, arquitetura, urbanismo, economia, turismo – que discutem acerca da preservação, memória e identidade das nações, em busca de compreender e identificar os instrumentos de preservação das suas culturas.

Em um primeiro momento o discurso patrimonial se resume aos monumentos artísticos e históricos que necessitam ser conservados, a fim de garantir a sua perpetuação frente ao acelerado processo de globalização e modernização das cidades.

Nesse período, no Brasil, foram reconhecidos como símbolos nacionais apenas as obras de arte representativas dos bens culturais móveis e imóveis, os conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos e naturais de excepcional valor histórico e artístico. Esse processo termina por associar à preservação a ideia de imutabilidade, contrapondo-se à noção de mudança ou transformação, centrando a atenção no objeto e menos nos sentidos e valores que lhe são atribuídos ao longo do tempo. Porém, esta noção de preservação, amparada apenas nos bens materiais, não correspondia a realidade do processo de 'identidade e formação da nação' e, neste sentido, reduzia o patrimônio cultural de uma complexa sociedade às expressões de apenas uma das várias influências que a formaram, estando distante de preservar os conteúdos simbólicos do patrimônio cultural.

A partir dos novos domínios, principalmente da história, da sociologia e da antropologia, o conceito de patrimônio caminha para uma concepção mais ampla, na qual os conjuntos culturais passaram a ser reconhecidos e valorizados, trazendo à discussão, por exemplo, as manifestações coletivas e festas religiosas. Para Fonseca não há dúvidas que essa ampliação do conceito de patrimônio cultural contribui para aproximar as políticas culturais dos contextos multiétnicos, multireligiosos e extremamente heterogêneos, que caracterizam as sociedades contemporâneas.

Deste modo, a partir de uma reflexão sobre essa concepção mais ampla de patrimônio cultural, não mais centrada no valor de determinados objetos e sim numa relação da sociedade com sua cultura, essa pesquisa vem contribuir para a preservação do patrimônio cultural da cidade de Pombal, representado, naquela localidade, pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com o seu valor material assinalado por sua história e arquitetura do século XVIII, e a festa do Rosário, com o seu universo simbólico, cultural e popular. O trabalho também pretende contribuir com as reflexões sobre a noção de patrimônio como um bem coletivo, que contempla as diversidades culturais, sejam elas materiais ou não, pois, como afirmava Saussure:

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível não se está referindo propriamente a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação é imprescindível um suporte físico. (SAUSSURE, 1969, *apud* FONSECA, 2009, p. 68).

Com base no conceito de patrimônio como herança e de cultura como criação e produção de um grupo social em um determinado espaço e tempo, chegamos a atual noção de patrimônio cultural como o conjunto de bens constituídos e reconhecidos por uma sociedade como representativos da sua história e cultura.

Em Pombal/PB, as primeiras casas começaram a constituir o povoado tendo como marco referencial o largo onde se construiria a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos. Partindo desse ponto, foi se esboçando o traçado urbano da cidade, onde a igreja passou a representar a riqueza local e o seu largo, o cenário de festividades ligadas à religiosidade católica, se destacando a festa de N. Sra. do Rosário, promovida pela respectiva Irmandade, construindo uma paisagem a partir do envolvimento do sujeito com o espaço habitado, vivenciado e ritualizado por meio da festa e do sincretismo religioso.

A igreja em homenagem a N. Sra. do Rosário dos Pretos, ao se mostrar como 'lugar de festas', se apresenta como palco de representação das memórias, que tornam passíveis a caracterização das identidades locais. Desse modo, "se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante" (HALBWACHS, 2006, p. 167).

Dentro desse campo simbólico e cultural, a festa revela-se como expressão de significados e espaço de vivências sociais, constituindo-se em uma área de investigação importante para a análise das formas de apropriação da cidade e de compreensão das práticas sociais e culturais. Como afirmou Santana em pesquisa recente sobre a festa do Bonfim em Salvador/BA:

A festa interrompe a sequência dos dias do cotidiano e proporciona um momento de pausa [...] impregnados de sentidos e significados e, para a sua vivificação e reatualização, são realizados conjuntos cerimoniais e ritos, que acontecem em lugares específicos e em um tempo próprio, estabelecendo, no presente, uma ligação com o passado e, ao mesmo tempo, se apossando de hábitos rotineiros. (SANTANA, 2009, p. 226)

As festas religiosas, vinculadas a uma comunidade, grupo ou irmandade, possuem características peculiares, que as diferenciam de manifestações

semelhantes, o que reforça a riqueza e a complexidade cultural que envolve essas manifestações. Elas também representam espaços de vivências coletivas e de atualização dos principais ritos que identificam uma comunidade com o seu patrimônio cultural. Segundo Martins (2006, p. 39), “apenas aquilo que o espaço físico proporciona não é o suficiente para a condição de ‘lugar especial’, o que lhe dá sentido é o conjunto de significados e símbolos que a cultura local imprimiu nele”.

Assim, ao longo desse trabalho procuraremos mostrar que, além do sincretismo religioso formado pelas tradições afrodescendentes e católicas, e de sua importância histórica e arquitetônica, a Igreja de N. Sra. Rosário dos Pretos constitui um lugar de envolvimento do sujeito com o espaço urbano, constituindo, junto com os festejos ali recorrentes, lugares repletos de significados, onde se abrem perspectivas de preservação da memória dos diferentes grupos formadores da cultura pombalense e de suas identidades.

Para atingirmos estes objetivos, tomamos como pressupostos de pesquisa a ideia de patrimônio cultural enquanto processo de identificação coletiva, no qual a representação e os valores socioculturais são fundamentais no processo de investigação dos vínculos existentes entre a população e o patrimônio material e imaterial, a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, respectivamente.

Quanto à metodologia, este trabalho de dissertação encontra-se inserido no tipo de pesquisa qualitativa por se tratar de um estudo de natureza social e que não tende a quantificação. Nessa etapa da pesquisa foram realizados estudos bibliográficos, etnográficos de observação e descrição densa da vivência da festa do Rosário e a realização de entrevistas com grupos específicos envolvidos com a realização e participação da festa do Rosário.

O estudo etnográfico insere o pesquisador no ambiente a ser estudado, buscando por meio da observação, revelar as práticas, o comportamento e a simbologia dos grupos formadores da cultura local, junto à Igreja do Rosário e à festa, abrangendo o social e a dimensão urbana, com o objetivo de promover o diálogo entre o patrimônio material e o imaterial, de forma a entendê-los, descrevê-los e interpretá-los. Segundo Geertz:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos

determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa. (GEERTZ, 2008, p. 15).

Tomaremos como referencial para análise das representações sociais a teoria de Serge Moscovici¹, quando este afirma que:

As representações são um sistema de valores, ideias e práticas, construídos socialmente, por meio do qual, indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da história individual e social. (MOSCOVICI, 2007, p. 21).

Na análise das representações sociais parte-se, em geral, de informações qualitativas que possibilitem uma compreensão da percepção dos sujeitos sobre o objeto estudado, embora considerando sempre o caráter articulado entre os discursos veiculados por indivíduos e grupos e a inserção sociocultural destes em grupos mais amplos, da família, da escola, do trabalho, bem como as relações diretas e indiretas que estabelecem com o objeto estudado. Temos assim, a possibilidade de, através do conceito de ‘representações sociais’, “compreender como o senso comum transforma os conteúdos científicos, ou de outros saberes formais, em explicações práticas sobre a realidade social, o homem e a natureza” (ALEXANDRE, 2000, p. 163).

Neste sentido, os grupos pesquisados foram definidos segundo sua adequação aos objetivos da pesquisa, procurando-se trabalhar com diferentes segmentos da sociedade envolvidos com a festa do Rosário e com os espaços analisados onde a festa se desenvolve, e que nos permitam evidenciar as representações presentes em suas práticas e discursos. Assim, considera-se que para se atingir o objetivo do estudo, os grupos a serem estudados deveriam ser compostos por: moradores residentes no perímetro tombado pelo IPHAEP; os membros da Irmandade do Rosário dos Pretos e/ou grupos culturais; as pessoas ligadas diretamente à igreja do Rosário (padres, coroinhas, etc.); e os sujeitos em posições chaves, como historiadores, técnicos da prefeitura e órgãos da esfera

¹ O psicólogo Serge Moscovici, romeno naturalizado francês, foi o pioneiro a conceituar e trabalhar com a Representação Social, na sua obra “La psychanalyse, son image et son public” (1961), que apresentava o estudo da difusão da psicanálise em diferentes âmbitos da população parisiense. Para este trabalho buscarei referência na tradução do seu terceiro livro “Social representations: explorations in social psychology”, obra tão importante para a psicologia quanto para a história e as ciências sociais.

cultural. Neste sentido, veremos que os grupos estão naturalmente ligados a um lugar, porque “é o fato de estarem próximos no espaço que cria, entre seus membros, as relações sociais e as possibilidades de representações comuns e/ou conflitantes” (HALBWACHS, 2006, p. 165).

Com relação ao instrumento de coleta de dados sobre as representações sociais associadas à festa do Rosário e ao patrimônio material da cidade de Pombal, além das observações em campo, utilizamos as entrevista semiestruturada, onde o pesquisador lança uma série de perguntas e temas, uma vez que a linguagem é considerada um meio privilegiado de acesso às representações sociais.

Após a coleta do material que, em seguida, foi tratado, reunido, sistematizado e analisado, a pesquisa proposta foi subdividido em três capítulos:

- **Capítulo I:** aborda a trajetória do conceito de patrimônio cultural e as políticas preservacionistas vigente, permeando pelos conceitos de história, memória e identidade cultural; além de compreender a festa, a partir da representação social do patrimônio cultural, como expressão de significados, símbolos e espaços de vivências;
- **Capítulo II:** destaca o processo de formação da cidade de Pombal, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, a fundação da Irmandade do Rosário e a festa do Rosário como lugar de memória, referente à cultura popular; além de abranger o processo metodológico realizado na pesquisa, tratando de questões referentes às representações sociais e seus suportes; que foram analisados e interpretados;
- **Capítulo III:** trata de legitimar a relação existente entre o patrimônio material e imaterial, mostrando que a materialidade não se contrapõe a imaterialidade dos objetos, através da análise das entrevistas realizadas, buscando identificar a ligação, relacionada ao processo de apropriação, identidade e memória, do sujeito com a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário.

Assim, com a pesquisa bibliográfica, o estudo etnográfico e a realização das entrevistas semiestruturadas, fornecendo o suporte conceitual e metodológico

necessário para a investigação dos sentimentos e valores da população local em relação ao patrimônio cultural, pretendemos perceber de que forma se constituem as representações sobre a indissociabilidade do patrimônio cultural material e imaterial na cidade de Pombal, relacionadas especificamente com a festa do Rosário e seu espaço de vivência e ritualização, nos diferentes grupos pesquisados, acreditando na importância desse estudo para a preservação de um acervo de realizações materiais e imateriais de uma sociedade, que associados a um sentimento de identidade coletiva, contemplam o patrimônio cultural da cidade de Pombal/PB. Assim como afirma Michel De Certeau:

O patrimônio não é feito dos objetos que ela criou, mas das capacidades criadoras e do estilo inventivo que articula, à maneira de uma língua falada, a prática sutil e múltipla de um vasto conjunto de coisas manipuladas e personalizadas, reempregadas e 'poetizadas'. Finalmente, o patrimônio são todas essas 'artes de fazer'. (CERTEAU, 2008, pg. 199)



CAPÍTULO 1
PATRIMÔNIO, CULTURA URBANA
E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

PARTE I – Patrimônio e cultura urbana contemporânea

1.1 Patrimônio e cultura no pensamento contemporâneo

Etimologicamente falando a palavra patrimônio – em inglês, *heritage* – significa herança, bens de família, referindo-se ao passado, a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido. Sendo um legado do passado, os patrimônios foram construídos, recriados e apropriados, associando-se à memória do indivíduo e evocando a necessidade de resguardar, do desaparecimento, algo significativo para as identidades.

Partindo de um discurso patrimonial que se resumia aos monumentos artísticos e históricos, interpretados como fatos importantes de uma civilização, o conceito de patrimônio caminhou para uma concepção mais ampla, na qual os conjuntos culturais passaram a ser reconhecidos e valorizados pelas comunidades e os governos na esfera local, estadual, nacional ou internacional. Conforme destaca Abreu (2002, p. 37): “Delineava-se a ideia de que havia um patrimônio cultural a ser preservado e que incluía não apenas a história e a arte de cada país, mas o conjunto de realizações humanas em suas mais diversas expressões”.

Essa ideia de um patrimônio como um conjunto de realizações comum a um grupo social, definidor de sua identidade e enquanto tal merecedor de proteção nasce no final do século XVIII, com a visão moderna de história e de cidade (SANTOS, 2001). Precedentemente, houve a ideia de natureza; depois, uma relação estreita entre a natureza e a cultura; a separação entre a natureza e cultura e, por último, surge a ideia do patrimônio cultural, por volta do século XIX, sendo posterior a constituição de nações (CHAUÍ, 2006).

Com relação ao conceito de patrimônio, convém destacar o conceito de semióforo², desenvolvido pelo historiador polonês Krisztof Pomian, que indica a indissociabilidade entre o caráter material e o imaterial do patrimônio cultural, quando se refere à força e significação simbólica destes primeiros objetos formadores da ideia de patrimônio.

² Segundo Chauí (2006, p. 117), semióforo é alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade, mas sim por sua força e significação simbólica dotada de um sentido para a coletividade.

Os semióforos, segundo Pomian, motivaram o aparecimento de coleções, que possuíam as seguintes características:

- 1) Um conjunto de objetos naturais ou de artefatos mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas; 2) tais conjuntos são mantidos em um local especial ou são cercados de ações especiais visando a sua proteção; 3) esses conjuntos de objetos têm como finalidade ser expostos ao olhar de um contemplador ou de um espectador; 4) os objetos assim protegidos são considerados dotados de valor especial, isto é, são considerados preciosos, embora estejam fora do circuito econômico; 5) tais objetos não possuem nenhuma função senão a de ser contemplados. (CHAUÍ, 2006, p. 118).

As coleções eram diversas, indo desde tesouros reais a objetos funerários, protegidos como reflexo de prestígio de quem as detinha. Tanto que, na Antiguidade, chefes políticos - militares e religiosos - foram os primeiros detentores destes bens. Na modernidade, disseminaram-se entre os humanistas, artistas e cientistas (CHAUÍ, 2006).

Ao mesmo tempo em que os semióforos se difundem pelas classes – políticas, econômicas e religiosas - estas começam a estimular sua produção, a disputá-los e exibi-los. É nessa disputa de poder e prestígio que o Estado-nação cria a ideia de *patrimônio cultural da nação*, composto pelo patrimônio artístico, histórico e geográfico, como forma de combater o poder religioso e econômico. Tem-se, a partir da ideia de nação, a da “instituição dos semióforos nacionais e, com eles, o patrimônio cultural e as instituições encarregadas de preservá-lo, e exibi-los” (CHAUÍ, 2006, p.119).

Segundo Fonseca, a noção de patrimônio se inseriu em um projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, passando a servir de processo de consolidação dos Estados-nações moderno, cumprindo inúmeras funções simbólicas:

1. Reforçar a noção de cidadania, na medida em que são identificados, no espaço público, bens que não são de posse privada, mas propriedade de todos os cidadãos, a serem utilizados em nome do interesse público.
2. Ao partir da identificação, nos limites do Estado nacional, de bens representativos da nação [...] a noção de patrimônio contribui para objetivar, tornar visível e real, essa entidade ideal que é a nação [...].
3. Os bens patrimoniais, caracterizados desde o início por sua heterogeneidade, funcionam como documentos, como “provas materiais” das versões oficiais da história nacional [...].

4. A conservação desses bens [...] é justificada por seu alcance pedagógico, a serviço da instrução dos cidadãos. (FONSECA, 1997, p. 59-60).

Outro ponto a ser observado na construção desse conceito de patrimônio cultural são os ideários desencadeados na Revolução Francesa, quando o significado de patrimônio estendeu-se do privado para o conjunto de cidadãos, desenvolvendo a ideia de um bem comum, coletivo, relacionado ao sentimento nacional.

Associado à direção histórica daquele momento, com as novas reflexões da história social e o conceito antropológico de cultura, o século XX assiste à moderna concepção do patrimônio cultural, em que as atividades humanas passaram a ser vistas como símbolos da memória coletiva e que, por isso, necessitavam de preservação. Memória essa entendida aqui como “um elemento essencial da construção identitária, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e grupos sociais” (LE GOFF, 1992, p. 469). Sobre a recente compreensão do conceito antropológico de cultura, Gonçalves afirma:

Segundo ela (concepção antropológica de cultura), a ênfase está nas relações sociais ou mesmo nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas. A categoria ‘intangibilidade’ talvez esteja relacionada a esse caráter desmaterializado que assumiu a referida moderna noção antropológica de cultura. (GONÇALVES, 2009, p. 30)

De qualquer modo, até os primeiros anos do século XX, o que prevalecia era a noção de que o patrimônio era composto pelo valor artístico e histórico, voltado apenas para os bens físicos, de modo que a preservação os mantivesse em suas condições originais.

A partir da década de 30, acordos, convenções internacionais e o desenvolvimento de políticas de preservação, em diversos países, formaram uma esfera pública mundial para as questões de patrimônio, sendo as Cartas de Atenas, em suas edições de 1931 e de 1933, os documentos fundadores desse processo.

A carta de 1931 focaliza, entre outros assuntos, legislações nacionais para proteção dos monumentos de interesse histórico e artístico, destacando as dificuldades enfrentadas pelos países participantes “de conciliar o direito público com o particular” e de se reconhecer o “direito da coletividade em relação a propriedade privada” (ARANTES, 2009, p. 12), além de discutir a racionalização de

procedimentos em arquitetura e propor normas e condutas em relação à preservação e conservação de edificações.

A Carta de 1933 põe em destaque, por sua vez, o patrimônio no contexto da cidade e das condições de vida no meio urbano, especialmente em zonas históricas. No capítulo dedicado ao patrimônio lê-se que:

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta para os séculos futuros essa nobre herança. (IPHAN, 1933, p. 25)

Assim, segundo Arantes (2009), as políticas modernas de patrimônio formam-se na Europa com o objetivo de preservar “monumentos de pedra e cal”, de valor histórico, artístico ou científico excepcional, no qual a autenticidade aparece nesses escritos como importante marco nas práticas de conservação e restauro.

Em 1964, outro documento, conhecido como Carta de Veneza, amplia o conceito de patrimônio, até então vigente, ao formular que:

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Entende-se não só às grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. (IPHAN, 1964, p. 2)

Embora mantendo o foco da preservação exclusivamente nos bens de natureza material, a Carta de Veneza rompe com as concepções até então estabelecidas. Primeiramente, por incluir a arquitetura vernácula numa prática até então exclusivamente voltada a bens monumentais, além de considerar relevantes para as intervenções de preservação não apenas as edificações, “mas também seus usos e aspectos arquitetônicos, históricos e sociais do patrimônio” (ARANTES, 2009, p. 14).

Na década de 1940 a UNESCO³, a partir da sua criação, torna-se o centro mundial de referência para o desenvolvimento das bases técnicas e conceituais da preservação, destacando a noção de patrimônio da humanidade, juntamente com a noção de diversidade cultural, de modo a preservar um acervo de bens materiais e imateriais, destacando a multiplicidade cultural em cada conjunto nacional.

Em 1989, como resultado de estudos a fim de se propor um instrumento internacional de proteção das “expressões populares de valor cultural”, a Conferência Geral da UNESCO aprova a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, sendo assim definida:

Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos, e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social. Seus padrões e valores são transmitidos oralmente, por imitação ou por outros meios. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (UNESCO, 1989, p. 2).

Tal recomendação é o documento que fundamenta a ação da UNESCO com relação ao patrimônio imaterial ou intangível, mesmo quando esses termos ainda não tinham sido mencionados. Aqui o conceito de cultura tradicional e popular toma o seu lugar, já indicando que preservar e conservar esses bens não significa mantê-los cristalizados numa forma, ou seja, a preservação aqui é entendida como documentação, registro e acompanhamento, e não como intervenção conservadora/restauradora (SANT’ANNA, 2001).

Nesse contexto de estudos internacionais, surge a noção de patrimônio imaterial ou intangível, implicando a ideia de uma produção não apenas material, mas também simbólica, como:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2006, p. 4).

Com a necessidade de se preservar as manifestações produzidas na vida em sociedade, sejam elas materiais ou imateriais, discursões, proteções e outras

³ Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

providências são tomadas na tentativa de fazer permanecer as valorosas expressões do povo buscando sua justificativa não na materialidade dos objetos, e sim nos saberes, nas técnicas, nos valores, nas funções e nos significados que representam e ocupam na vida social.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, entende como patrimônio cultural brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
I – as formas de expressão;
II – os modos de criar, fazer e viver;
III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2003, p. 97).

O artigo 215 da mesma Carta Magna atribui destaque às “culturas populares”, “indígenas”, “afrodecendentes” e de todos os grupos participantes do processo civilizatório nacional, como parte do patrimônio cultural da nação. Contudo, até recentemente, não existia nenhum instrumento legal que agregasse os bens imateriais ao patrimônio cultural brasileiro.

A ideia de que o patrimônio não se compõe apenas de edifícios e obras de arte, mas também no produto popular, remota ao projeto que Mário de Andrade elaborou para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1936. Como afirma Sant’anna, Mário de Andrade foi, na prática, um pioneiro do registro dos aspectos imateriais do patrimônio cultural, pois documentou sistematicamente manifestações dessa natureza ao longo de sua vida, deixando para posteridade fotografias, gravações e filmes que realizou em suas famosas viagens ao Nordeste⁴. Contudo, o conceito “revolucionário” e “visionário” do artista não prosperou em termos legais.

Tal limitação teve como consequência a produção de uma compreensão restrita do termo preservação, que está comumente relacionada ao ato do tombamento⁵, como afirma Fonseca:

⁴ Viagens referentes à Missão de Pesquisas Folclóricas, projeto do Departamento de Cultura que teve sua origem dez anos antes, em 1928, na fase mais intensa da vida do pesquisador em campo.

⁵ O Decreto lei nº25, de 30 de novembro de 1937, organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, estabelecendo o tombamento, como o ato administrativo, realizado pelo poder

A imagem que a expressão ‘patrimônio histórico e artístico’ evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou porque constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes, referidos em documentos e em narrativas dos historiadores. Entretanto, é forçoso reconhecer que essa imagem, construída pela política de patrimônio conduzida pelo Estado por mais de sessenta anos, está longe de refletir a diversidade, assim como as tensões e os conflitos que caracterizam a produção cultural do Brasil, sobretudo atual, mas também a do passado (FONSECA, 2009, p. 59).

No Brasil, esse processo terminou por privilegiar uma prática de preservação – o tombamento – que associou a preservação à ideia de imutabilidade, contrapondo-se à noção de mudança ou transformação e centrando mais a atenção no objeto e menos nos sentidos que lhe são atribuídos ao longo do tempo.

Neste primeiro momento, foram reconhecidas como símbolos nacionais apenas obras de arte representativas dos bens culturais móveis e imóveis, conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos e naturais de excepcional valor histórico e artístico que necessitavam ser conservados, para garantir a sua perpetuação frente ao acelerado processo de modernização das cidades. Como afirma Rodrigues:

O conceito de cultura estava ligado, primordialmente, aos bens móveis e imóveis. A proteção do chamado patrimônio cultural resumia-se a tombamentos e inscrições de obras que, ou eram belas, sob o conceito de beleza de um grupo de tecnocratas, ou traduziam fatos marcantes da história do Brasil, sob o critério meramente empírico, sem qualquer fundamento científico e, juntando-se a isto, a ausência de mecanismos para a proteção do patrimônio cultural do povo, da massa, dos grupos marginalizados (RODRIGUES, 2006, p. 8).

Porém, verifica-se que esta política de preservação praticada ao longo dos anos – amparada nos edifícios, sítios e obras de arte - não correspondia à realidade do processo de “formação da nação” e, neste sentido, estava distante de cumprir os objetivos de preservar os conteúdos simbólicos, pois reduzia o patrimônio cultural da nossa complexa sociedade às expressões de apenas uma das várias influências que a formaram.

Apenas com a publicação do Decreto nº 3.551⁶, de 4 de agosto de 2000, o patrimônio imaterial foi reconhecido por meio de inventários e registros,

público, com o objetivo de preservar bens móveis ou imóveis, de valor arqueológico, etnográfico, paisagístico, histórico, artístico, arquitetônico ou cultural, impedindo que venham a ser descaracterizados ou destruídos.

⁶ O decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, institui o registro dos bens culturais de natureza imaterial, que constituem o patrimônio cultural brasileiro, em quatro livros temáticos: livro de registro

documentando o passado e o presente desses bens, assim como suas sucessivas variações, sendo este o único dispositivo legal que valoriza as culturas populares. Segundo o IPHAN⁷ a inscrição de um bem imaterial em um dos livros de registro tem como preocupação a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, identidade e a formação da sociedade brasileira, além de promover o respeito à diversidade cultural.

Para Arantes, com aplicação do Decreto 3.551, espera-se que, juntamente com bens materiais, sejam recuperados os sentidos, sentimentos, atividades e representações que fazem de um espaço físico diferenciado o sítio consagrado por determinado culto ou mesmo o território de determinada etnia; que fazem de um ritual muitas vezes praticado, a celebração de uma comunidade singular; de uma determinada técnica, o modo de fazer característico de um povo.

Assim, temos a criação da categoria “imaterial” ou “intangível” para designar aquelas modalidades de patrimônio que escapariam de uma definição convencional limitada a monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos, etc. No entanto, é curioso o uso dessa noção para a classificação de bens tão tangíveis e materiais quanto às festas, espetáculos, lugares e alimentos. Portanto, não há que se falar em patrimônio material e imaterial como bens separados, mas sim como formadores de um patrimônio cultural.

1.2 Repensando patrimônio cultural

A inclusão dos bens imateriais na categoria de patrimônio cultural não criou uma nova categoria – patrimônio imaterial – mas sim, a possibilidade de se reconhecer tais bens como integrantes de uma categoria indivisível denominada “patrimônio cultural brasileiro”. Em outras palavras, os bens de natureza material e imaterial quando reconhecidos oficialmente pelo Estado, tornam-se patrimônio cultural brasileiro, sem haver, no entanto, após essa atribuição de valor, qualquer divisão terminológica referente à sua dimensão, que seccione os patrimônios culturais dos patrimônios culturais imateriais.

dos saberes, das celebrações, das formas de expressão e dos lugares; como referência a continuidade histórica, bem como sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

⁷ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Dividir a prática preservacionista em bens culturais materiais e imateriais é colocar em lados opostos aquilo que na realidade é inseparável.

No entanto, a prática preservacionista – principalmente das políticas federais – invoca a falsa dicotomia da classificação dos bens culturais utilizando tais mecanismos de proteção de forma desarticulada e excludente – ou se tomba ou se registra. Não temos, então, nos quase dez anos de convivência entre tombamento e registro, nenhum bem que tenha sido simultaneamente tombado e registrado, levando a crer que não exista – no ordenamento jurídico brasileiro - ações conjuntas e complementares, com o objetivo de conferir uma proteção mais eficaz e abrangente que convirjam esses dois principais instrumentos de proteção do patrimônio cultural brasileiro.

Diante dessa questão, referente a complementariedade dos instrumentos de proteção, podemos exemplificar tal raciocínio da seguinte maneira: o saber é uma categoria do patrimônio cultural que abarca bens culturais que, normalmente, não são passíveis de tombamento em virtude de sua natureza, mas sim, de registro. Contudo, o produto desse saber – que configura outro bem – é perfeitamente “tombável”. Tal procedimento pode ser utilizado também nas demais categorias utilizadas até o momento pelas políticas de preservação de bens de natureza imaterial, as quais incluem além dos saberes, as celebrações, as formas de expressões e os lugares. Noutras palavras, quando um bem devido sua natureza, não puder ser protegido através do tombamento, pode-se tomar outros suportes que conferem sustentação a este bem.

Dessa maneira, as políticas públicas preservacionistas praticadas atualmente no Brasil vão de encontro aos atuais estudos que entendem o patrimônio cultural como:

[...] um conjunto de realizações humanas, no qual cada testemunho material não deve mais ser considerado isoladamente, mas em seu contexto e na compreensão das múltiplas relações que mantém de modo recíproco com o seu ambiente físico, cultural e crenças, organizando uma ‘paisagem’ vivida pela comunidade e participando de sua identidade (SANTANA, 2009, p. 233).

Assim, com base nesses conceitos de patrimônios como herança, cultura, criação e produção de um grupo social em um determinado espaço e tempo, chegamos à noção de Patrimônio Cultural como um conjunto de bens baseados nos

valores simbólicos que lhe são atribuídos, constituídos e reconhecidos por uma sociedade como representativos da sua história e da sua produção.

1.3 Valores associados ao patrimônio cultural

O conceito de patrimônio, tal como vimos anteriormente, está fundamentado nos **valores simbólicos** que irão caracterizar o bem cultural como único, evocando não apenas sua história, mas também sua memória e sua cultura para os contemporâneos ou os seus descendentes. Esses valores são atribuídos ao patrimônio cultural por meio das práticas sociais, englobando os símbolos, as relações sociais, a identidade e a memória.

A cidade, como produção da ação humana, é o reflexo de valores, construções históricas, sociais e culturais, que se relacionam ao imaginário. O espaço urbano que contém os patrimônios, materiais e imateriais, é o local onde a dimensão subjetiva revela-se de forma mais intensa, sendo sujeito e objeto do imaginário, no qual os seus atributos – físicos ou não – constituem-se em elementos para a construção do imaginário, que permitirá a identificação do grupo, como afirma Costa em sua dissertação:

O imaginário estrutura-se a partir das instituições sociais, da religião, da organização econômica, da estrutura jurídica, do poder político e também do espaço físico, que adquire significação por meio das práticas sociais. Nesse processo quando o espaço é representado no imaginário, a ele são atribuídos valores. (COSTA, 2007, p. 68)

Assim, o espaço – noção abstrata – ganha materialidade por meio da prática social que se realiza em determinado lugar, como modo de apropriação desse lugar (CARLOS, 2001), passando a ser um lugar com forte carga subjetiva, ligado mais aos símbolos e valores que lhes são atribuídos do que ao sentido geográfico do termo.

Com a **apropriação**, o sujeito ou o grupo social, tanto assume o lugar como propriedade sua, como também entende que ele pertence ao lugar. Esse **sentimento de pertença** não se relaciona apenas a dimensão espacial, mas também ao conceito de patrimônio cultural: a medida que o sujeito interage com o patrimônio, em sua construção e valorização, este deixa marcas no indivíduo contribuído para a construção da sua identidade – seja ela individual ou coletiva. A

apropriação apresenta-se como a principal ação de elaboração do sentimento de pertença, onde o sujeito e o patrimônio cultural interagem simultaneamente e de forma dialética, proporcionando-lhe uma transformação recíproca.

Assim, a apropriação e o sentimento de pertença estão intimamente ligados a formação da **identidade**, que comporta além da parcela individual, uma parcela social ou coletiva, a partir de elementos que se inter-relacionam, como os valores culturais vigentes no grupo social e as relações com o espaço e a memória.

A **memória** é um fator fundamental para a construção da identidade, em relação ao sentimento de continuidade e pertencimento que confere ao indivíduo ou ao grupo social (POLLAK, 1992).

Para Freire (1997, p.127), “a memória é uma construção social, que envolve processos de representação de si mesmo e do mundo, sendo capaz de misturar temporalidades diversas”. Sendo uma construção social, assim como a identidade, a memória articula a lembrança e o esquecimento, sofrendo transformações constantes, mas estabelecendo a maneira do indivíduo se relacionar com o grupo.

A questão do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, está intimamente relacionada a memória, sendo construído a partir da memória coletiva que está imersa na historicidade e faz parte de uma rede relacional de fenômenos humanos, tão concretos quanto os políticos, econômicos e sociais (COUTINHO, 2001). Sobre a memória coletiva autores como Pollak, Nora e Halbwachs afirmam que esta se faz a partir do conjunto de memórias individuais que, guardadas no inconsciente do sujeito revelam, em algum momento, um conjunto de ações e/ou comportamentos de determinados seguimentos de um grupo social.

Assim, em relação ao espaço, a memória é coletiva, pois a percepção do espaço resulta no imaginário a partir dos valores e conceitos estabelecidos pelo grupo. O lugar funciona como suporte da memória coletiva e da identidade social, assim como afirma Halbwachs:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial (...) é ao espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça (...) diremos realmente que não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar. (HALBWACHS, 2006, p. 170)

Halbwachs define memória, como resultado da interação social, uma categoria que se elabora, a partir da ligação, a determinados grupos sociais, em contextos amplos que envolvem a família, a comunidade e a cidade. São que os “quadros sociais da memória”. Para ele a memória pessoal está atrelada ao grupo, as tradições e ao universo coletivo.

Dessa maneira, a cidade se apresenta como suporte da memória, possibilitando que as pessoas permaneçam unidas enquanto grupo, dando suporte necessário à memória coletiva e a tradição.

Assim, os patrimônios culturais conduzem a prática do reconhecimento dos símbolos, das vivências e da memória experimentadas pelos grupos sociais. Sua valorização é dada a partir das atividades de representação, ressignificação e do resgate da memória coletiva para com o sujeito que se constitui como produto e produtor deste patrimônio.

Nesse sistema valorativo, coletivamente construído, os aspectos abstratos e invisíveis, como a relação com os espaços e a cultura, as estruturas identitárias, a memória - tudo isso articulado no imaginário social - irão fundamentar a elaboração, reprodução e expressão das representações sociais acerca do patrimônio cultural.

PARTE II - Patrimônio e representação social

1.4 A festa como patrimônio cultural: a busca por um conceito

A literatura nos mostra que a festa sempre esteve presente na história da humanidade, acompanhando o homem em todos os tempos e civilizações.

As festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. Durkheim afirma que toda festa tem características religiosas, pois aproxima as pessoas causando um estado de efervescência pelas manifestações apresentadas pelos participantes:

Toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os

casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. (DURKHEIM, 1996, p. 417 – 418).

Portanto, para Durkheim, as principais características de todo tipo de festas são: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de “efervescência coletiva” e a transgressão das normas coletivas.

Em sua tese de doutorado, Rita Amaral afirma que as festas oscilam entre dois polos: a cerimônia e a festividade; podendo se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude, e do mero divertimento pela densidade. Para ela, este caráter misto poderia ser tomado como um primeiro termo da definição de festa:

Toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão de instantes. Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (AMARAL, 1998, p. 38 - 39).

Entretanto, existem tipos de festas em que estes aspectos aparecem dissociados e até opostos. A razão dessas dissociações, segundo Amaral, aparece relacionada ao caráter simbólico das festas: “a função do símbolo parece não estar então, simplesmente, em significar o objeto, o acontecimento, mas em *celebrá-lo*, em utilizar todos os meios de expressão para fazer aparecer *o valor que se atribui a este objeto*” (AMARAL, 1998, p. 39).

Sendo uma linguagem repleta de símbolos, a festa não só é um fenômeno social, como constitui, simultaneamente, “um fundamento de comunicação, uma das expressões mais completas e ‘perfeitas’ das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade” (AMARAL, 1998, p. 51).

As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares. Nesse sentido, “a festa torna-se também lugar de memória, de construção e atualização de um passado que não pertence apenas aos seus cidadãos, mas mostrou-se capaz de atribuir identidade a setores amplos da sociedade” (CAVALCANTI, 2001, p. 74).

Assim, as festas não têm sido utilizadas somente para afirmar a coesão dos habitantes nas cidades e, portanto, das relações hegemônicas, mas também foram e

são utilizadas para constituir uma unidade e (re)significar a identidade de grupos subalternizados historicamente, a exemplo da população negra no período colonial do Brasil.

No período colonial, a vida nas cidades brasileiras era regida pelas leis e normas eclesiásticas que definiam também as festividades a serem realizadas, estando normalmente associadas às comemorações religiosas. Moreira descreve as celebrações das irmandades em torno dos santos como momentos privilegiados para a reconstrução das identidades, e afirma:

As irmandades tinham na promoção da vida lúdica, do 'estado de folia' de seus membros e da comunidade negra em geral, uma de suas principais atividades. Todo ano – especialmente nos dias do santo de devoção – as confrarias realizavam comemorações que promoviam a confraternização e o fortalecimento dos laços entre os irmãos e destes com seus protetores celestes. Nessas ocasiões, celebrar solenemente seu orago era uma garantia de proteção na vida e na morte. Quanto mais espetacular fosse a homenagem, maior seria a retribuição dada a seus devotos fiéis. (MOREIRA, 2006, p. 109)

As Irmandades constituíram umas das formas mais comuns de agrupamento de leigos que se reuniam com o objetivo de promover e incentivar a devoção a um santo protetor e tinham como principal atividade, a festa ao santo de devoção, que representavam para os seus membros um momento de alegria, de transgredir, de questionar a sociedade vigente, mas, sobretudo de afirmar seus valores culturais e religiosos. Assim como afirma Del Priore:

(as confrarias) exerciam, além da ação social, ação protetora amparando seus membros e defendendo-os dos excessos do sistema escravocrata, embora não fosse possível empreender uma ação direta e global sobre tal sistema. Eram organizações protegidas por reis ou autoridades eclesiásticas, que proporcionavam aos negros, pardos e mulatos um instrumento para enfrentar situações de injustiça e sofrimento. Não transformavam nem mesmo tentavam pôr fim à escravidão, mas na medida do possível procuravam diminuir seus malefícios. Por outro lado, tais irmandades e confrarias anestesiavam a capacidade de rebelião de tais grupos, uma vez que carnalizavam seu potencial de violência para disputas de preeminência social (DEL PRIORE, 2000, p. 78).

Nessas celebrações o sagrado e o profano se misturavam, pois além das missas e procissões, a festa se fazia pelas danças, músicas, comidas e cerimônias não mencionadas nos compromissos das Irmandades, caracterizando um sincretismo religioso, como afirma Steil:

As festas e romarias são um espaço privilegiado para se observar o sincretismo religioso. Algumas, especialmente, estão marcadas por uma sobreposição de símbolos e significados que são acionados pelos mesmos atores de acordo com os seus interlocutores ou a ação estratégica a que se articula o seu discurso. (...) A este entrelaçamento de entidades sagradas, símbolos e discursos, os estudiosos da religião têm denominado sincretismo (STEIL, 2001, p. 29-30).

As festas religiosas constituem um sistema de práticas, rituais e significados que transitam pelo universo religioso e ultrapassam as fronteiras da Igreja. Interrompem o cotidiano e expressam as formas identitárias dos grupos, onde o motivo do encontro, da fé e da celebração, atrai os devotos e os indivíduos da mesma identidade. Assim como afirma Amaral:

Ela (a festa) buscar recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. (...) a festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros (AMARAL, 1998, p. 52).

Para Perez a festa é, acima de tudo, um ato coletivo “extra-ordinário”, “extra-temporal” e “extra-lógico”. Afirmando que a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se fundem uns aos outros:

[...] um grupo em estado de exaltação que consagra sua reunião a alguém ou uma coisa e que, assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear, pois a festa é uma sucessão de instantes fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação (PEREZ, 2002, p. 19).

A partir do que a festa representa para a cultura local, ou seja, de que modo ela propicia a transgressão da lógica da rotina – instaurando novos momentos e novas temporalidades - seu significado atinge todo tipo de relação social, permitindo celebrar a representação de alguém ou de algo, conquistado individualmente ou coletivamente e que possui significado comum para ser celebrado. A festa sob a perspectiva da tradição é uma versão intencionalmente seletiva de um passado, em que determinados temas são cultuados e rememorados por gerações, sempre alimentando uma reinvenção, ou seja, uma prática em constante movimento.

Em Pombal, a festa de maior destaque é organizada pela Irmandade do Rosário e comemora a devoção dos pombalenses à N. Sra. do Rosário dos Pretos,

interrompendo o cotidiano da cidade e proporcionando, em um conjunto de cerimônias e ritos, um momento de pausa, atribuindo à cidade um significado particular, como consequência da miscigena cultural responsável pela sua estrutura.

A festa do Rosário, em Pombal, confere a Igreja de N. Sra. do Rosário e o seu entorno um “lugar de festas”, transmutando o espaço cotidiano em espaço festivo e sagrado. Espaço este que se apresenta como palco das representações das memórias e das ações coletivas, na qual uma comunidade dividida e heterogênea se expressa de forma única, através de gestos, símbolos, cores e sons, neutralizando seus conflitos e diferenças. Contudo, “as festas não são coletivas apenas porque uma popularidade de indivíduos reunidos delas participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem” (MAUSS, 1974, *apud* PEREZ, 2002, p. 35).

A relação do indivíduo com o espaço festivo transforma a Igreja e o seu entorno em um lugar distinto, depositário de uma memória individual e coletiva progressivamente acumulada, constituindo um sentimento de identidade, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). Aqui o passado não é preservado, mas reconstruído coletivamente baseado no presente. E “a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico - e, portanto religioso -, mas sim sua ‘reatualização’” (ELIADE, 2010, p.73).

Aqui o patrimônio cultural se apresenta fundamentado no processo de identificação coletiva onde, a fusão simbólica entre passado e presente se dá a partir de elementos sociais, culturais e ideológicos dos grupos sociais, nas quais são significativos para a formação de sua identidade. Os espaços tidos como patrimônios da cidade de Pombal, apresentam-se como o principal sustentáculo para abrigar as relações sociais onde se relacionam aos símbolos e as vivências experimentadas pela sociedade, fortalecendo o sentimento de pertença e a necessidade de manutenção coletiva deste.

1.5 A representação social do patrimônio cultural

O presente estudo tem como pressuposto a ideia de patrimônio cultural enquanto processo de valorização e identificação coletiva no qual a representação

social é fundamental para o processo de investigação dos vínculos existentes entre o sujeito ou grupos sociais e o patrimônio cultural – material e imaterial – da cidade de Pombal, representado aqui pela Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, respectivamente.

Assim, como o objetivo principal dessa pesquisa é analisar a indissociabilidade do patrimônio cultural a partir de uma dimensão subjetiva – sentimentos e valores dos grupos sociais - vinculado ao patrimônio cultural da cidade de Pombal, representado aqui pela Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, compreendidos como construções sociais elaboradas a partir da atribuição de valores feita pelos grupos sociais, considerou-se a teoria da representação social o instrumento conceitual e metodológico mais adequado.

A teoria das representações sociais está ligada à área da Psicologia Social, que estuda os processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social. Serge Moscovici introduziu o conceito de representação social em estudo pioneiro – sobre as maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França – intitulado *La Psicanalyse: Son image et son public*, em 1961. Segundo Duveen (in MOSCOVICI, 2007) o ponto de partida fundamental para a consolidação da teoria da Representação social foi a insistência do psicólogo no reconhecimento da existência das representações sociais como um fenômeno, o que era antes considerado como um conceito.

As representações se apresentam como forma de pensar e interpretar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelo indivíduo e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem (SÊGA, 2000). O social intervém de várias maneiras: pelo contexto em que se situa o indivíduo e os grupos, pela comunicação estabelecida entre eles, pelos códigos, valores e símbolos ligados às posições sociais. Ou seja, a representação social é um conhecimento prático que dá sentido aos eventos que nos são normais, com o objetivo de dar sentido ao mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa, ajudando na construção da nossa realidade, criando símbolos e estabelecendo nossa identidade. Assim como afirma Freire, a representação social é o dispositivo para remodelar a realidade e não apenas repeti-la. E ao reconstruir a realidade, possibilita diferentes formas de ver o mundo.

As representações sociais têm sua dimensão individual, resultante da avaliação particular do indivíduo – sujeito social - e outra dimensão coletiva, resultantes dos pontos comuns dos grupos sociais. Sendo assim, cada representação é composta por uma série de elementos gerais, bem como um campo particular aos indivíduos e aos subgrupos, integrantes da sociedade. Cada subgrupo apresenta um conhecimento que lhe é pertinente, podendo ser considerado como uma sub-representação. A junção dessas diversas sub-representações nos fornece a representação social global, formada pela representação coletiva e por facetas que não são comuns a todos, porém são relevantes a certos subgrupos sociais.

Alguns fatores irão interferir na constituição das representações sociais, como a orientação política e cultural, o papel do indivíduo e dos subgrupos sociais no corpo social e o acesso aos meios de comunicação. Dessa maneira alguns elementos e imagens irão se repetir em diversos grupos e outros grupos irão ser referidos por indivíduos e grupos específicos, fazendo com que a teoria das representações sociais permita uma abordagem bastante enriquecedora, fundamentada na articulação entre o sistema cognitivo individual e as estruturas simbólicas coletivas (COSTA, 2007).

Assim, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do objeto, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000).

Segundo Moscovici, o processo de elaboração das representações sociais envolve os mecanismos da *ancoragem* e da *objetivação*. A ancoragem “é o processo que transforma algo estranho, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2007, p. 61), ou seja, torna o não-familiar em familiar, possibilitando que o objeto da representação seja integrado a um sistema de pensamento existente, seja dentro de um contexto anterior de experiências individuais, como também dentro de um contexto social mais amplo. Já a objetivação consiste na associação de uma figura ao objeto representado, é a transformação da ideia em uma forma tangível, que podem ser então, integrados a uma rede mais extensa e complexa que constitui o imaginário, como afirma Moscovici:

Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Termos apenas de comparar Deus a um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal (MOSCOVICI, 2007, p. 72).

Os processos de elaboração da representação social – ancoragem e objetivação – ocorrem de forma simultânea: para classificar algo desconhecido em um sistema preexistente, é necessário atribuir ao objeto uma figura, possibilitando que a ele seja associado um sentido, tornando-o conhecido dentro de uma rede de conhecimento, que por sua vez irá englobar diversas representações sociais sobre outros objetos. Além desses processos de elaboração, é preciso considerar a estrutura das representações sociais, e o seu tempo de seu surgimento, elaboração e divulgação.

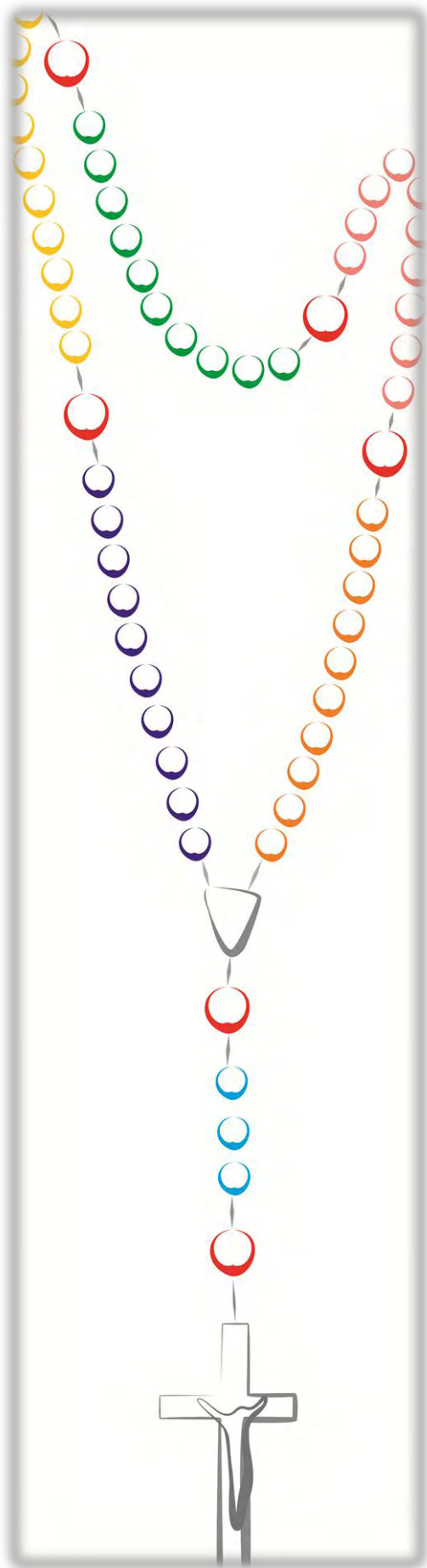
Nesta perspectiva, é possível entender que as representações sociais articulam três funções, conforme afirma Freire (1997, p. 115): “a função cognitiva, de integração da novidade, a interpretação dessa realidade e os comportamentos e condutas relacionados a essa rede simbólica”.

O contexto em que são promovidas e expressas as representações sociais pode ser compreendido, assim, a partir de uma perspectiva temporal: há o tempo mais curto, em que são expressas as representações sociais; o tempo médio, em que ocorre o tempo de socialização, com a inserção do sujeito no grupo, e há ainda o tempo mais longo em que é construída a memória social (SPINK, 2003, *apud* COSTA, 2007).

Para esta pesquisa, procurando abordar os diversos momentos desse processo – pois a atribuição ou não de valor ao patrimônio material e imaterial, aqui estudados, deve levar em conta não só os valores do tempo atual, como os sentidos dados a esses patrimônios no passado – foram realizadas entrevistas semiestruturadas que permitiram, a partir da fala, a apreensão das representações sociais dos sujeitos e dos subgrupos sociais (tempo curto), a análise da festa do Rosário, em dois anos consecutivos, e sua apropriação do espaço edificado (tempo médio), e a pesquisa dos antecedentes históricos da conformação urbana da cidade de Pombal, da festa do Rosário, bem como seus agentes produtores (tempo longo).

Os procedimentos e as técnicas a serem adotadas numa pesquisa de representação social dependerão de qual dimensão do fenômeno será estudada.

Para esta pesquisa, visando identificar a representação social do patrimônio cultural da cidade de Pombal, mostrando a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial, estabeleceu-se o objetivo de delinear a representação social dominante, sem desconsiderar a diversidade das representações existentes nos indivíduos e nos grupos sociais.



CAPÍTULO 2

A PESQUISA: POMBAL E O PATRIMÔNIO CULTURAL

PARTE I – Pombal: a Igreja de N. S. Do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário.

2.1 A formação urbana e o povoamento do sertão paraibano

Cada sociedade ao se estruturar imprime, no território, o resultado da ação humana – individual ou coletiva – através das suas especificidades culturais, construções sociais e econômicas.

A história da colonização inicial do Brasil, durante um século e meio, se desenvolveu, praticamente apenas, na faixa litorânea. As entradas⁸ às terras do interior se desenrolaram através dos donatários ou Governadores Gerais, porém nenhuma com o objetivo de fixar o homem nessas localidades.

No Nordeste, o açúcar enriqueceu a faixa litorânea, havendo assim certo desinteresse econômico, por parte da Coroa Portuguesa, em desbravar as terras distantes do mar. Dessa maneira, a história da Paraíba, de 1574, ano de desmembramento da Capitania de Itamaracá, até o ano de 1650, desenvolveu-se também no litoral. Até meados do século XVII, os seus limites eram os mesmos descritos pelo governador holandês da Paraíba, Elias Herckmans⁹ que, em 1639, comandou, pessoalmente, uma entrada ao interior da capitania apontando as áreas mais ocidentais naquele momento:

A capitania da Paraíba, situada ao norte de Pernambuco, é uma das principais províncias do Brasil. Entre os seus limites e os de Pernambuco fica a Capitania de Itamaracá que com ela confina pelo sul; ao oriente o mar oceano ou mar do Norte como os espanhóis o denominam; ao norte a capitania do Rio Grande, e para o ocidente estende-se pelo sertão a dentro até onde os moradores quiserem povoar, o que até o presente não se observa senão às montanhas da Cupaoba. (HERCKMANS, s/d, p. 7)

A partir do seu relato, percebe-se que os limites coloniais do sertão¹⁰ paraibano eram: ao norte a serra da Copaoba (atual serra da Raiz) e o curral de

⁸ Segundo Abreu (1998, pg.108), as Bandeiras eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena. O nome provém talvez do costume tupiniquim, referido por Anchieta, de levantar-se uma bandeira em sinal de guerra.

⁹ Geógrafo, poeta e cartógrafo, Herckmans na condição de Diretor da Companhia das Índias Ocidentais, governou a Paraíba de 1636 a 1639, elaborando a 'Descrição geral da Capitania da Paraíba', o mais completo relatório sobre a Paraíba (MELLO, 2008, pg. 60).

¹⁰ Nesse período, todo o território que ultrapassava o limite da colonização portuguesa, na Capitania da Paraíba, era denominado de sertão.

Jerônimo Cavalcanti, nos arredores do atual município de Pilar. Além disso, segundo Herckmans, a capitania da Paraíba era desconhecida.

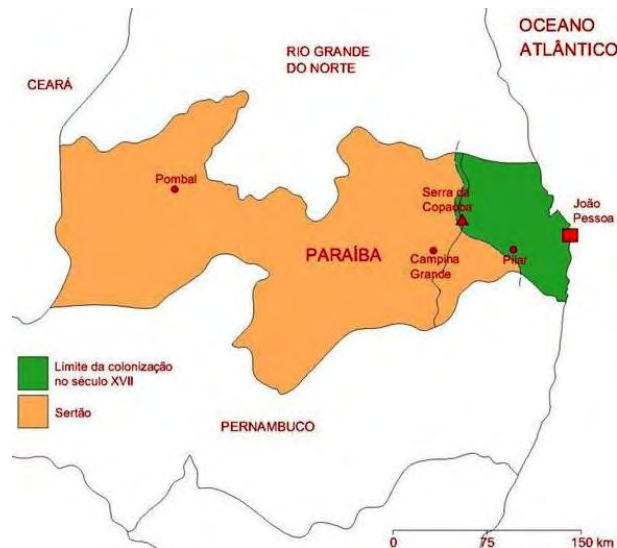


Figura 01: Limites coloniais do sertão paraibano a partir da descrição de Herckmans.

Fonte: Taise Farias, novembro de 2008.

A efetivação inicial do processo de colonização do sertão não se deu por acaso: tinha motivação principalmente econômica, no qual os Governadores, de 1654 a 1667, tiveram como principal objetivo a recuperação da economia da capitania, que estava devastada após a invasão Holandesa. A partir daí as entradas ao sertão paraibano intensificaram-se, tendo como objetivos prioritários a busca de metais preciosos e o aprisionamento de índios, para serem enviados ao litoral a fim de constituírem mão-de-obra nos engenhos.

No entanto, a pecuária foi a maior responsável pelo avanço da conquista do sertão, principalmente pela incompatibilidade desta atividade coexistir, nas áreas do litoral, com as fazendas e engenhos de açúcar, em razão dos danos provocados pelo gado às plantações. Assim, na tentativa, por parte da Coroa, de disciplinar o modelo agrário da colônia, a Carta Régia de 1701 estabeleceu que a pecuária devesse se desenvolver a 10 léguas de distância do litoral, aproximadamente 60 km, ficando os currais instalados a partir do agreste, objetivando delimitar os espaços da lavoura de exportação, da pecuária, bem como as lavouras de subsistência. Sobre a pecuária nos sertões do Brasil, Abreu descreve:

O gado vacuum dispensava a proximidade da praia [...]; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer

pela pobreza das matas, sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem tranquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se em interstício; fornecia alimentação constante [...] (ABREU, 1998, p. 132).

Neste momento inicial de povoamento do sertão paraibano, quando a administração da capitania começava a estender sua atuação ao interior, observa-se o importante desempenho da família Garcia D'Ávila, proveniente da Casa da Torre, localizada no Recôncavo baiano, que obtivera doações de faixas de terras que abrangiam desde o rio Pajeú, no atual Estado de Pernambuco, à foz do rio Grande, no Rio Grande do Norte. À sua posse habitaram colonos arrendatários da Casa da Torre, já então sesmária¹¹ do vale do Piancó, Piranhas de Cima e Rio do Peixe, na Paraíba. Assim, o povoamento vinha ocorrendo de forma esparsa, através da ocupação dos vales mais férteis dos rios, através do povoamento de ribeiras, com a instalação das fazendas de gados, cujas terras eram concedidas através das cartas de sesmarias.

Segundo Mello (1987), para o povoamento do sertão paraibano verifica-se duas linhas de penetração: uma, do sul para o norte, partindo do rio São Francisco, que através de afluentes destes, entrou na Paraíba, ultrapassando a fronteira de Pernambuco. A outra linha, no sentido leste-oeste, foi traçada pela família Oliveira Lêdo.

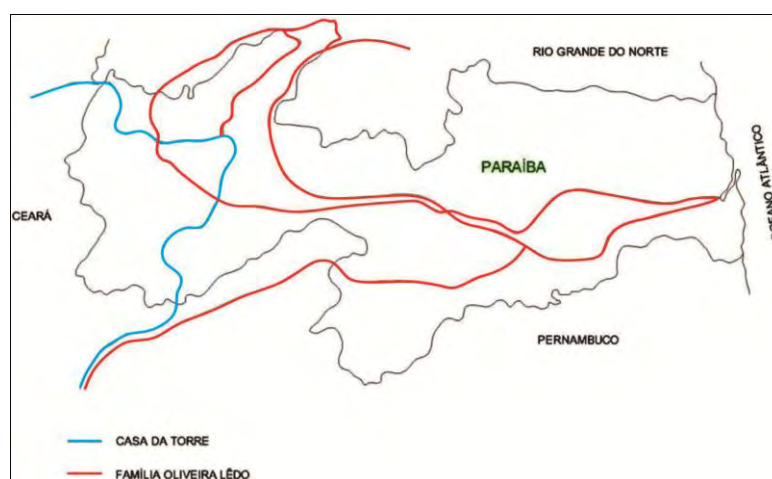


Figura 02: Mapa sobre as vias de penetração no sertão da Paraíba e seus limites territoriais.

Fonte: MARQUEZ, 2006, p. 53. Modificado por Taise Farias.

¹¹ Este sistema teve origem em Portugal e foi criado com o objetivo de promover a ocupação produtiva de terras não agricultadas através de doações realizadas pelo Estado. No Brasil, este sistema remete a colonização do século XVI, quando a concessão de sesmarias era atribuição dos donatários ou dos governantes das capitanias reais, como era o caso da Paraíba.

No entanto, os bandeirantes não ocuparam a terra, com o objetivo de fazê-la render economicamente, apenas a devastaram, reprimindo a resistência dos indígenas. A colonização propriamente dita dos sertões, isto é, a sua ocupação produtiva, coube principalmente à família Oliveira Lêdo e aos seismeiros que os seguiam:

O patriarca do grupo, Antônio de Oliveira Lêdo, estabeleceu vias de penetração, através de duas direções: a primeira, partindo da missão de Boqueirão, pelo curso do Paraíba, até o rio Taperoá, afluente daquele, cruzou o pequeno rio Farinha e subindo curso do Espinharas, nas vizinhanças de Patos, lançou-se para nordeste, a fim de, através do rio Piranhas, alcançar a região do atual município de Brejo do Cruz e penetrar no Rio Grande do Norte.

O outro braço de penetração desviou-se para o sul, a fim de, pelas nascentes do rio Paraíba, ingressar em território Pernambucano onde, chegando ao Pajeú, encontrou os colonos da Casa da Torre que por ali subiam, rumo ao alto sertão da Paraíba e ao Ceará. (MELLO, 2008, p. 74).

Sobre os representantes da família Oliveira Lêdo que efetivaram o povoamento do sertão, existe certo consenso entre alguns historiadores (ABREU, 2008; MELLO, 1987; SEIXAS, 1985), que Teodósio de Oliveira Lêdo teria sido o personagem principal da conquista do sertão paraibano, participando com maior veemência quando, no ano de 1695, organizou uma grande bandeira sob o seu comando a fim de povoar os sertões.

A penetração de Teodósio partiu do aldeamento Cariri, de Pilar, no sentido noroeste e, virando para o sul, alcançou o rio Taperoá. Seguindo em frente, atravessou o planalto da Borborema até Pau Ferrado, sobre o rio Piancó, de onde, inflectindo para nordeste, alcançou no vale do rio do Peixe, a localidade Jardim, atual Sousa. Descrevendo largo círculo, penetrou o Seridó norte-rio-grandense pela serra de Luiz Gomes e, desviando-se para o sul, alcançou a confluência do rio Piancó com o Piranhas onde, em 1698, fundou o arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó. (MELLO, 2008, p. 75).

Do arraial a que se refere o trecho acima derivou a atual cidade de Pombal, constituindo o principal centro de irradiação de povoamento que compreendeu não apenas o sertão da Paraíba, mas também territórios do Rio Grande do Norte e Ceará.



Figura 03: Mapa sobre os limites territoriais da povoação do Bonsucesso.

Fonte: MARQUEZ, 2006, p. 53. Modificado por Taise Farias.

A presença de entradistas e bandeirantes pelo sertão da Paraíba, e a motivação de capturar os índios, resultaram na chamada Guerra dos Bárbaros, ocorrida nos sertões nordestinos de 1680 a 1730, recebendo igualmente a denominação de Confederação dos Cariris, quando os índios resolveram reagir em defesa de suas terras.

Durante a Guerra dos Bárbaros, percebendo a resistência indígena após várias batalhas, Teodósio de Oliveira Lêdo regressou à capital, em 1º de dezembro de 1697, exigindo gente e munição para fundar um povoado em Piranhas:

No principio de Dezembro de anno de 97 veio a esta cidade o Capitam mor das Piranhas e Pinhancó Theodozio de Oliveyra Ledo, e me informou o estado em se achavão os Certões daquelle districto, despovoado das invazoes, e destrago que os annos paçados fizerão nelles o gentio bárbaro Tapuya, e que hera mais conveniente, que estes se tornassem a povoar com os gados, e curraes assim pela utilidade, que resultava a Real Fazenda de Vossa Magestade pello acrescimo dos dízimos, como pela conveniencia de toda esta Capitanisa, pella maior quantidade de gados, naquelles Certões se apassentam, e abundancia de pastos, que nelles há, para o que lhe hera necessário, que o ajudasse dandolhe alguá gente, e munissões, para nas ditas Piranhas fazer arrayal, e dar calor para se hirem povoando. (CARTA do capitão-mor da Paraíba, Manuel Soares de Albergaria, ao rei D. Pedro II, 1699, *apud* SARMENTO, 2007, p. 57).

Quando Teodósio de Oliveira Lêdo retornou ao sertão, em janeiro de 1698, além de levar gente e artefatos de guerra, foi enviado pelo capitão-mor da capitania da Paraíba um religioso de Santo Antônio para dar prosseguimento à catequização dos indígenas.

No ano de 1701, o Governo português, segundo documento citado por Seixas, ordena que se edifique uma igreja nas Piranhas:

El-Rei, por carta de 13 de janeiro de 1701, ao capitão-mor José de Freitas Serrão, mandou que se erigisse igreja em Piranhas e nela existisse um capelão para administrar os sacramentos aos índios à semelhança de Camaratuba e Campina Grande (SEIXAS, 1962, p.24).

A povoação de N. S. do Bonsucesso prosperou enquanto núcleo urbano, passando a ser, em 1710, sede de um julgado onde a lei se fez presente para além das fronteiras da povoação referida, tratando-se de questões cíveis e criminais. Assim, a partir desse tripé arraial-capela-julgado, em suas jurisdições militar, eclesiástica, civil e judiciária, o espaço urbano foi sendo produzido, transpondo, ao longo do tempo, diferentes estágios hierárquicos:

Uma concentração de moradias e uma capela, depois capela-curada ou visitada por um padre, quem sabe uma paróquia mais tarde. Um povoado de determinado porte aspira constituir uma paróquia ou, denominação que prevaleceu entre nós, uma freguesia. Depois tal freguesia vai almejar a autonomia municipal que, se alcançada, implicará o seu símbolo, o pelourinho, e sua casa de câmara e cadeia. Símbolo sede do município que deverão compor o templo preexistente. O ponto privilegiado topográfico já estará ocupado, a área mais prestigiada do lugar definida, o largo principal constituído [...]. (MARX, 1991, p. 12).

A freguesia seria o segundo momento relevante para a formação e desenvolvimento do espaço urbano de povoações no Brasil colonial, constituindo-se numa igreja matriz que surge como a responsável pela condução da freguesia e administração dos sacramentos aos fiéis.

A igreja matriz servia como registro de cartório e local para as eleições e posse dos governadores, capitão-mor ou senadores, numa relação viva entre o Estado e a Igreja, impedindo uma separação nítida da competência dos dois poderes. Além das celebrações religiosas, como as festas dedicadas aos santos e as demais presentes no calendário católico, sendo estes momentos de encontro social que extrapolavam os limites de sua jurisdição.

A povoação de Nossa Senhora do Bonsucesso se desenvolveu, vindo a ser eclesiasticamente elevada à categoria de freguesia por volta de 1721, data da construção da nova igreja, denominada de matriz de Nossa Senhora do Bonsucesso, cuja escritura de obrigação, feita pelo mestre pedreiro Simão Barbosa

Moreira aos Irmãos de N. S. do Bonsucesso, é um relevante documento para a compreensão do momento da construção da matriz:

Saibam quantos este publico instrumento de Escripura de obrigação ou como para sua validade melhor nome e lugar haja e dizer se possa vir que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e vinte hum annos ao vinte e coatro do mez de Fevereiro do dito anno nesta Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Pinhancó Comarca da cidade da Parahiba no Norte em casas de morada do Reverendo padre Cura donde eu Tabeleam adiante nomeado fui vindo e sendo ahi perando mim apraesceu o mestre pedreiro Simão Barbosa Moreira pessoa que reconheço pella própria de que se trata e logo por elle foi dito em minha presenssa e das testemunhas adiante nomeadas e assignadas que elle estava contratado e ajustado com a Iarmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso a fazer-lhe a sua Matriz de pedra e barro a saber: capela vinte de largo e o corpo da Igreja com sessenta palmos de comprido e trinta de largo com sua sacristia tudo feito de pedra e barro e tijolo com seu arco e portais e ginelas nesse carrio de tijolos tudo retocado e calçado ladrilhado com suas cornijas de tijolo e atelhado com suas cornijas e tijolo e atelhado com sua beirada da cumieira argamassada; e a dita obra se obriga a fazer-lhe dentro em três ou mais dando-lhe todo o necessário do que carecer para Ella, por preço de seis centos e sincoenta mil réis em dinheiro decontado a saber: duzentos mil réis em agosto próximo vindouro; e o mais dois quartéis um no meio da obra e outro quando elle acabar a obra de sua obrigação e dado caso que no termo de três annos não tenha feito dito mestre a obra que se faltar de acabar por dois homens de sã consciência que entendão do officio para se lhes pagar o seu trabalho que os ditos avaliadores julgarem cujo tempo de três annos começará a correr em primeiro de Março por diante e de como assim se obrigou mandar fazer esse instrumento nesta nota de nada assignou tendo presentes como testemunhas o Alferes Manoel Buarque Lisboa, Furtuoso Gomes de Brito, capitão-maior José Diniz Maciel que conhece o otorgante conhecidos de mim Tabeleam Alvaro de Lima Moreira que o escrevi. Ass José Diniz Maciel, Simão Barbosa Moreira, Furtuoso Gomes de Brito e Manoel Buarque Lisboa. (*apud* SEIXAS, 1962, p. 41).

Na escritura são definidos os trabalhos a serem realizados e também os materiais a serem empregados. Atualmente, encontram-se outros elementos arquitetônicos que não são citados na escritura, a exemplo da torre sineira e o cruzeiro, localizado à frente da igreja, que provavelmente foram construídos em um momento posterior ao dos primeiros trabalhos de edificação do templo.

Outra escritura feita pelo procurador da Irmandade de Nossa Senhora do Bonsucesso e pelo capitão Antônio Soares da Costa, referente a obra executada pelo mestre pedreiro, confirma a participação efetiva dos moradores mais abastados na constituição do patrimônio religioso da povoação, além da atuação da Irmandade, juntamente com os colonos, para a construção da Matriz, obra provavelmente concluída em novembro de 1724:

Escriptura de obrigação que faz o procurador tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso nesta Matriz do Pinhancó ao mestre pedreiro Simão Barbosa Moreira.

[...] capitam Antônio Soares da Costa procurador da dita Irmandade e Nicolau Barbosa de Barros tesoureiro da dita Irmandade e por elles foi dito em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas que elles se tinham concertados e avindo com o mestre pedreiro Simão Barbosa Moreira a dar-lhe em dinheiro contado seis centos e sincoenta mil réis para lhe fazer a sua Matriz de Pinhancó de Nossa Senhora do Bom Sucesso cujos pagamentos em três quartéis que lhes faremos a saber: duzentos mil reis em agosto próximo de sete centos e vinte hum e outros de duzentos em meio da obra e o resto que faltar no fim da obra de sua obrigação para o que obrigamos nossas pessoas e bens nomes e darei ainda por aver presentes e futuros e a mesma Irmandade obrigava aos pagamentos de suas esmolas e de como assim o disserão mandarão fazer esta escriptura nesta nota donde assignarão pedirão estipularão e acertarão e eu Tabeleam como pessoa do publico estipulante e aceitante o aceite em nome do ausente ou quem a favor delle tocar possa sendo a tudo presente por testemunhas o Alferes Manoel Buarque Lisboa, Futuoso Gomes de Brito, que conhecem os ortogantes e conhecidos de mim Tabeleam Alvaro Soares da Costa, Nicolau Barbosa de Brito, Manoel Buarque Lisboa, Francisco Gomes Britos. (apud SEIXAS, 1962, p. 42).

A Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, que mais tarde iria ter sua invocação modificada para N. Sra. do Rosário dos Pretos, exerceu grande influência na conformação urbana da cidade de Pombal. Ao seu redor ergueram-se as primeiras casas, uma praça, onde aos poucos se formou o traçado das primeiras ruas da povoação.



Figuras 04 e 05: Atual Igreja de N. S. Do Rosário dos Pretos, em dois momentos.
Fonte: Acervo de Marcos Lacerda e Verneck Abrantes de Sousa¹² e Taise Farias, 2009.

Gradativamente a freguesia cresceu, junto com a população e a economia, processo que levou ao interesse da comunidade em obter a sua autonomia política e administrativa, através do recebimento do *status* de vila.

¹² Disponível em: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br/>. Acesso em: novembro de 2008.

Segundo Marx (1991), uma série de providências se faziam necessárias para a elevação da freguesia à condição de vila, como a definição do território com a demarcação de seus limites, a constituição de uma administração provisória até a primeira eleição para o Senado da câmara e, por último, a determinação dos terrenos para a construção da casa de câmara e cadeia e, sobretudo, do erguimento do símbolo da então autonomia alcançada, o pelourinho. Assim, estavam os poderes eclesiástico e civil compartilhando o mesmo espaço no entorno do largo à frente da Igreja de N. Sra. Do Rosário.

Com a elevação à categoria de vila, em 1772, o espaço urbano da antiga povoação de Nossa Senhora do Bonsucesso se modifica com a chegada desses novos elementos, que passam a fazer parte de sua configuração. Assim, como afirma Sarmento, em sua dissertação de mestrado:

Na vila de Pombal, a praça exercia as funções religiosa, administrativa e judicial, embora as referências apontem que apenas a igreja e o pelourinho foram instalados no seu entorno e na própria praça, respectivamente. Já a cadeia, cuja edificação encontra-se no entorno da praça, teve sua construção iniciada em 1816 (...) Mas alguma edificação deve ter sido utilizada para abrigar a cadeia, pois era fundamental a existência da mesma no núcleo urbano após a instalação da vila, no entanto, ignora-se o local de tal edificação. (SARMENTO, 2007, p. 137)

Na vila de Nossa Senhora do Bonsucesso de Pombal encontramos características semelhantes às outras vilas coloniais que estavam sendo implementadas na América Portuguesa, como a escolha do sítio – próximo ao mar, ou a beira do rio – predominância da regularidade no traçado urbano, a praça como espaço estruturante – com seus desdobramentos através das ruas, que aparecem como lugar do mercado e da troca, como lugar da festa, do ato religioso, da identificação e dos encontros - a localização dos edifícios mais relevantes em locais de evidência, os quarteirões estreitos e compridos, entre outros (SARMENTO, 2007).

Assim, como as demais cidades do Brasil colonial, a configuração do espaço urbano da atual cidade de Pombal esteve vinculada ao poder da Igreja. Contudo, a partir do momento de sua ascensão à categoria de cidade, em 1862, a Igreja lentamente vai perdendo seu poder para o Estado laico, subvertendo o tipo de paisagem urbana que se tinha. No ano de 1872 começava a construção da chamada

igreja nova, que passa a ser denominada Matriz de N. Sra. do Bonsucesso, dedicando-se a anterior a N. Sra. do Rosário dos Pretos.



Figura 06: Destaque para a Igreja de N. S. Do Rosário dos Pretos e ao centro a Matriz de N. S. do Bonsucesso. S/D.

Fonte: Acervo de Marcos Lacerda e Verneck Abrantes de Sousa¹³.

O século XX traz a “modernização” para a cidade de Pombal, com a construção de novos empreendimentos como o mercado público, a estação de trem, a rodoviária e o cinema. Mas foi somente na década de 1940 que Pombal assiste às transformações no antigo largo da matriz, com a construção da Praça Getúlio Vargas, a Coluna da Hora, o Coreto e a Praça do Bar Centenário. A paisagem urbana desse espaço ganhou construções em estilo Art Déco, contrapondo com as antigas edificações coloniais. A atual igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que possuía destaque dentro dessa paisagem, como elemento gerador da cidade, perde sua importância para as novas construções modernas.



Figura 07: Centro de Pombal com os novos elementos de “modernização”.

Fonte: Acervo de Marcos Lacerda e Verneck Abrantes de Sousa¹⁴.

¹³ Disponível em: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br/>. Acesso em: novembro de 2008.

Atualmente, o centro de Pombal está inserido em uma área de proteção do IPHAEP¹⁵, definida em julho de 2001 e publicada em Diário Oficial do Estado, em abril de 2002. Segundo o Decreto nº 22.914, o IPHAEP reconheceu o Centro Histórico de Pombal pelo “significativo valor histórico, artístico, arquitetônico, cultural, ambiental e paisagístico, para a memória daquela coletividade sertaneja, destacando-se também como referencial para a memória paraibana”, tombando um perímetro urbano em que se sobressaem os seguintes bens: A igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, o Cruzeiro, a Casa da Cultura (antiga cadeia), a Igreja de N. Sra. do Bom Sucesso, Casarão do século XIX, Escola Estadual João da Mata, Praça Getúlio Vargas e a Praça Dr. José Ferreira de Queiroz.



Figura 08: Atual centro de Pombal e o perímetro tombado pelo IPHAEP. Destaque para as construções tombadas pelo Instituto.

Fonte: Ilustração feita por Taise Farias, 2008. Mapa do IPHAEP e fotos de Taise Farias.

¹⁴ Disponível em: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br/>. Acesso em: novembro de 2008.

¹⁵ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do estado da Paraíba

O IPHAEP reconhece o perímetro urbano e as edificações do centro de Pombal como parte do patrimônio cultural da cidade, destacando nesses bens materiais as suas características simbólicas - históricas, artísticas, culturais e paisagísticas – que os caracterizam como únicos e que devem ser preservados para dar continuidade não apenas à história, mas também à memória e à cultura, nos quais são significativos para a formação da identidade da sociedade pombalense. Assim, percebemos que o patrimônio cultural não se encontra mais centrado apenas no valor de determinados objetos e sim no que esses objetos representam para a sociedade e sua cultura, pondo em prática a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial.

2.2 A presença negra no sertão paraibano e a devoção à N. S. do Rosário dos Pretos.

A presença negra, no Nordeste, pôde ser observada em diversas ribeiras sertanejas, em um contingente inferior aos existentes no litoral, já que não houve a importação de escravo para o trabalho específico, seja pecuários ou agrícolas, no sertão nordestino. Tal presença no sertão se deu efetivamente ao ciclo do algodão¹⁶, que levou às terras menos úmidas, da periferia da zona canavieira, o algodão, que se tornaria após a revolução industrial um dos produtos mais exportados do país.

Na cidade de Pombal, tal processo não foi diferente. O negro ganha o sertão paraibano a partir da economia algodoeira, no século XIX, que acabou penetrando e fixando-se nas terras do interior, conseguindo consorciar-se à lavoura de subsistência a pecuária, através do rodízio do solo. Nesse período, Pombal ainda não era reconhecida como cidade, mas já tinha representatividade na economia da província com a atividade algodoeira, motivo pelo qual a localidade passou a possuir um número considerável de escravos negros.

Entre os diversos espaços urbanos das cidades coloniais, “os africanos e seus descendentes encontraram nas irmandades católicas um ambiente onde podiam se reunir – de forma mais ou menos autônoma – reconstruindo suas identidades” (MOREIRA, 2006, p. 103).

¹⁶ Com a expansão da indústria têxtil britânica, a procura pelo algodão abriu caminho para a expansão paraibana e já em meados do século XIX a exportação desse produto já extrapolava a do açúcar.

As irmandades e ordens terceiras, vinculadas à tradição das confrarias, constituíram uma das formas mais comuns de agrupamento de leigos, cujo intuito era de promover o caráter religioso e assistencial aos seus membros. Assim, segundo Steil, as Irmandades podem ser definidas como:

[...] grupos de devotos leigos que se organizam como associações de caráter privado, não-eclesiásticas, que têm como objetivo a manutenção de um culto ou devoção. Mesmo dependendo do clero para a realização de determinados rituais, essas associações mantêm sua autonomia em relação à instituição católica em termos jurídicos e econômicos. Elas detêm a posse dos santuários e exploram economicamente os eventos que acontecem em seu âmbito. (STEIL, 2001, *apud* VALLA, 2001, p. 19).

Esse tipo de agrupamento, em que os negros se reuniam, foi frequente no Brasil colonial, cuja relação da religiosidade de raiz africana com a Igreja Católica Romana passou por um sincretismo religioso, em que as confrarias formadas ficavam sob a evocação de santos, sendo a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos a mais aceita pelos negros do Brasil.

As irmandades de Nossa Senhora do Rosário surgem sob a inspiração de São Domingos de Gusmão, por volta de 1282, ao fundar várias confrarias em Portugal, França e Espanha. Sem muita aceitação por parte dos fiéis, estas irmandades aos poucos foram levadas ao esquecimento, “só marcando um retorno mais decisivo cerca de dois séculos depois, quando da colonização européia em terras africanas” (GRESSELE, 1968 *apud* BORGES, 2008, p. 1).

Com a intensificação do tráfico de escravos para o Brasil, em 1552, a irmandade chega a Pernambuco, encontrando um solo fértil no Brasil Colonial, pois “as irmandades criam micro estruturas de poder, concebem estratégias de alianças, estabelecem regras de sociabilidade, abrem canais de negociação e ativam formas de resistências” (REIS, 1996, p. 5).

Muitas dessas irmandades negras eram criadas sem o devido conhecimento da Ordem de Cristo. Assim, o poder régio passou a ter uma preocupação maior com essas congregações leigas, pondo-as sob a vigilância da Igreja, temendo o surgimento de um espírito de independência.

Mesmo estando submetidas à Igreja, as irmandades religiosas do Brasil tinham administração própria, formada por seus membros, com corpo jurídico e cargos determinados para atender às necessidades de sua agremiação. A estrutura de cada irmandade estava ligada a seus compromissos, que eram estabelecidos

pelos estatutos da organização, de caráter inviolável, devendo ser conhecidos e seguidos por todos os membros. Neles estão descritos as finalidades, as intenções e os deveres, e a definição do corpo dirigente. Para o reconhecimento judicial de uma irmandade era necessário que o seu estatuto passasse por um júri composto de autoridades civis e eclesiásticas, e só então era dada a aprovação do estatuto e a confirmação jurídica. Segundo Russell-Wood:

[...] apesar das pequenas diferenças administrativas, todas as irmandades possuíam características em comum: Primeiro, a ênfase na prática das virtudes cristãs em palavras e atos; segundo, um espírito de responsabilidade coletiva pelo bem-estar físico daqueles irmãos (e seus dependentes) que precisassem de esmolas, assistência médica, alimentos, roupas e sepultamento; terceiro, quando os fundos permitiam, um compromisso com a ajuda caritativa aos pobres e doentes da paróquia. (RUSSELL – WOOD, 2005, p. 192).

Com a aprovação real do seu estatuto, as irmandades negras tinham então a oportunidades de agir em favor de seus irmãos. Isto promoveu a união e a assistência mútua entre negros, principalmente no que se refere à morte, em que lhes eram garantidos o sepultamento digno e amparo a sua família. Outra decorrência da criação dessas irmandades é que elas contribuíam para a união de diferentes nações negras dentro de uma mesma religião.

Até o Brasil Império, essas irmandades religiosas configuravam o principal veículo do catolicismo popular e, em troca da proteção de um santo específico, os devotos ofereciam-lhe exuberantes homenagens através das festas. Com isso, além do envolvimento espiritual, as suas relações sociais permitiam a manutenção das antigas tradições africanas através dessas festividades, como afirma Moreira:

Nas festas de cada irmandade, homens e mulheres negros, majestosamente adornados, evoluíam com sua corte pelas ruas da cidade. Mas esses grupos festivos, que pareciam irromper apenas nas comemorações aos santos padroeiros, integravam o cotidiano da agremiação com suas disputas de poder, de diferenciação social e também de construção de identidades. Nessas cerimônias quando a emoção parecia suplantar a devoção cristã, africanos e seus descendentes recriavam simbolicamente, em forma ritual, suas tradições culturais, fortalecendo na prática outros aspectos de identificação étnica. (MOREIRA, 2006, p. 114).

Cada Irmandade do Rosário deveria ter um rei e uma rainha, escolhidos pelos irmãos e coroados no dia da festa do Rosário. Estas, muitas vezes, chegavam

ao esplendor pelo colorido dos trajes cheios de joias, adereços e pela exaltação na dança, que simulava uma guerra com choque de armas brancas.

Embora, a princípio fosse uma comunidade religiosa exclusivamente de escravos, a Irmandade recebia do Estado e da Igreja *status* igual ao das Irmandades dos brancos e dos livres.

Assim, convivendo entre esses irmãos – homens e mulheres negros - continuam, nos dias atuais, a devotar seus oragos, criando importantes laços identitários e reiventando suas tradições culturais e religiosas (MOREIRA, 2006).

Na cidade de Pombal, a irmandade do Rosário foi instituída em meados do século XIX, período em que o escravo ganhou o sertão através da produção algodoeira. Contudo, existem dúvidas entre os historiadores quanto à data exata da instituição da Irmandade. Seixas afirma ter consultado os “documentos de compromisso da Irmandade do Rosário”, afirmando a sua instituição no ano de 1895:

[...] se depreende o despacho conferido ao Bispo de Olinda, D. João Fernandes Tiago Esberardi, ao preto e confrade Manoel Antônio de Maria Cachoeira, que saíra a pé de Pombal até aquela cidade com o fim de receber do prelado olindense o documento de ereção canônica para a criação da referida irmandade. De acordo com aquele despacho, firmado em 18 de julho de 1895 pelo escrivão de registro da Comarca Eclesiástica de Olinda e autorizado pelo mesmo Bispo, ficava instituída a Irmandade de N. Senhora do Rosário de Pombal. (SEIXAS, 1962, p. 232).

Em estudo sobre a festa do Rosário, quase quinze anos depois da publicação do trabalho de Seixas, Roberto Benjamin afirma que a autorização oficial não poderia ter sido na data registrada pelo historiador Seixas, sendo apenas um período aproximado, e não exato:

Acreditamos que haja uma incorreção na leitura paleográfica quanto ao ano, pois desde agosto do ano anterior, o bispo referido se achava no Rio de Janeiro, apossado como arcebispo daquela cidade. Dom Esberardi governou a diocese de Olinda de 1892 a 1894. (BENJAMIN, 1975, p. 44).

Outro dado reforça a ideia de Benjamim: a diocese da Paraíba foi criada em 27 de abril de 1892, por bula do papa Leão XII, e instalada em 3 de março de 1894. Para que a criação da Irmandade do Rosário, de Pombal, tivesse ocorrido em 1895 seria necessária que o bispo de Olinda tivesse dado autorização para seu

funcionamento em uma época em que a paróquia de Pombal já estava subordinada à diocese da Paraíba.

Segundo a tradição oral, um negro, Manoel Cachoeira (Mané Cachoeira) teria ido a Olinda, por três vezes, a pé, a fim de obter a aprovação da Irmandade do Rosário, pelo bispo daquela cidade. Contudo, Ayala (1996, p. 35), em sua tese de doutorado, afirma que “a origem das dificuldades encontradas por Cachoeira, não estaria em Olinda, mas em Pombal uma vez que o vigário local discordava com a criação da confraria”. A verdadeira identidade de Manoel Cachoeira perdeu-se, mas teria sido ele o fundador da Irmandade, o introdutor da festa e o propagador da devoção, sendo incorporado na literatura de Pombal como um homem religioso, de fé, honesto e trabalhador.

Essa autorização por meio do documento canônico foi um dos primeiros passos para a organização da Irmandade. Assim os negros puderam elaborar um documento que designava os cargos e as funções dos membros, constituindo o primeiro estatuto.

A principal atividade da Irmandade é a festa em honra de N. Sra. do Rosário dos Pretos, realizada anualmente, tornando-a em um momento de firmar a força da devoção do povo e de seus membros. A festa promovida pela Irmandade, além de ser uma manifestação cultural, pode ser entendida como momento de alegria, transgressão da ordem e a oportunidade para questionar a sociedade vigente e afirmar seus valores culturais e religiosos. A religiosidade e a festa representaram e representam para os negros, expressões importantes na sua vida cotidiana que contribuem para (re)afirmar sua identidade cultural de raiz africana.

A festa do Rosário em Pombal se apresenta como um acontecimento de múltiplos eventos, no qual é impossível separar o sagrado do profano, através das missas, procissões, cerimônia de posse do rei e da rainha da Irmandade, comidas, bebidas, intercalados em um complexo ritual das representações dramáticas dos grupos culturais, Congos, Pontões e Reisado.

2.3 A festa do Rosário em Pombal

2.3.1 Os protagonistas

A festa do Rosário é promovida pela Irmandade do Rosário de Pombal. Além dela, têm papel fundamental na realização da festa a paróquia, os fiéis e três grupos populares de dança – os Pontões, os Congos e o Reisado.

O cargo mais alto da Irmandade do Rosário, segundo o seu estatuto, é o de Juiz. Além dele dirigem a entidade outras doze pessoas – os “irmãos de mesa” – dentre eles há os que ocupam os cargos de escrivão, zelador e tesoureiro. Os demais membros da confraria são chamados de “irmãos de devoção”, sendo todos empossados através de eleição secreta.

Conforme entrevista concedida por dois membros da Irmandade, João Coremas e Edmílson¹⁷ - rei e escrivão - respectivamente: para ingressar na Irmandade os membros devem ter a cor “parda”, ser de boa conduta e moral e desviados de vícios. Os homens devem ser maiores de 14 anos, podendo ocupar um cargo efetivo a partir dos 18 anos, enquanto as mulheres, maiores de 12, não podem ocupar nenhum cargo, compondo apenas o grupo das “irmãs de devoção”. Atualmente a irmandade é composta por 8 homens, além do rei, da rainha e das irmãs de devoção. As decisões da irmandade são tomadas em duas reuniões extraordinárias que acontecem durante o ano: no 1º domingo de janeiro, no qual ocorre a prestação de contas e a avaliação da festa do ano anterior, e outra no 2º domingo de agosto, onde os novos candidatos aos cargos são eleitos e a festa do Rosário é organizada.

O juiz da Irmandade é também o rei da Festa do Rosário. Ele é escolhido pelos “irmãos de mesa”, não tendo mandato fixo, podendo ser substituído a qualquer momento. Contudo as referências a antigos juízes indicam ser muito mais comum que eles deixem o cargo apenas quando já estão em idade bastante avançada. Os “irmãos de mesa” elegem ainda a rainha da festa do Rosário que, como o rei, também pode ser substituída a qualquer momento. Sendo assim, o tempo de reinado da rainha não necessariamente acompanha o do rei.

¹⁷ Entrevista realizada durante a festa do Rosário, em outubro de 2010.

Os membros da Irmandade vão às ruas durante todo o período das festividades, com o objetivo de angariar fundos para a confraria. Os “irmãos de mesa” saem, durante a festa, trajando calça e camisa brancas; sobre a camisa um colete azul, em parte coberto pela opa branca. O juiz da Irmandade e também rei da festa veste um corpete azul com bordados dourados sobre uma camisa branca de mangas compridas, calça branca e, na cabeça, traz a coroa. A rainha veste um vestido de festa branco e traz na cabeça uma pequena coroa.



Figuras 09 e 10: Membros da Irmandade do Rosário durante a Festa do Rosário, em outubro de 2010.

Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010.



Figuras 11 e 12: Os atuais rei e rainha da Irmandade do Rosário durante a festa do Rosário, em outubro de 2010.

Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010.

Segundo os irmãos da Irmandade do Rosário, dos grupos culturais ligados a ela, os mais antigos são os **Pontões**.

Os Pontões são um grupo exclusivamente masculino, que atualmente conta com sete integrantes. Eles se exibem em duas alas, com trajes simples nas cores vermelho e azul. Na cabeça usam chapéus de palha enfeitados de fitas coloridas. Trazem lanças com pontas de maracás enfeitadas com fitas de diversas cores e usam estas lanças tanto para abrir caminho nas procissões como para fazer figurações de danças, sobretudo para marcar, com os maracás, o ritmo de suas músicas.

O seu chefe é chamado de “Capitão dos Pontões”, que dirige o grupo, usando um apito durante suas apresentações, se destacando dos demais pela roupa branca e chapéu militar. Temos ainda o caixa – encarregado de guardar o dinheiro arrecadado pelo grupo nas ruas – pelos pontões propriamente ditos e pelos músicos, constituindo a guarda do rei e da rainha da Irmandade durante as procissões.

Os Pontões, da mesma forma que a Irmandade, começam a atuar no primeiro dia da festa do Rosário, com o levantamento do mastro, continuando a sair até o último dia de festa. Nas ruas, pedem e recebem dinheiro dos pedestres, mediante um pequeno ritual: um dos pontões passa sua lança sobre a cabeça de uma pessoa, de modo que as fitas toquem sua cabeça e ombros, dando-lhes sorte e benção.



Figuras 13 e 14: O grupo dos Pontões.

Fonte: Acervo de Marcos Lacerda e Verneck Abrantes de Sousa¹⁸. Acervo de Taise Farias, 2010.

Outro grupo presente na festa do Rosário em Pombal é dos **Congos** ou “pretinhos do Congo”, como preferem ser chamados, que se apresentam com dramatizações, cortejos e embaixadas, conservando o sistema de coração.

¹⁸ Disponível em: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br/>. Acesso em: novembro de 2008.

A origem do Congado está na África, no cortejo aos reis Congo. O cortejo ao Rei e a Rainha era uma expressão de confiança dos súditos aos governantes que lhes proporcionavam, entre outras riquezas, a prosperidade e a paz. Segundo Gabarra, em artigo desenvolvido sobre o Congado:

Quando no século XVIII, o Império do Congo na África, sofreu uma grande incursiva colonialistas portuguesas foram vendidos, entre os negros aprisionados para serem escravos, vários membros das famílias que disputavam o trono do Congo. No Brasil, esses membros da família real africana foram motivo aglutinador da comunidade negra, que uniu através da cultura bantu, as diferentes etnias africanas em novas relações sociais – formadas em sua maioria, ao redor das Irmandades católicas. (GABARRA, 2003, p. 3).

Foi para sobreviver à dor da escravidão e do exílio que os escravos trazidos da África para o Brasil trataram de se unir, harmonizando os seus ritos ancestrais, da melhor forma possível. Dessa maneira, os conjuntos religiosos representaram um elo importante, através dos quais os afrodescendentes podiam expressar suas necessidades de defesa e proteção, seus desejos de liberdade, de caridade para com o próximo e de solidariedade humana.

Segundo seus membros em Pombal, acredita-se que tal manifestação trata-se de uma versão local, ou de uma adaptação da versão olindense desaparecida, embora mantenham características gerais e comuns às de outras regiões.

Os Congos são um grupo exclusivamente masculino, constituído por onze indivíduos que cantam e dançam e um ou dois músicos que tocam viola. No folguedo se destacam três personagens: o rei, o secretário e o embaixador. Durante suas apresentações o grupo se divide em duas alas de cinco participantes cada, distinguidas pela cor de suas camisas: os cordões azul e vermelho. Os dois cordões vestem saias rendadas brancas, por cima de outra de armar com aro de arame, sobre calças brancas. Na cabeça portam chapéus afunilados, na cor da blusa. O secretário e o embaixador encabeçam cada qual um cordão, sendo o rei dos Congos a figura central.



Figuras 15 e 16: O grupo dos Congos

Fonte: Foto retirada durante a missão de pesquisa folclórica, Luis Saia, 11 de abril de 1938. Acervo de Taise Farias, 2010.

O grupo apresenta-se apenas na ocasião da festa do Rosário. No último dia da festa, acompanham a procissão até a Igreja, onde assistem a missa, e logo depois se exibem isoladamente dos outros grupos, com a música marcada pelos maracás e os passos da dança, que é executada em quatro passos: *aboi*, *zabelinha*, *tesourinha* e *volta em cheia*.

No Congado, os antepassados escravos, os fundadores da irmandade, reis, rainhas e entes falecidos são sempre lembrados e reverenciados, sendo este um folguedo fiel aos ancestrais.

O grupo permanece como fator identitário da comunidade que o pratica. Preservam uma tradição ao mesmo tempo em que se mostram dinâmicos, e por esse motivo permanecem vivos ao longo do tempo, apresentando um espetáculo de cores, música, dança e cultura popular.

Em Pombal, temos também o **Reisado**, que se apresentava de início na Festa de Natal, simbolizando os reis magos que chegavam para presentear o menino Jesus, só depois passando a integrar os festejos da Irmandade do Rosário, sendo nela o grupo cultural mais recente. Os ritmos das músicas e danças são marcados por um violão e pandeiro, um apito, sapateado e o canto ritmado com o conjunto.

O reisado chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, que ainda conservam a tradição, celebrando o nascimento do Menino Jesus, sendo conhecido como “Reisada” ou “Reisado”: a festa é marcada pela saída de um cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo.

No Brasil, o reisado é formado por um grupo de músicos, cantores e dançarinos que percorrem as ruas da cidade, de porta em porta, pedindo doações e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam.

O reisado é comemorado em várias regiões brasileiras, principalmente no Norte e Nordeste, onde ganhou cores, formas e sons regionais. Os temas de seu enredo variam de acordo com o lugar e o período em que são encenados: tratam de amor, guerra, religião, entre outros assuntos.

É uma das tradições populares mais ricas e apreciadas da cultura popular do Brasil, principalmente na região Nordeste.

Atualmente, em Pombal o grupo vem sofrendo com a desmotivação de seus membros, tanto que no ano de 2010 o grupo não se apresentou na festa do Rosário, estando presente apenas um de seus integrantes, vestido a caráter, durante as procissões.



Figuras 17 e 18: O grupo dos Reisados

Fonte: Foto retirada durante a missão de pesquisa folclórica, Luis Saia, 11 de abril de 1938. Acervo de Júnior Telmo, s/d.

Assim, temos na Irmandade e nos grupos culturais um incontestável cunho afro-brasileiro, que nos diz respeito a sua organização e produção cultural. Cada grupo com sua organização própria, com suas indumentárias e danças se apresentando na ocasião da festa à N. Sra. do Rosário, preservando sua cultura e identidade, que é mantida através da família e da tradição oral. Tais grupos possuem um valor significativo na festa pelo seu sincretismo entre o catolicismo português, que fornece os elementos europeus de devoção a N. Sra. do Rosário, e a cultura de raiz africana, com os seus ritmos, danças, cantos e indumentárias.

2.3.2 A festa

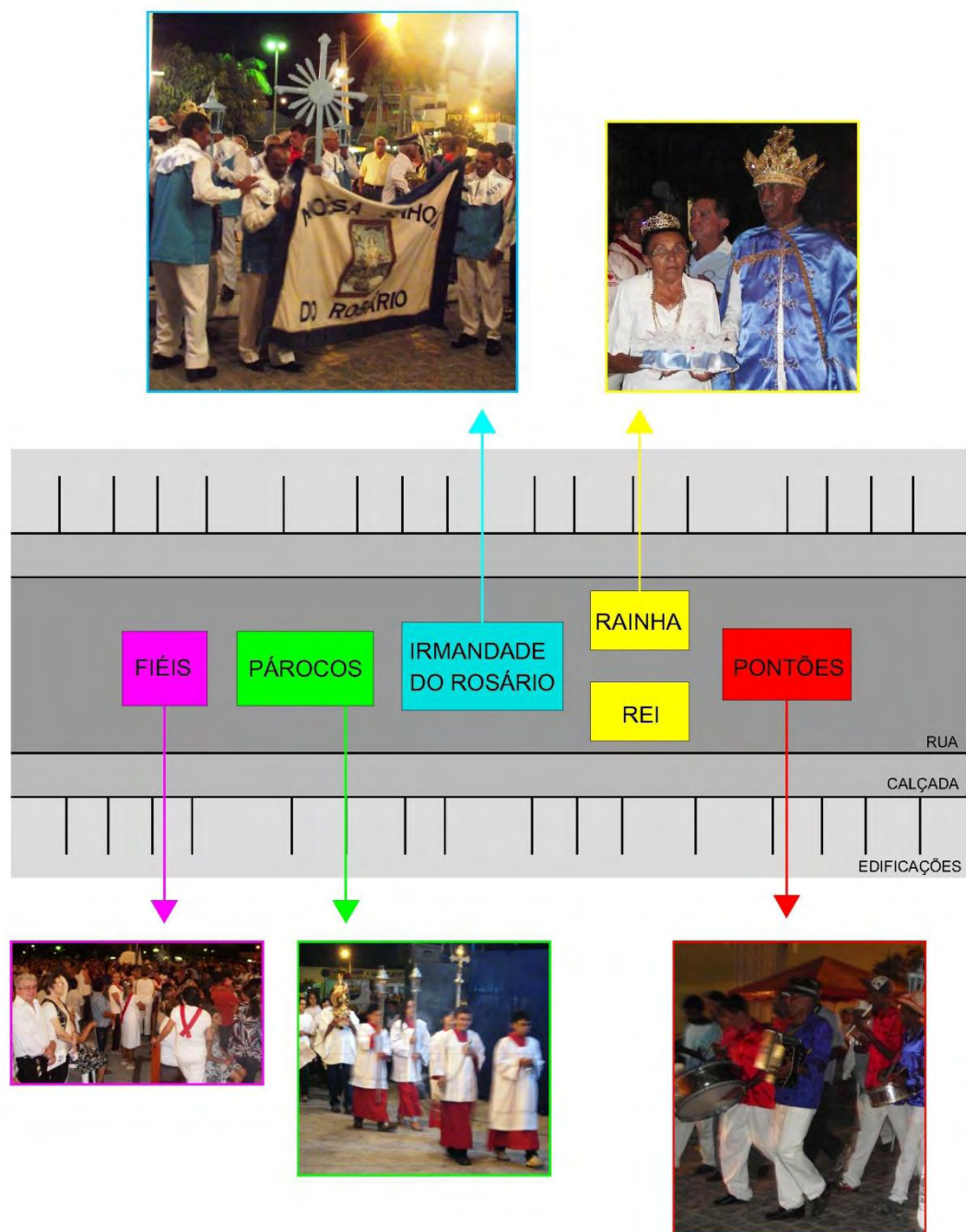
As festividades na cidade de Pombal dedicadas a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – a chamada festa do Rosário – realizam-se anualmente reunindo além de moradores da cidade e arredores, também muitos pombalenses que moram em outras localidades. A festa tem início nove dias antes do primeiro domingo do mês de outubro, quando acontece a principal procissão em honra à santa de devoção, estando dentro da semana em que se comemora o dia de Nossa Senhora do Rosário (07 de outubro).

Em 2010, os festejos na cidade tiveram início em 30 de setembro e estenderam-se até 10 de outubro. Apesar de o processo eleitoral ter ocorrido no dia 3 de outubro – fato que, segundo membros da prefeitura, comprometeria a participação da população – a data tradicional de realização da festa foi mantida, que se convencionou ser o primeiro domingo de outubro como o ápice da festa, e os nove dias anteriores com a novena no largo da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos.

A festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é promovida pela Irmandade do Rosário. Além dela tem papel fundamental na realização dessa festa, três grupos populares de dança – os Pontões, o Reisado e os Congos- e os devotos de Pombal e arredores, que dão ao novenário e às procissões a sua característica religiosa, mas, juntamente com os irmãos da Irmandade do Rosário, através do sincretismo religioso, mostram que a festa é para todos, que ela possibilita participações diferenciadas, de acordo com as especificidades de cada um dos grupos que dela participam.

A festa tem início com a primeira procissão saindo da Igreja do Rosário com destino a casa de um devoto – aquele que arrecadou mais fundos para a Igreja no ano anterior – em busca do Rosário de prata e cristal, pertencente à imagem de N. Sra. do Rosário. Saindo da casa, a Irmandade do Rosário abre o cortejo com uma grande cruz azul, seguindo em duas alas, todos vestidos com roupas azuis e brancas. Ao centro o rei e a rainha conduzem o Rosário, em uma pequena almofada. À frente da Irmandade os negros dos Pontões abrem caminho com suas lanças-maracás enfeitadas de coloridas fitas, marcando os passos da dança, além de cumprirem a função ritual de guarda de honra do rei e da rainha.

A procissão chega à Igreja de N. Sra. do Rosário, entre a música dos pontões e os fogos, onde é celebrada a primeira missa da novena. No altar, a imagem de Nossa Senhora do Rosário espera o Rosário propriamente dito, trazido pelo rei e pela rainha da Irmandade. Ao fim da missa está aberta oficialmente a festa do Rosário de Pombal. A partir desse dia, até o fim da festa, o sino é tocado às 5, 12 e 17 horas, junto com os fogos de artifício.



Figuras 19: Esquema gráfico das procissões na festa do Rosário, em Pombal.
Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010 e 2011.

A histórica instituição da festa a N. Sra. do Rosário ressalta o rosário como forma de solicitar e agradecer a Deus a consagração das vitórias. Rosário é uma palavra proveniente do latim “rosarium” e significa “coroa de rosas”. Tem sua origem na Idade Média, quando os vassalos ofereciam a seus soberanos coroas de flores em sinal de submissão e respeito. Depois os cristãos adotaram este uso em honra a mãe de Jesus, oferecendo-lhe com o rosário, sua homenagem e seu respeito.

A semana segue com a novena, realizada ao fim da tarde, no largo da Igreja do Rosário onde o altar é colocado em cima de um palanque. Após as missas a festa continua nos bares e nos parques.

No sábado, imediatamente posterior à novena, sai uma nova procissão, com destino à “Casa do Rosário”, situada na rua de mesmo nome. Chegando lá os negros dos Pontões se postam à porta da residência e cruzam as lanças de fitas, sob as quais passam os irmãos da irmandade, o rei e a rainha e os padres. Na sala da casa, tem-se um pequeno altar, ladeado por imagens de santos e velas acesas, onde o Rosário ficará exposto durante toda a noite, sob vigília de alguns irmãos da Irmandade e muitos fiéis que, durante a noite, vão rezando o rosário.



Figuras 20 e 21: O rosário de prata sendo levado pelo rei e rainha durante as procissões.
Fonte: Acervo de Jr. Telmo, 2003 e 2009.

Na manhã seguinte, ocorre a grande procissão de retorno à Igreja do Rosário, para o encerramento da festa. Às seis da manhã, os padres saem junto com os Pontões e os outros membros da Irmandade rumo à casa do Rosário. Uma multidão

aos poucos vai se juntando à procissão, cantando e rezando à N. Sra. do Rosário. Chegando à casa do Rosário, os fiéis reunidos ao longo de todo o cortejo louvam à Nossa Senhora, enquanto o rei retira o Rosário para ser colocado de volta a imagem de N. Sra. do Rosário, que está à sua espera no altar em frente à Igreja. De volta à Igreja do Rosário, ao passar pela Estação ferroviária, os Congos se juntam à procissão e seguem cantando e dançando até a Igreja.

Chegando ao largo, é celebrada a última missa campal da novena. Ao seu final, os grupos do Congo e Pontões se apresentam no altar. A missa campal realizada logo após a chegada da procissão ao largo é o acontecimento religioso mais importante da festa. No centro do palanque montado em frente à Igreja, onde localiza-se o altar, é colocada a imagem de N. Sra. do Rosário, ladeada pelo rei e rainha da Irmandade.



Figuras 22 e 23: A imagem de N. S. do Rosário, durante a festa, no ano de 2010.

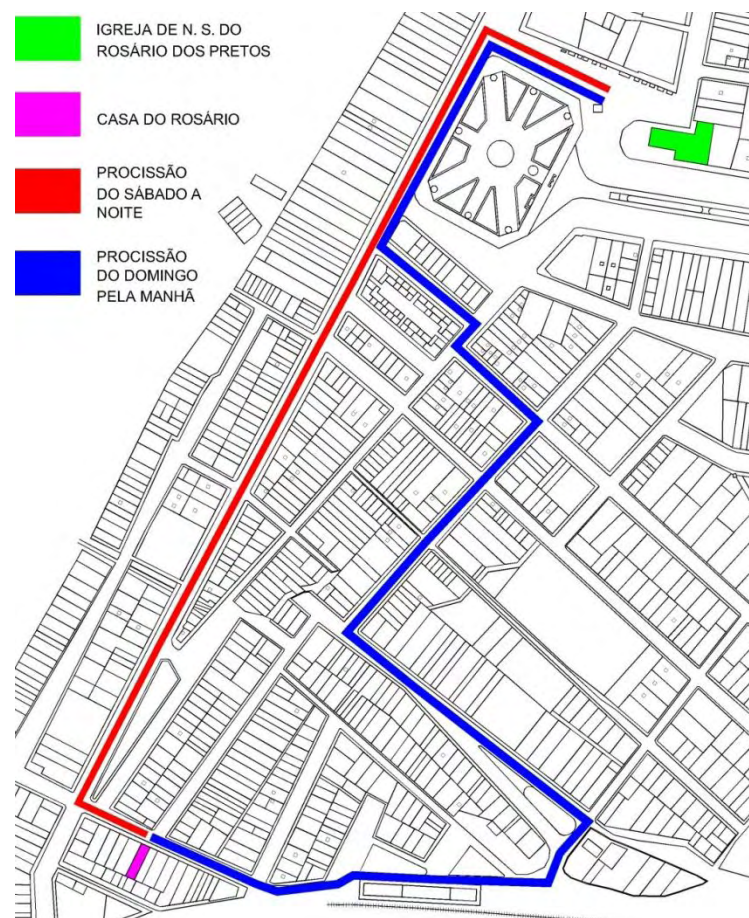
Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010.

Segundo Steil, a devoção às imagens é central para o catolicismo tradicional. Nestas imagens o invisível se torna acessível e palpável, estabelecendo a comunicação entre os vivos e os mortos:

A imagem de um santo, portanto, não é apenas a representação que evoca alguém que esteve entre os vivos, mas é um 'sacramento': algo que torna presentes no mundo visível, de forma eficaz e real, personagens que transitam entre os vivos e os mortos. Ou seja, há uma relação entre a

imagem e o santo que os torna uma única e mesma coisa. Por isso, os lugares e as imagens têm no catolicismo tradicional um sentido particular e uma singularidade que ultrapassa qualquer tentativa de racionalização ou generalização (STEILL, *apud* VALLA, 2001, p. 23).

Por fim, a bandeira da festa é arriada e o mastro retirado do largo, sinalizando a saída da última procissão, rumo à casa de outro fiel, onde o Rosário ficará até a festa do ano seguinte. O sino e os fogos determinam o final da parte religiosa da festa do Rosário, que continua suas atividades nas praças, bares e parques.



Figuras 24: Esquema gráfico das duas principais procissões da festa do Rosário, em Pombal.
Fonte: Taise Farias, 2011.

Diante do exposto, percebemos que a festa do Rosário confere à cidade de Pombal um significado particular, apresentando uma linguagem própria, marcada pela peculiaridade histórica, pela singularidade do patrimônio construído, mas principalmente, pela riqueza cultural que envolve uma mistura de signos e tradições, consequência da mescla cultural dos grupos que a compõem, e que caracterizam o patrimônio local.

2.3.3 Os lugares da festa

O centro da cidade de Pombal é também o espaço central da festa do Rosário, onde as suas principais atividades partem ou terminam no largo da Igreja do Rosário.

O espaço da festa é organizado de forma a abranger todos os grupos participantes e todas as festas que a compõem, mesmo sendo o lado sacro do festejo, aquele que encoraja a prática e induz o compromisso da continuidade e da criatividade para as festas dos anos seguintes.

Pombal se preparou para a festa quinze dias antes do seu início, e ao chegar à cidade, no dia 30 de setembro de 2010, foi percebido que o lugar da festa não estava delimitado apenas pelos seus elementos urbanos permanentes, mas, sobretudo, pelos novos componentes incorporados ao espaço, como enfeites, barracas, palcos e parques, espalhados pela via principal da cidade e pelo largo da Igreja do Rosário, transformando o espaço cotidiano no espaço festivo e sagrado.

Deste modo, “as festividades religiosas ultrapassaram a área limitada do interior dos templos, avançando para o espaço público, a céu aberto, possibilitando um deslocamento das manifestações e ritos baseados no estímulo da fé, da devoção e da oração, para objetivos profanos” (SANTANA, 2009, p. 61). Dessa maneira, o patrimônio material configura o ambiente para os acontecimentos e eventos ligados a imaterialidade, assim como afirma Chagas:

Esse patrimônio material, documento inquestionável dos feitos artísticos e históricos, memória das realizações das comunidades – no tempo e no espaço – configura a ambiência, a cenografia por assim dizer, para que nela se desvele o acontecimento do grande teatro da existência humana. Palco privilegiado dos eventos vinculados à imaterialidade cotidiana dos exercícios dos saberes e fazeres, da realização das tradições, da efetivação do tirocínio político. Em suma: do conjunto das práticas que inoculam nos espaços as qualidades imateriais que os transformam em lugares plenos de significados, e que os tornam repositórios de identidade, relicários de lembranças privilegiadas (CHAGAS, 2004, p. 16).

Assim, por meio da festa – prática essencialmente social – são atribuídos valores ao espaço urbano que ultrapassam a esfera objetiva, ligado mais aos símbolos, às relações afetivas com o espaço, à identidade e à memória individual e coletiva do que ao sentido geográfico do termo. Aqui o patrimônio material – edificado e urbano- ultrapassa o conceito de lugar e espaço físico, para ser um

“lugar de memória, que apresenta dimensão material e funcional, mas principalmente simbólica” (NORA, 1993, p. 21).

No largo da Igreja do Rosário, um grande palanque foi montado para celebrar as missas da novena, juntamente com outro montado em sua lateral, para a apresentação de bandas religiosas, e ambos compunham o espaço para as celebrações religiosas. No interior da Igreja ou no seu largo, os devotos participaram da festa orando, pagando promessas, se confessando e cantando com fé à Nossa Senhora do Rosário.

Nesse momento, a Igreja do Rosário adquire uma maior importância na configuração espacial e religiosa em função da festa, pois o centro religioso de Pombal, no restante do ano, é a matriz de N. Sra. do Bonsucesso, distante apenas algumas dezenas de metros da Igreja do Rosário, que normalmente tem suas portas abertas apenas aos domingos.



Figuras 25 e 26: A festa do Rosário, em dois momentos.

Fonte: Acervo de Marcos Lacerda e Verneck Abrantes de Sousa¹⁹. Acervo de Taise Farias, 2010.

Ao longo de todo o canteiro central – Praça Dr. José Ferreira de Queiroz – parques infantis e barracas de comidas e brinquedos foram montados compondo, juntamente, com as outras barracas na Praça Getúlio Vargas, o espaço de celebração da festa após as missas, denotando as diferentes maneiras de viver a religião entre a devoção e o lúdico.

O parque de diversões, as barracas de jogos, os bares, lojas, hotéis, ou seja, todo o comércio local se beneficiam economicamente da festa, além da Irmandade

¹⁹ Disponível em: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br/>>. Acesso em: novembro de 2008.

do Rosário e da própria Igreja, que recebem muitos donativos durante a realização do evento.



Figuras 27 e 28: O parque e as barracas de jogos ao longo da Praça Dr. José Ferreira Queiroz.
Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010.

Outros lugares extremamente importantes na configuração das atividades religiosas da festa do Rosário são as ruas por onde passam as procissões e a própria casa do Rosário. Segundo Ayala, um conjunto de casas, localizadas na atual Rua do Rosário, pertencia à Irmandade do Rosário, que as alugava como meio de aumentar suas rendas. Do conjunto resta hoje apenas a casa do Rosário que, durante a festa, se torna um local sagrado onde se guarda o rosário e para onde os fiéis se dirigem.



Figuras 29: Os fiéis em frente a casa do Rosário.
Fonte: Acervo de Taise Farias, 2010.

A festa do Rosário de Pombal, como se vê, ocupa múltiplos espaços da cidade, transformando-os em “lugares de memórias” com caráter religioso, outros propriamente profanos, e outros ainda reunindo ambos os atributos. É através

dessas diferentes manifestações que os participantes que compõem a festa interagem com o espaço, organizando, recriando e interrompendo o cotidiano.

Assim, a festa é única, uma nunca será igual a outra, principalmente com relação à participação dos indivíduos, ainda que o objetivo seja o mesmo. Isto porque os participantes serão sempre distintos. Dessa maneira, a maior riqueza dessas festas é o conjunto de possibilidades de continuidade e inovação, o que as faz serem sempre atuais.

PARTE II – Procedimentos de pesquisa: instrumentos de investigação e análise.

2.4 Procedimentos metodológicos

Partindo-se das leituras até aqui realizadas sobre os princípios teóricos e os estudos que tratam das representações sociais, percebeu-se não existir um método próprio dessa teoria.

Os procedimentos metodológicos a serem realizados irão depender do objeto de estudo. Contudo, por se tratar de questões referentes às representações sociais, seus suportes devem ser analisados, como a fala, o comportamento, os documentos e as práticas cotidianas. Para esta pesquisa utilizou-se da fala como o principal suporte para analisar as representações sociais relativas ao patrimônio cultural e de que forma os bens materiais se encontram indissociáveis dos bens imateriais.

Na bibliografia consultada constatou-se certo consenso de que a pesquisa é, na maioria das vezes, qualitativa, pois ela possibilita a compreensão do objeto estudado a partir da perspectiva dos sujeitos. Na pesquisa qualitativa, o grupo pesquisado deve ser adequado aos objetivos do estudo, sendo mais usual se trabalhar com diferentes grupos da sociedade, que evidenciem as representações a serem estudadas.

2.4.1 Grupos pesquisados

Para esta pesquisa, a abordagem qualitativa teve início a partir da realização das entrevistas, prosseguindo com o tratamento das informações através da análise do conteúdo.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, a definição do tamanho do grupo a ser pesquisado é feita a partir de diferentes critérios estabelecidos na pesquisa quantitativa. No estudo qualitativo o critério numérico não determina a representatividade, neste caso se deve trabalhar com determinados grupos ou sujeitos de diferentes populações, que evidenciem a representação em foco.

Considerando ainda que, para a teoria das representações sociais, o indivíduo não deve ser considerado isoladamente, mas também como integrante de um grupo social, o que significa que as dimensões individuais e coletivas são abordadas, é preciso estudar certo número de casos para conseguir captar os elementos comuns e as divergências entre as representações sociais dos sujeitos e dos grupos.

Partindo desse ponto, para a seleção do grupo pesquisado, no presente estudo, seguiram-se os critérios da análise qualitativa e as exigências em relação a sua representatividade. Assim considerou-se que para atingir os objetivos inicialmente propostos, os grupos a serem entrevistados deveriam ser compostos por indivíduos em diversas posições sociais que anunciassem representações distintas:

- **Grupo I:** Moradores com residência no perímetro tombado pelo IPHAEP;
- **Grupo II:** Membros da Irmandade do Rosário e/ou dos grupos culturais – Congos, Pontões e Reisado;
- **Grupo III:** Sujeitos ligados diretamente à Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos;
- **Grupo IV:** Sujeitos em posições chave da sociedade pombalense - historiadores, técnicos da prefeitura e órgãos da esfera cultural;

Algumas diretrizes foram tomadas para a definição da quantidade de entrevistados. Em primeiro lugar viu-se que a Irmandade do Rosário conta hoje com apenas oito integrantes. Quatro entrevistas corresponderiam a 50% do grupo em questão. Assim, considerou-se o número de quatro entrevistas por grupo, cogitando a possibilidade de esse total variar, conforme fossem feitas as entrevistas.

2.4.2 Instrumento de pesquisa

Com relação ao instrumento de coleta de dados, a maioria dos estudos sobre representação social entende que a linguagem é o melhor meio para a sua investigação, já que as representações estão intimamente ligadas à comunicação.

Assim, a utilização da teoria das representações sociais implica na adoção de procedimentos de pesquisa que privilegiam a fala, o que pode ser conseguido por meio de entrevistas semiestruturadas. Por meio delas podemos detectar não apenas o conteúdo, mas também as oscilações, as hesitações, e o contexto que ajudam a revelar o imaginário do indivíduo.

A maioria dos estudos em representação social privilegia a entrevista semiestruturada, onde o pesquisador lança uma série de perguntas e temas que servem para guiar a entrevista, mas deixando liberdade ao entrevistado em discorrer mais longamente sobre os pontos que julgar relevantes. Para esta pesquisa se deu a escolha da entrevista semiestruturada, pois esse tipo de roteiro não é extremamente aberto, o que dificultaria o desenvolvimento do trabalho, nem restringe o universo de respostas, permitindo que o indivíduo enuncie seu modo de pensar.

Para a elaboração das entrevistas foram seguidas algumas diretrizes: procurou-se partir de perguntas mais simples para as mais complexas; utilizando palavras simples, sem recorrer aos termos técnicos; e que evitassem ambiguidade ou recusas em responder. O roteiro final (em anexo) foi embasado nos princípios teóricos da representatividade social e nas indicações das pesquisas qualitativas. Seguindo a linha de raciocínio de que o entrevistado partisse de uma imagem ou símbolo que fosse imediatamente associada à cidade de Pombal, iniciando a discussão do conceito e identificação dos patrimônios de Pombal, seguido pela descrição da festa do Rosário e de sua relação com a cidade e o sujeito. O objetivo era que, ao final das entrevistas, fosse possível identificar o sistema de valores da sociedade pombalense em relação ao patrimônio cultural da cidade de Pombal.

2.4.3 Procedimento de coleta de dados

Após a definição dos grupos a serem entrevistados e da elaboração do instrumento de pesquisa, seguiu-se a campo para a realização das entrevistas. Não

foram realizados testes piloto, nem modificação nas perguntas durante as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas no período de 19 a 21 de março de 2011, pela manhã e tarde, registradas em gravador portátil e depois transcritas na íntegra (em anexo). A abordagem aos entrevistados foi feita na igreja, nas ruas ou em suas casas.

Durante a aplicação das entrevistas seguiu-se o seguinte procedimento: inicialmente a pesquisadora apresentou-se explicando que se tratava de um trabalho acadêmico, do curso de Arquitetura e Urbanismo, sobre o que as pessoas achavam importante na cidade de Pombal e que a entrevista duraria cerca de 10 minutos. Primeiramente procurou-se saber os dados de identificação do entrevistado, seguido das perguntas em função da estrutura da entrevista. Ao fim, o entrevistado assinava o termo de consentimento autorizando apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e sua publicação em anais e revistas científicas.

2.5 Análise do conteúdo

No tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, com o objetivo de mostrar a representação social predominante, julgou-se que a análise do conteúdo seria mais apropriada, por permitir a identificação de um padrão – com a abordagem quantitativa – bem como o tratamento qualitativo dos dados.

A análise de conteúdo, enquanto técnica de tratamento de dados considerada cientificamente tem sua história recente. Surge nos Estados Unidos na época da Primeira Guerra Mundial, com as análises estatísticas de valores, fins, normas, objetivos e símbolos. Berelson, um dos pais teóricos da análise do conteúdo, desta época, a define como “uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações e tendo por fim interpretá-los” (BERELSON, 1952, *apud* MINAYO, 1993, p. 201).

O ponto de partida da análise do conteúdo é a mensagem. As mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, estando necessariamente vinculadas às condições contextuais de seus produtores. Como afirma Moscovici:

[...] para compreender melhor a relação que se estabelece entre o comportamento humano e as representações sociais, devemos partir da análise do conteúdo das representações e considerar juntamente, os afetos, as condutas, os modos como os autores sociais compartilham as crenças, valores, perspectivas futuras e experiências afetivas e sociais. (MOSCOVICI, 2003, *apud* FRANCO, 2008, p. 12).

Trata-se, portanto, de levar em conta as condições contextuais que envolvem a evolução histórica, as situações econômicas, socioculturais e o acesso aos códigos linguísticos, sem contar com os componentes ideológicos impregnados nas mensagens socialmente construídas, via *objetivação* do discurso, e o processo de *ancoragem*, estabelecendo como meta final o desenvolvimento da consciência (FRANCO, 2008).

Outro elemento a ser considerado é reconhecer que a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado.

Nesse sentido, concordamos com Bandim, quando diz:

A análise do conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência²⁰ de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIM, 2004, *apud* COSTA, 2007, p. 84).

Assim, em termos gerais, a análise de conteúdo relaciona estruturas semânticas (significantes), com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis, psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem (MINAYO, 1993).

Para esta pesquisa, o grande volume extraído das falas dos entrevistados, foi classificado de acordo com os temas que se destacam. Segundo Minayo os temas podem ser palavras, expressões, ou frases extraídas do texto, cuja presença ou frequência são significativas para o objeto pesquisado, considerando os critérios que embasam o estudo. Com a identificação dos temas, que permitem a categorização

²⁰ Inferência é o procedimento que vai permitir a passagem, explícita e controlada, da descrição à interpretação. Ela confere a esse procedimento (análise do conteúdo) relevância teórica, uma vez que implica pelo menos uma comparação, já que a informação puramente descritiva, sobre conteúdo, é de pequeno valor. (FRANCO, 2008, p. 29-30)

dos dados, é possível ultrapassar o conteúdo expresso pelo sujeito social e interpretar suas falas.

Segundo Costa a análise de conteúdo oscila por dois pólos: por um lado há a busca pela objetividade e por outro, há a valorização da multiplicidade da subjetividade. Assim, para essa pesquisa, utilizando a análise de conteúdo, procurou-se a frequência das unidades de significação como definidoras de um padrão de pensamento e discurso; já pelo viés qualitativo atentou-se para a presença ou ausência de temas expressivos de valores e comportamentos presentes no discurso.

Para Minayo, operacionalmente a análise temática se desdobra em três etapas:

- 1. Pré-análise:** nesta etapa, há a organização do material pesquisado, com a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa e a elaboração de indicadores que guiarão a interpretação final. Procede-se a *leitura flutuante*, que consiste em “tomar contato exaustivo com o material”, com a *constituição do corpus* da pesquisa que deve contemplar todos os aspectos levantados no roteiro, conter a representação do universo pretendido, obedecendo a escolha de temas, técnicas e interlocutores. Além da formulação de hipóteses e objetivos.
- 2. Exploração do material:** é o momento que consiste na “operação de codificação” do material coletado pelo pesquisador. O primeiro passo é o recorte do texto em unidades de registro – palavra, frase, tema, personagem, acontecimento – seguido da escolha das regras de contagem, permitindo alguma forma de quantificação, e a classificação e agregação dos dados, escolhendo categorias teóricas ou empíricas, com o objetivo de condensar de forma clara e simples elementos de significados iguais expressos de formas diferentes.
- 3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** nesta fase, efetua-se a contagem e o emprego de operações estatísticas, que devem resultar em um quadro de resultados. A partir daqui o pesquisador propõe interferências e realiza as interpretações previstas no seu quadro teórico.

Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se bem mais do que uma simples técnica de análise de dados. Nesta pesquisa a análise do conteúdo irá nos ajudar a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Contudo, deve-se considerar que, de certo modo, a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção dos dados obtidos. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui em uma interpretação. Assim, deve-se compreender que a realidade, tal como ela é não poderá ser completamente apreendida, independente do método, da técnica ou da teoria aplicada.

Para esta pesquisa a teoria da análise do conteúdo foi aplicada na tentativa de estabelecer parâmetros mais objetivos para análise das entrevistas, determinando um padrão de respostas baseado na frequência de temas, para que tivéssemos um panorama geral.

2.6 Análises das informações obtidas

Levando em conta os pontos expostos acima, relativos à teoria da representatividade social e aos métodos e técnicas da análise do conteúdo, foram definidos os procedimentos a serem utilizados na presente pesquisa.

O primeiro passo foi a transcrição rigorosa das entrevistas seguida pela sua leitura, a fim de ter uma visão geral dos dados, observando os elementos de destaque, contradições, silêncios e organização da fala.

O segundo momento foi de identificar os temas emergentes, assim como os elementos mais significativos, como palavras, expressões, ou frases que traduzissem uma ideia ou um conceito. A análise qualitativa permitiu visualizar as representações sociais existentes em cada entrevista, listando seus significados associados ao objeto em estudo, os consensos e as divergências, os elementos citados e a sua importância associados à fala. Nesse processo de interpretação buscou-se elaborar inferências, relacionando-as com o contexto pombalense, justificando-as com os conceitos e teorias apresentadas anteriormente e verificando se as proposições comprovam ou refutam as hipóteses previamente levantadas.



CAPÍTULO 3
A INDISSOCIABILIDADE DO
PATRIMÔNIO CULTURAL EM POMBAL

3.1 As representações sociais do patrimônio cultural em Pombal

O presente estudo tem como pressuposto a ideia de patrimônio cultural enquanto processo de valorização e identificação coletiva no qual a representação social é fundamental para o processo de investigação dos vínculos existentes entre o sujeito ou grupos sociais e o patrimônio cultural – material e imaterial – da cidade de Pombal, representado aqui pela Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, respectivamente.

Para tanto a identificação das representações sociais do patrimônio cultural é resultado da articulação dos conceitos e métodos expostos nos capítulos anteriores, com a narrativa da história da cidade, a apresentação da festa do Rosário e a enunciação dos sujeitos sociais. Como resultado desta investigação foram estabelecidas três temáticas em torno das quais se estruturam as representações sociais do patrimônio cultural em Pombal, a partir das quais é possível inferir com a ideia de indissociabilidade dos patrimônios materiais e imateriais:

- a representação social da dimensão simbólica da cidade de Pombal;
- a representação social do patrimônio cultural da cidade de Pombal: o patrimônio como resultado de uma atribuição de valor, o patrimônio na dimensão material e imaterial, o patrimônio como memória e identidade;
- a representação social da preservação do patrimônio cultural pombalense;

A elaboração dessas temáticas permitiu analisar como o patrimônio cultural, através de suas características materiais e imateriais, se relaciona no imaginário pombalense por meio da identificação e atribuição de valores, símbolos, memórias, sentimentos de apropriação e, por conseguinte, das representações sociais referentes ao patrimônio cultural, estabelecendo uma estreita relação entre a sua dimensão simbólica e material.

Tais induções revelam-se importantes para compreender a relação entre o sujeito, considerado isoladamente e/ou integrante de um grupo social, e o patrimônio cultural, colaborando com o conceito de patrimônio como suporte de memória e

referência para a identidade fomentando a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial.

3.1.1 O patrimônio como símbolo da cidade de Pombal

Na entrevista semiestruturada se procurou partir de perguntas mais simples e abrangentes, facilmente compreendidas pelo entrevistado, uma vez que se baseiam na experiência cotidiana do sujeito na cidade.

Assim, a questão inicial abordou a imagem, o símbolo da cidade de Pombal, tendo como resposta mais frequente a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Aqui a Igreja é lembrada “por sua beleza arquitetônica” e destacada como um “importante monumento” pertencente ao “patrimônio histórico” da cidade de Pombal, no entanto percebemos que não só as suas características físicas são citadas pelos entrevistados, mas, sobretudo sua importância histórica, ou seja, o seu significado, conferindo um sentido intangível a um bem tangível, como nos mostra as palavras abaixo:

Com certeza a Igreja do Rosário. Por que a história do nosso município está totalmente vinculada à história da Igreja, por ela ser um marco de colonização, da nossa história, da nossa gente. (mulher, 50-59 anos, nível superior).

Como símbolo Pombal tem alguns monumentos, o seu patrimônio histórico, e nada melhor do que destacar a Igreja do Rosário [...]. (homem, 50-59 anos, nível superior).

Em seguida, o item mais citado como símbolo da cidade foi a Festa do Rosário, pela sua “tradição” de cunho religioso e pelo seu “contexto histórico”. A festa como um evento baseado em fatos históricos, que são apropriados e recriados pelos grupos sociais, conta a história e reafirma os símbolos que compõe a imagem da cidade de Pombal. Sendo importante ressaltar que a menção à festa do Rosário está diretamente ligada à Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, no momento que o entrevistado reportou-se ao lugar onde a festa acontece, e ao contexto histórico que funciona como pano de fundo para essa festividade.

Dentro do contexto da história de Pombal, nós destacamos a festa do Rosário, como principal símbolo da história de Pombal. Porque é uma festa que é tradicional, é muito antiga essa festa, de quando foi construída a Igreja do Rosário. (mulher, 50-50 anos, médio incompleto).

Tem muita coisa para lembrar, mas essencial é a festa do Rosário, a tradição e a Igreja do Rosário que é a mais antiga (...). Mas eu lembro mesmo é da festa que é a tradição mesmo que ninguém apaga. (mulher, 60-69 anos, superior).

Além da Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, outros edifícios de importância histórica e arquitetônica, juntamente com a lenda da cabocla Maringá, foram citadas.

Esses dados nos foram revelados de forma geral, quando reunidos em relação aos grupos de entrevistados a ordem de frequência das respostas apresentou algumas diferenças. Para o grupo I (moradores com residência no perímetro tombado) a Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário são os mais representativos, o que pode ser explicado pelo fato de que, vivendo rotineiramente naquele espaço, selecionem elementos com os quais se identifiquem. O grupo II (membros da Irmandade e/ou grupos culturais) destacam elementos do seu convívio como símbolos da cidade, a exemplo da Igreja do Rosário, da festa do Rosário e a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Para o grupo III (sujeitos ligados diretamente a Igreja do Rosário) e o grupo IV (sujeitos em posição chave da sociedade pombalense). Dessa forma, as respostas foram bastante diversificadas, sendo igualmente citados os espaços físicos da cidade que compõe o “centro histórico” e os “pontos turísticos” como a lenda da cabocla Maringá e a festa do Rosário.

Na segunda questão foi solicitado aos entrevistados que identificassem pontos da cidade a serem conhecidos por visitantes. Tal pergunta fez com que os entrevistados se sentissem conduzidos a selecionar e classificar os lugares em uma escala de importância, elegendo aqueles mais característicos da cidade de Pombal, merecedores da atenção dos visitantes.

Primeiro eu mostraria a Igreja de N. S. do Rosário e levaria também para o Rio, uma coisa muito bonita que temos na cidade e que muitas cidades do sertão não tem um rio assim, perene o ano inteiro. (homem, 40-49 anos, médio incompleto).

Assim, de maneira geral, os entrevistados indicaram lugares considerados característicos ou peculiares da cidade, sejam eles “pontos turísticos”, “patrimônio histórico”, “de beleza natural”, ou pertencente ao “centro histórico”.

Mostrar os pontos turísticos: o rio que é uma beleza, o rio Piancó que nós temos aqui, perene de seca a seca; tem a igreja do Rosário que é no estilo barroco. Muito bonita a história da Igreja do Rosário, que seria mostrada e contada. Tem por exemplo a Estação ferroviária que é um ponto antigo, que se destaca na história de Pombal; a cadeia pública que hoje é a Casa da cultura, que tem uma história muito bonita; e muitos outros de patrimônio histórico tombados. (mulher, 50-59 anos, médio completo).

Bom, primeiramente eu acho que o cartão postal, a Praça Centenário, né. Sua beleza, eu acho muito, muito bela. E após, eu levaria aos pontos culturais, a Igreja do Rosário, a Igreja Matriz, a Casa da Cultura. Esses pontos que eu acho muito interessantes, até mesmo o rio, né. (homem, 20-29 anos, superior).

Começaria pelo centro histórico da minha cidade, a Igreja do Rosário, a antiga Cadeia, a Praça Getúlio Vargas, a Igreja Matriz, que tudo isso é patrimônio histórico. (mulher, 50-59 anos, superior).

Em relação às respostas obtidas nas duas primeiras perguntas, sobre os símbolos da cidade e os elementos de destaque, dois pontos merecem destaque: as menções às Igrejas e às demais edificações pertencentes ao patrimônio histórico da cidade, nos mostrando o grande potencial de significação dessas edificações e espaços urbanos; e a referência ao evento religioso, a lenda, e as paisagens naturais que não são justificados pelas suas características físicas e sim pelo significado desses elementos, carregados de sentidos, que falam da história e da beleza da cidade de Pombal, relacionando imaginário, simbologia e representação.

Assim, cruzando as respostas das duas questões, temos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos como a maior representação simbólica da cidade de Pombal. Os valores lhe são atribuídos enquanto monumento arquitetônico, fato histórico e, portanto, a representação social é apropriada como um dos elementos fundamentais em que os pombalenses baseiam o caráter da cidade e de sua própria identidade. Ao mesmo tempo são atribuídos valores e significados ao espaço urbano onde a Igreja do Rosário se encontra – o centro histórico – que é apropriado enquanto lugar de memória ou pelo seu uso atual, a imagem do centro oscila de uma área histórica a um espaço dinâmico em função das praças (lugar de encontro), do comércio e das festividades.

3.1.2 O patrimônio como uma atribuição de valor

As questões de número 3, 4, 5, 6, 7 e 8 tinham por objetivo tratar especificamente da concepção de patrimônio cultural, nos permitindo analisar o

patrimônio pela ótica da atribuição de valor, nas suas dimensões materiais e imateriais, e como suporte para a memória e a identidade dos grupos sociais entrevistados.

Nas questões 3 e 4 foi solicitado aos entrevistados que definissem, o termo “patrimônio” e, baseando-se nisso, listar os elementos da cidade de Pombal que para eles, eram representativos do seu patrimônio.

Ao articular as respostas da questão 3 pôde-se identificar qual o conceito de patrimônio, e em quais parâmetros, aspectos e dimensões ele é associado. Para tanto foi considerado o universo total dos entrevistados.

Assim, temos a conceituação do patrimônio como **um bem que, pertencente à coletividade**, seja tomado individualmente ou em conjunto.

Todo bem pertencente ao cidadão ou a própria comunidade. (homem, 50-59 anos, superior).

Patrimônio eu entendo como um conjunto de bens. Que representam ou que expressam a cultura, a tradição, os costumes de um povo [...]. (homem, 30-39 anos, médio completo).

O patrimônio também esteve associado à **herança, algo adquirido e passado de gerações em gerações**.

Patrimônio é, como se diz, uma lembrança de muito tempo que fica para o resto da vida. (homem, 40-49 anos, médio completo).

Patrimônio, para mim, é o que é adquirido e preservado, como os prédios tombados que são patrimônios da nossa história, da cidade de Pombal. (mulher, 50-59 anos, médio completo).

Outra resposta bastante citada foi a que associa o patrimônio a **algo antigo, que conta a história, relativo a um passado**.

Assim, ao meu entender, patrimônio seria uma coisa muito antiga que tenha na cidade e que a gente tem que preservar aquilo. (homem, 40-49 anos, médio incompleto).

Patrimônio é tudo aquilo de coisas antigas, coisas que são nossas. (homem, 60-69 anos, médio completo).

É na verdade, uma síntese de uma certa comunidade, de um certo povo, de uma história. (homem, 40-49 anos, superior).

O patrimônio é algo que guarda a nossa história, guarda muito bem a nossa história. (homem, 50-59 anos, médio incompleto).

Patrimônio é tudo que faz parte da história de um povo, da cultura, da tradição. (mulher, 50-59 anos, superior).

Alguns entrevistados relataram a ideia de que patrimônio é **algo que deve ser preservado**. Esse algo a ser conservado muitas vezes foi associado à noção de herança e tradição, sendo exemplificado através de algumas edificações, espaços urbanos e eventos:

O patrimônio é uma coisa antiga que vem de tradição, como no caso da festa de N. S. do Rosário, que é uma festa tradicional, que reúne todas as pessoas da própria cidade e de cidades vizinhas. (homem, 50-59 anos, fundamental incompleto).

Como a Igreja do Rosário, a Igreja Matriz, essa escola, a Cadeia pública, a Estação ferroviária, tudo são prédios tombados. Então são patrimônios construídos ao longo da nossa história que se torna patrimônio da cidade. (mulher, 50-59 anos, médio incompleto).

Então nós temos esse grande bem que é a Igreja do Rosário, nós temos o Coreto bar, [...] a Coluna da hora. Então é isso. É tudo que a gente tem como bem, que seja bem material, que seja bem cultural. (homem, 40-49 anos, médio completo).

Assim, com a análise das respostas obtidas na questão 3, verificamos que a noção de patrimônio elaborada pelos entrevistados associa-se, em parte, à concepção vigente no meio acadêmico e aos conceitos também encontrados nas definições de diversos teóricos do meio. Percebemos que, na maior parte das vezes, o patrimônio está associado a valores – históricos, culturais, artísticos – que ultrapassam as características físicas dos bens as quais são justificadas pelos seus significados simbólicos no imaginário do grupo social, significados esses que devem ser reconhecidos e transmitidos às gerações futuras através da ideia de herança.

Na questão 4, os sujeitos foram indagados sobre quais elementos poderiam ser qualificados como integrantes do acervo patrimonial pombalense. Ao fazer essa classificação, os entrevistados basearam-se no conceito de patrimônio elaborado na questão anterior.

Assim, temos todos os entrevistados referindo-se à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, como o principal elemento do patrimônio cultural da cidade de Pombal, a qual pode ser justificada tanto pela sua forma arquitetônica, componente da paisagem urbana da cidade desde o seu início, como pelos valores e significados que lhe foram atribuídos ao longo do tempo. A Igreja do Rosário, como vimos no capítulo anterior, está intimamente ligada à história da conformação

urbana da cidade de Pombal, e a articulação entre o fato histórico, o monumento arquitetônico e os sentidos atribuídos ao lugar através dos festejos da festa do Rosário podem juntos, ter destacado a Igreja do Rosário como o principal bem do patrimônio cultural pombalense.

Pra nós aqui, o ícone é a igreja do Rosário, claro, hoje é o principal. Porque além de falar, tem também neste ícone, uma marca, não só, social, mas uma marca religiosa. E sabe-se que o religioso, quando ele é contextualizado vai além do momento, vai além da época, atravessa gerações, atravessa história, vira tradição. Então eu acho que hoje um dos principais, é uma referência principal, eu vejo a igreja do Rosário. (homem, 40-49 anos, superior).

As outras respostas se referiam às diversas construções que compõem o centro histórico da cidade, outras ligadas às vivências individuais de cada sujeito, além da festa do Rosário como um evento de cunho histórico, tradicional e religioso. Como se pode constatar através dos depoimentos abaixo:

Arquitetônicos, com certeza, é primeiro a Igreja do Rosário, o conjunto de praças, isso incluindo a Praça Getúlio Vargas e a Praça Centenário, a Coluna da hora, a Casa da cultura. (homem, 30-39 anos, médio completo).

Os principais patrimônios são a Igreja do Rosário e a festa do Rosário que é uma festa religiosa e eu gosto. (homem, 50-59 anos, fundamental incompleto).

Eu acho que o principal patrimônio da minha cidade é esse centro histórico, é a Igreja do Rosário, é a Igreja Matriz, essas duas Praças, que eu não conheço no interior da Paraíba nenhuma cidade que tenha essa beleza. (mulher, 50-59 anos, superior).

A Casa da cultura, a própria Estação ferroviária, a Igreja do Rosário. Nós temos um cruzeiro também que é muito importante, ele é um cruzeiro praticamente esquecido, chama-se o Cruzeiro do bairro do cruzeiro, que fica na parte alta da cidade ao nascente. (homem, 50-59 anos, médio incompleto).

Como vimos no primeiro capítulo, o patrimônio é uma construção cultural, em que se estabelece uma relação bastante estreita entre as noções de valor e patrimônio, uma vez que será considerado como patrimônio cultural aquilo que é representativo para o grupo social. Isto é, o patrimônio é algo a que são atribuídos valores em certo espaço de tempo por determinada sociedade.

Essa qualificação do patrimônio a partir da atribuição de valores apareceu na fala de alguns entrevistados, especificando propriamente o valor histórico, arquitetônico e cultural, em que se percebe embutida a ideia de preservação daquilo

que é antigo, que foi herdado. É preciso ressaltar que o termo valor não foi usado expressamente pelos entrevistados, mas apareceu como ideia subjacente em diversas falas.

Assim, verificamos com a análise das questões, que os elementos mais identificados, pela população, como patrimônio, são os bens culturais apropriados pelos sujeitos, seja por comporem a paisagem urbana há bastante tempo, seja por se relacionarem a eventos festivos tradicionais da cidade, ou ainda, por consistirem em fatos históricos que compõem a memória individual e/ou coletiva dos grupos sociais, evidenciando a relação entre o conceito de patrimônio visto na questão anterior e aquilo que é usualmente classificado como tal nos meios acadêmicos.

3.1.3 O patrimônio como memória e identidade

Os valores de memória e identidade foram identificados nas falas dos entrevistados quando feitas associações entre os patrimônios culturais e os fatos históricos. Ao edifício ou ambiente urbano foram atribuídos valores porque naquele local se iniciou a configuração urbana da cidade, porque ali era a antiga cadeia ou porque lá ocorre a festa, o encontro dos “filhos de Pombal”, a devoção a N. Sra. do Rosário. Esses lugares são espaços apropriados pelos sujeitos, ligados a um passado e que deve ser lembrado e permanecer para servir de registro para as gerações futuras, sendo o registro material de um tempo que se foi.

A história da cidade e a tradição da festa do Rosário, juntamente com as lembranças pessoais, foram descritas como importantes patrimônios da cidade, motivo de orgulho, referência e identificação para os que lá habitam.

Aqui o patrimônio, a história, a memória coletiva e as lembranças individuais configuram-se como o ponto de sustentação, que restabelece referências, funcionando como lugares de memória.

3.1.4 O patrimônio na dimensão material e imaterial

A representação do patrimônio na dimensão material foi frequente, estando embasadas na referência às edificações, ao espaço urbano e a um bem pertencente à coletividade.

Algo que lhe pertence. Que sem sombra de dúvidas, por lhe pertencer, você vai zelar, você vai procurar preservá-lo. (homem, 20-29 anos, superior).

A dimensão material da cidade, suas edificações, praças e ruas, são elementos que, identificados como símbolos da cidade, tornam-se fundamentais para que o sujeito elabore uma imagem do espaço, se reconheça nele e, assim, estruture sua própria identidade. A materialidade do patrimônio é ressaltada ainda quando se refere à ideia de que o bem transmite conhecimento e história, e que por isso devem ser preservadas para às futuras gerações.

Eu destaco mais uma vez a Igreja do Rosário, a Coluna da hora. Destacamos a Cadeia pública, que mostra um pouco da nossa história na atualidade e de momentos históricos que aconteceram no passado. (homem, 50-59 anos, superior).

Patrimônio é tudo aquilo de coisas antigas, coisas que são nossas. É o patrimônio histórico, o nosso patrimônio cultural. (homem, 60-69 anos, médio incompleto).

A imagem que vem na minha cabeça é algo que alguém deixou, mas que não morreu, e que fala de uma geração, que fala de um povo. (homem, 40-49 anos, superior).

Contudo, a representação material do patrimônio não vem só, ela está intrinsecamente ligada à sua referência imaterial, através dos seus símbolos, significados e valores. Sobre essa ligação Chagas, afirma:

Esse patrimônio material, documento inquestionável dos feitos artísticos e históricos, memória das realizações das comunidades – no tempo e no espaço – configura a ambiência, a cenografia por assim dizer, para que nela se desvele o acontecimento do grande teatro da existência humana. Palco privilegiado dos eventos vinculados à imaterialidade cotidiana dos exercícios dos saberes e fazeres, da realização das tradições, da efetivação do tirocínio político. Em suma: do conjunto das praticas que inoculam nos espaços as qualidades imateriais que os transformam em lugares plenos de significados, e que os tornam repositórios de identidade, relicários de lembranças privilegiadas. (CHAGAS, 2004, p. 16)

A referência à imaterialidade do patrimônio apareceu expressamente nas respostas de alguns entrevistados com o uso do termo “imaterial”, mas também de forma implícita, como expressão de uma cultura, através dos significados e valores associados ao patrimônio material.

Eu entendo justamente por esse conjunto material e imaterial. Que seria justamente a união do material e do imaterial que seriam o patrimônio

artístico e cultural de nossa cidade [...] então é esse conjunto de prédios históricos, antigos e essa outra parte mais viva, vamos assim dizer, os grupos, as lendas, que formam esse conjunto que a gente entende como patrimônio. (homem, 40-49 anos, superior).

Então patrimônio é uma riqueza que nós, eu acredito, temos de gênero material e imaterial dentro da nossa comunidade, e que nós não podemos jamais deixar apagar uma pagina da nossa história [...]. (mulher, 50-59 anos, superior).

As questões 5, 6, 7 e 8 levaram os entrevistados a falarem sobre a festa do Rosário, de forma a percebermos a ligação existente entre o espaço urbano, os grupos sociais e a festividade de cunho histórico-religioso.

Todos os entrevistados participam da festa de alguma maneira, seja na parte organizacional ou nos atos religiosos sendo, em sua maioria, uma participação de muitos anos, desde criança, como uma tradição deixada pelos seus pais.

Ao longo de vários anos, desde a minha infância, tenho participado, acompanhado os grupos folclóricos de Pombal e colaborando com eles. (homem, 50-59 anos, superior).

Como rainha do Rosário. Esse ano que passou completou 50 anos, que eu fui. Não seguida, sabe? Mas já tem 50 anos. Eu sou rainha vitalícia, vou as missas, as novenas. (mulher, acima de 70 anos, fundamental incompleto).

Participo da festa da seguinte maneira, eu sou uma pessoa, graças a Deus, bem religiosa, eu participo de grupo de oração e de muitas coisas dentro do contexto religioso. Então eu participo das novenas, da primeira a ultima noite de novena, com toda a devoção que eu tenho a Nossa Senhora do Rosário. (mulher, 50-59 anos, médio incompleto).

Eu participo simplesmente. Participo das missas, rezando, convidando os meus amigos. Tem muito tempo que eu participo, desde o meu nascimento que minha mãe me trazia, e eu me acostumei a Igreja e hoje continuo do mesmo jeito, trazendo as pessoas, mostrando o patrimônio histórico da Igreja. (homem, 50-59 anos, fundamental incompleto).

A participação ativa dos sujeitos na festa do Rosário gera o sentimento de pertença ao espaço que, na medida em que tornam mais presentes na perpetuação desse passado coletivo e em que o grau de envolvimento para com o espaço e com o patrimônio cultural se eleva, o sujeito recria, em ambos os elementos, novos significados que irão integrar sua identidade.

Eu como administrador, como pároco, eu participo e tento também interagir. E tenho sempre essa preocupação de lembrar a comunidade que não é uma questão de folclore, é mais do que isso, é cultura. Pra mim é cultura, é história. [...] De um povo que viveu numa determinada época, mas que os valores falam de que? De uma reação, de uma perseverança. Exatamente

combatendo tudo aquilo que era opressão, que era negação também da cultura deles, daquilo que eles traziam da África. E por isso é história, cultura. É sem dúvida o espírito que permanece vivo e construiu esse patrimônio que é sem dúvida um patrimônio que é dinâmico. (homem, 40-49 anos, superior).

Nesse sentido, a continuidade da tradição de um povo se dá através da transferência do patrimônio a partir das práticas sociais atribuídas a ele. Esta apropriação coletiva e/ou individual alimenta os sentimentos de identificação e de atribuição de valor à festa, que em sua forma física – no momento em que ela acontece – representa, na verdade, um acervo acumulado, reelaborado e intransferível das experiências vivenciadas por diversas gerações.

A descrição da festa varia entre a tradição e o turismo, entre as graças alcançadas e os benefícios para o comércio local, interpretações que, ao mesmo tempo em que contam e recontam a história da cidade, a apresentam na forma de símbolos e, portanto, reafirmam ou redefinem a identidade de seus habitantes e a imagem que eles próprios têm de Pombal.

Primeira coisa que já vem na minha cabeça, é que é uma festa que a gente divide em duas fases, em dois momentos: em uma festa religiosa, tem muita religiosidade, e é uma festa também cultural, que você vai ter algumas coisas diferentes que você não vê em outras cidades, como os próprios grupos, os Congos, os Pontões e os parques em si. (homem, 40-49 anos, superior).

Festa muito bonita. Traz filhos ausentes. Digamos assim, bem de fato o dia maior, é sempre o domingo de encerramento, o domingo do rosário, como é chamado. E vêm pessoas de Pombal, vêm pessoas das cidades vizinhas. Pessoas das cidades vizinhas, e traz aquele aglomerado de pessoas, centenas, milhares de pessoas ali de frente a igreja, acompanhando a procissão, o rei, a rainha com o rosário, fazendo a sua devoção a Nossa Senhora, e isso é muito bonito. Tem um grande significado para nós. (homem, 20-29 anos, superior).

A festa do Rosário é reconhecida e incorporada por todos os entrevistados como parte integrante do patrimônio cultural pombalense e que merece ser preservada, por trazer à tona a noção de tradição, de uma herança deixada pelos antepassados e que não pode morrer.

Com certeza um patrimônio por ela ser bem diversificada, rica em cultura, rica em tradição, rica em fé. Tudo que você procurar dentro da festa do Rosário você encontrará das pessoas, você encontra pessoas com devoção, pessoas com fé, pessoas que valorizam a cultura, outras que muitas vezes ainda não se identificaram com a cultura mais participa,

apenas por dizer que acha bonito, ver os grupos se apresentando. (mulher, 50-59 anos, superior).

Ela é um patrimônio da cidade, porque é tradicional e muito antiga e é patrimônio a festa do Rosário. É tradição. (mulher, 50-59 anos, médio completo).

Através dessas falas percebemos a indissociabilidade do patrimônio cultural, pois o que torna o patrimônio como algo relevante para os sujeitos são justamente suas características imateriais. Ou seja, realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentidos resultantes da articulação entre sujeitos, práticas e referências espaço-temporais (ARANTES, 2009).

3.1.5 A preservação do patrimônio cultural

A importância da preservação patrimonial foi unânime entre os entrevistados. Essa representação positiva em relação à conservação do patrimônio pode ser reflexo tanto de uma consciência patrimonial, a partir de trabalhos desenvolvidos pelos órgãos responsáveis – IPHAN e IPHAEP – e pela própria prefeitura dentro das escolas municipais, como da apropriação e da reprodução de ideias disseminadas na sociedade. Além disso, se deve considerar a expectativa social da resposta, isto é, os entrevistados tendem a responder aquilo que é socialmente aceito, ou adequado e certo para aquele grupo social.

É a nossa história, né? Nós não podemos é, simplesmente acabar, ou deixar acabar toda uma história de vida da nossa terra. (homem, 50-59 anos, superior).

Acho que se é um patrimônio, você vai fazer por onde eles, digamos, tenham vida longa, né? Se agente não, se agente não cuidar, daquilo que pertence agente quem vai fazer isso? Então a partir do momento que agente zela, aquilo que pertence a cidade, aquilo que faz parte da nossa história, agente está realmente zelando a nossa cultura, está realmente dando vida e promovendo a, a continuidade da nossa história. (homem, 20-29 anos, superior).

O consenso acerca da salvaguarda do patrimônio cultural permeia a noção da importância de se preservar e dar continuidade à história de um povo, através dos seus bens materiais e imateriais. Contudo, para alguns entrevistados não basta, por exemplo, tomba um bem, é preciso deixá-lo em condições de perfeita conservação,

ou dar melhores condições à festa, como os principais exemplos de cultura e tradição:

Acho que deve ser preservado porque nós temos, vou dar um exemplo, a Igreja do Rosário que a muito tempo foi tombada mas ela já estava se deteriorando a madeira, alguma coisa e alguém tinha que fazer alguma coisa, tinha que ser preservado esse patrimônio. (homem, 40-49 anos, médio incompleto).

Às vezes é difícil quando se fala em preservar um patrimônio, principalmente quando se fala a respeito de prédios, porque a gente sabe que é muito difícil até por parte do governo. Você vê às vezes prédios que são tombados que é um patrimônio histórico, mas que falta conservação, talvez por falta de dinheiro público, ou por falta mesmo do cuidado por parte do governo, a gente sabe que tem tudo isso. Acho muito importante que deve ser preservado, mas acho muito difícil isso. (mulher, 50-59 anos, superior).

Sobre a representação da preservação do patrimônio cultural, a partir das respostas obtidas na questão 9, podemos apontar alguns pontos estruturantes: o pensamento dominante, que a reconhece como essencial por todos; a relação entre tombamento e conservação; e a responsabilidade do poder público em promovê-la e melhorá-la.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos com este trabalho que a atual noção de patrimônio cultural brasileiro trilhou um longo caminho, pautando-se inicialmente nos bens materiais, através da sua valorização como nacionalidade e identidade brasileira. Na década de 1930, foi criado o SPHAN e editado, em 1937, o Decreto lei nº 25, instituindo o tombamento como instrumento de proteção do patrimônio material. Nesse ambiente de construção de uma identidade nacional é que se lançou o tombamento como principal meio de proteção do patrimônio cultural, eleito como representante de uma memória e de uma identidade recém inaugurada.

Vimos, também, que a discussão acerca do patrimônio intangível foi iniciada, de forma mais evidente, nas décadas de 1970 e 1980, através de documentos internacionais, como resultado da busca por uma valorização das culturas marginalizadas pelas noções europeias e centralizadoras do patrimônio.

No Brasil, na década de 1970, iniciou-se o debate acerca de novas estratégias para a valorização da cultura popular por meio da formulação da noção de referência cultural aplicada a trabalhos desenvolvidos em determinados setores do governo federal. Essas discussões e iniciativas preparam o terreno para o surgimento do conceito de patrimônio imaterial, que apareceu juridicamente no Brasil, na Constituição de 1988, em seu artigo 216, que determinou a salvaguarda do patrimônio imaterial e a aplicação de novos instrumentos para a proteção do patrimônio cultural, tais como o inventário e o registro. Contudo, a primeira legislação federal que tratou, exclusivamente, do patrimônio imaterial surgiu, no Brasil, apenas em 2000 com o Decreto nº 3551, que determina a instituição do registro de bens culturais de natureza imaterial e suas respectivas formas: saberes, celebrações, formas de expressão e lugares.

Mas o que determinou as questões postas aqui foi o discurso acerca do patrimônio cultural, que ainda privilegia o patrimônio material em detrimento do imaterial. Para este trabalho o patrimônio cultural deve ser entendido e tratado não como uma classificação dividida em espécie “patrimônio cultural” e gêneros “material” e “imaterial”. Tal classificação pode ser utilizada de forma didática, mas não de forma hierárquica entre os bens. Dividir a prática preservacionista em bens culturais materiais e imateriais é colocar em lados opostos aquilo que na realidade é inseparável.

Em outras palavras, os bens de natureza material e imaterial, quando reconhecidos oficialmente pelo Estado, tornam-se patrimônio cultural brasileiro, sem

haver, no entanto, após essa atribuição de valor, qualquer divisão terminológica referente à sua dimensão, que seccione os patrimônios culturais materiais dos patrimônios culturais imateriais.

Este trabalho, portanto, reivindica a teoria do patrimônio estudada, a qual enuncia que não há uma cisão do patrimônio cultural em duas vertentes – material e imaterial. Essa discussão conceitual pode ser reforçada através da experiência pombalense, por meio de um estudo que relaciona à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e à festa do Rosário - além de suas manifestações culturais - como elementos formadores do patrimônio cultural da cidade de Pombal, no alto sertão da Paraíba.

Para atingirmos tal objetivo, tomamos como pressupostos de pesquisa a ideia de patrimônio cultural enquanto processo de identificação coletiva, no qual a representação e os valores socioculturais são fundamentais no processo de investigação dos vínculos existentes entre a população e o patrimônio material e imaterial, a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário, respectivamente.

Assim, a cidade, composta por espaços urbanos que contém os patrimônios – materiais e imateriais – é o local onde a dimensão subjetiva revela-se de forma mais intensa, sendo sujeito e objeto do imaginário, no qual os seus atributos – físicos ou não – constituem-se em elementos para a construção do imaginário, que permitirá a identificação dos grupos sociais. Esta utilização do patrimônio como fomentador da identidade social é um dos principais aspectos de legitimação de sua preservação.

Sob esse prisma, o bem é preservado para continuar evocando não apenas sua história, mas também sua memória e sua cultura para os contemporâneos ou seus descendentes, sendo significativos para a formação de sua identidade.

Escolhida essa ótica, o recorte espacial (a cidade de Pombal) e o tema a ser tratado (a indissociabilidade do patrimônio) foi definido o objetivo de pesquisa: reforçar com a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial, a partir de uma compreensão mais integrada desses patrimônios por meio de um estudo que relaciona a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a festa do Rosário como elementos formadores do patrimônio cultural da cidade de Pombal, no alto sertão da Paraíba, partindo da imagem que permeia o imaginário dos grupos sociais, quais os valores associados e qual o conceito elaborado sobre o patrimônio, isto é, a

indissociabilidade do patrimônio cultural a partir da representação social da população pombalense sobre o seu patrimônio.

Para realizar tal intento, fez-se necessário investigar desde a dimensão material, com a abordagem dos aspectos físicos e históricos da cidade de Pombal, como tratar de questões teóricas e metodológicas referentes ao conceito de patrimônio e da Teoria das Representações Sociais.

Entende-se que os bens materiais carregam consigo uma força simbólica – histórica, artística, religiosa, social, econômica – que diminui as diferenças entre a produção material e a imaterial, proporcionando, assim, uma concepção mais plural e ampla sobre o patrimônio cultural. Deste modo, a partir de uma reflexão sobre essa concepção mais ampla de patrimônio cultural, não mais centrada no valor de determinados objetos e sim numa relação da sociedade com sua cultura, essa pesquisa vem contribuir para a preservação do patrimônio cultural da cidade de Pombal e com as reflexões sobre a noção de patrimônio como um bem coletivo, que contempla as diversidades culturais, sejam elas materiais ou não.

O conceito de patrimônio também abrange a ideia de herança e cultura como criação e produção de um grupo social em um determinado espaço e tempo, e enquanto processo de identificação coletiva no qual a representação e os valores socioculturais são fundamentais no processo de investigação dos vínculos existentes entre a população e o patrimônio material e imaterial, a atual noção de patrimônio cultural pode ser constituída e reconhecida pela sociedade como representativa da sua memória e identidade.

Como principal resultado, desta pesquisa, verificou-se que as representações sociais dos entrevistados sobre o patrimônio cultural pombalense podem ser estruturadas em três pontos fundamentais: a importância conferida à história da cidade, os valores e significados atribuídos ao patrimônio local e o ideal da importância da sua preservação. Partindo dessas premissas gerais, foram elaborados três tipos de representação em relação ao patrimônio cultural - a fim de verificar a sua indissociabilidade - enunciados em sentenças que resumem os aspectos envolvidos.

Uma das representações é a do patrimônio através da **representação simbólica da cidade de Pombal**. Considerando que o patrimônio é uma construção cultural, essa representação estrutura-se nos elementos fundamentais em que os pombalenses baseiam o caráter da cidade e de sua própria identidade, sejam estes

materiais ou não. Assim, temos representado o grande potencial do patrimônio pombalense justificado não apenas pelas suas características físicas, mas, sobretudo pelo significado desses elementos carregados de sentidos, história e beleza, relacionando o imaginário, a simbologia e a representação dos grupos sociais.

O bem patrimonial foi enunciado também a partir de uma **atribuição de valor**, seja ele histórico, artístico ou afetivo, relacionando à noção de valor à de patrimônio, pois é o grupo social que, em determinado espaço de tempo, atribui valor a algo que passa a ser considerado como um bem patrimonial.

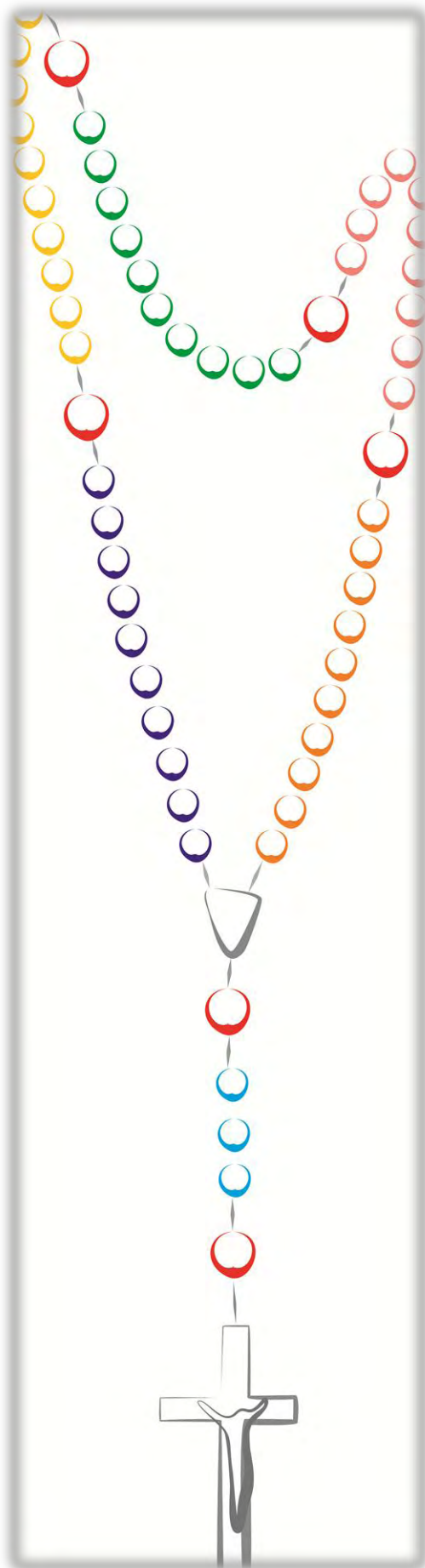
O patrimônio como um elemento palpável, com **dimensão material**, seja um edifício ou um objeto que caracteriza a cidade, esteve representado estruturando-se em dois fatores: na associação do patrimônio a ideia de herança, o que remete a algo concreto; e no fato de que as edificações, bens visíveis, revelam o valor da antiguidade, sendo assim mais facilmente associadas ao conceito de patrimônio. Contudo, a representação material do patrimônio não vem só, ela está intrinsicamente ligada à sua **referência imaterial**, através dos seus símbolos, significados e valores. São os conjuntos de práticas sociais que transformam os espaços repletos de significados, e que os tornam depositários de uma memória coletiva e/ou individual, tornando o patrimônio como algo relevante para os sujeitos.

O patrimônio como **referência à memória e à identidade** do grupo social funcionam como ponto de fixação em meio ao fluxo incessante do mundo contemporâneo. Uma vez que se relacionam a experiência no lugar, que se adquire com a passagem do tempo, essa representação foi citada pelos entrevistados quando feitas associações entre os patrimônios culturais, e os fatos históricos.

Diante das representações, obtidas, do patrimônio cultural pombalense, percebemos a indissociabilidade do patrimônio através da análise das entrevistas, que nos mostra o patrimônio enquanto objeto possuidor de representação social para a formação do sentimento de pertença, memória e identidade do sujeito, a partir de uma reflexão sobre a noção de patrimônio não mais centrada no valor de determinados objetos e sim numa relação da sociedade com sua cultura, diluindo as diferenças entre a produção material e a imaterial.

Dessa forma, considerando que o patrimônio cultural é indivisível, segundo a teoria apresentada no primeiro capítulo, e que este se apresenta fundamental para a constituição das memórias coletivas e das identidades, conclui-se que uma das

melhores formas de se preservar um bem cultural alçado à categoria de patrimônio cultural é os considerando indissociáveis, utilizando articuladamente os instrumentos disponíveis para tal – tombamento e/ou registro - através de uma gestão inteligente que privilegie ações integradoras do patrimônio entre natureza, espaços construídos, sociedade e cultura.



REFERÊNCIAS

Referências

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial: 1500-1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2008.

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002, p. 34-48.

ALEXANDRE, Marcos. O saber popular e sua influência na construção das representações sociais. *Revista Comum*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº15, p. 161-171, agosto/dezembro de 2000.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira: significados do festejar no país que “não é sério”*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

ARANTES, Antônio A. Patrimônio cultural de cidade. In: FORTUNA, Carlos e LEITE, Rogério Proença (org.). *Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas*. Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra LDA, 2009.

AYALA, Marcos. *História e cultura: negros do Rosário de Pombal*. Tese (Doutorado em História). São Paulo, 1996.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Festa do Rosário de Pombal*. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 1975.

BORGES, Cláudia Cristina de Lago. A cor da oração: uma irmandade negra no sertão do Seridó no século XVII. *Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme: Revista de Humanidades*. Caicó: UFRN, vol. 9, nº 24, set./out. de 2008.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*, outubro-dezembro, nº147, 2001, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAGAS, Mário. O pai de Macunaína e o patrimônio espiritual. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002, p. 98-111.

_____. Patrimônio cultural. IN: TINOCO, Livia Nascimento; ANDRADE, Ricardo Rangel de; PAIVA, Salma Saddi Wares de (orgs.). *Anais do 1º Encontro Nacional do Ministério Público na Defesa do Patrimônio Cultural: O Ministério Público e a Proteção do Patrimônio Cultural*. Goiania: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2004.

COSTA, Andréa Virginia Freire. *Lugares do passado ou espaços do presente? Memória, identidade e valores na representação social do patrimônio edificado em Mossoró/RN*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

COUTINHO, Graça. Mosaico da memória. *Revista Tempo Brasileiro*, outubro-dezembro, nº147, 2001, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 59-79.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise do conteúdo*. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

GABARRA, Larissa Oliveira. Congado: a festa do batuque. *Caderno virtual de turismo*, vol. 3, n 2, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HERCKMANS, Elias. *Descrição geral da Capitania da Paraíba*. Apresentação e atualização ortográfica de Wellington Aguiar. João Pessoa: Editora A União, s/d.

IPHAN. *Carta de Veneza*. 1968. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12372&sigla=Legislacao&retorno=paginaLegislacao>>. Acesso em: agosto de 2011.

IPHAN. *Carta de Atenas*. 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12372&sigla=Legislacao&retorno=paginaLegislacao>>. Acesso em: agosto de 2011.

LACERDA, Marcos e ABRANTES, Verneck. *Pombal em saudades*. Site: <http://www.pombalemsaude.hpgvip.ig.com.br>, acessado em outubro de 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MARQUEZ, Paulo Henrique. *A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730)*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

MARTINS, Clerton. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Rocca, 2006.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MELLO, José Octávio de Arruda (org.). *Capítulos de história da Paraíba*. Campina Grande: Grafset, 1987.

_____. *História da Paraíba: Lutas e resistência*. 11. ed. João Pessoa: A União, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

MOREIRA, Carlos Eduardo (et al). *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. *Projeto história: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, nº 10, dezembro de 1993.

PEREZ, Léa Freitas. A antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, nº10, 1992.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas Irmandades negras no tempo da escravidão. *Revista Tempo*. Niterói: UFF, vol. 2, nº 3, 1996.

RODRIGUES, Francisco Luciano Lima. Conceito de patrimônio cultural no Brasil: do conde de Galvéias à Constituição Federal de 1988. In: MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Escravos e Libertos no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005;

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *Viagem através da província da Paraíba*. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1985.

SANTANA, Mariely Cabral de. *Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim*. Salvador: ADUFBA, 2009.

SANT'ANNA, Márcia. Patrimônio imaterial do conceito ao problema de proteção. *Revista Tempo Brasileiro*, outubro-dezembro, nº147, 2001, Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. *Revista São Paulo em Perspectiva*, vol.15, nº 2, abril – junho de 2001.

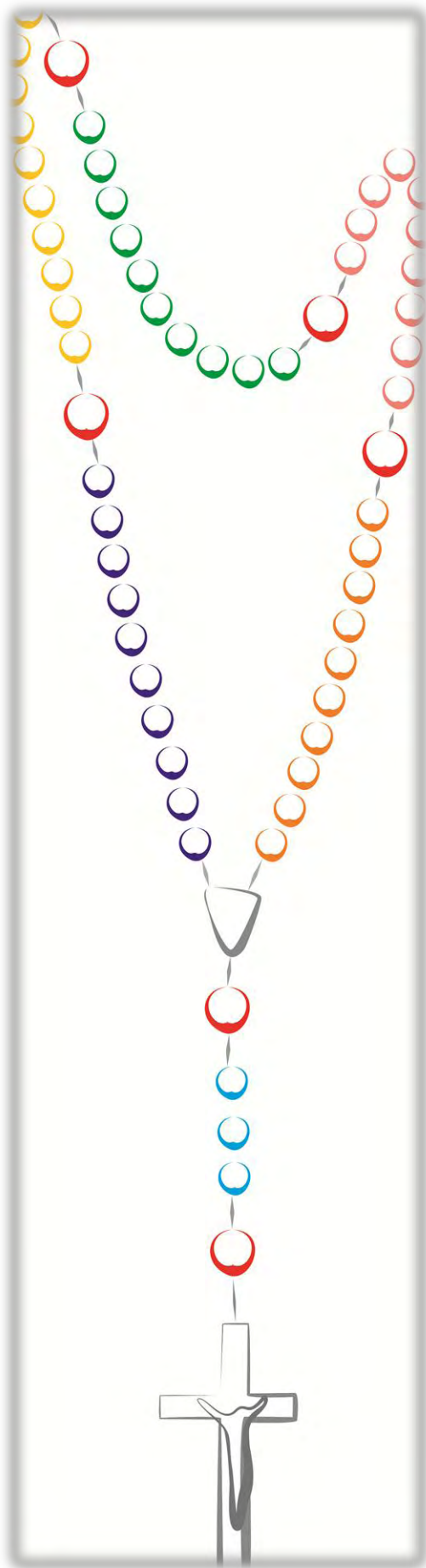
SARMENTO, Cristiane Finizola. *Povoações, Freguesias e Vilas na Paraíba colonial: Pombal e Souza, 1697 – 1800*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, nº 13, julho de 2000.

SEIXAS, Wilson. *O velho arraial de Piranhas (Pombal)*. João Pessoa: Gráfica “A imprensa”, 1962.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Paris: UNESCO, outubro de 2006.



Entrevista nº 01	Grupo: I
------------------	----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino	
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos	☐
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos	☐
					60 a 69 anos
					Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto	
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo	
	☐	Fundamental completo	☒	Superior	
				Pós-graduação	
Endereço:					
Tempo de moradia neste mesmo endereço:					

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Como símbolo Pombal tem alguns monumentos: o seu patrimônio histórico, e nada melhor do que destacar a Igreja do Rosário, o cruzeiro, a coluna da hora.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Com certeza levaria a Igreja do Rosário como marco histórico da nossa cidade.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Todo bem pertencente ao cidadão ou a própria comunidade.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Bom, eu destaco mais uma vez a Igreja do Rosário, a Coluna da hora; destacamos a Cadeia pública, que mostra um pouco da nossa historia na atualidade e de momentos históricos que aconteceram no passado. E nossas praças, o conjunto de praças que nós temos e a Estação ferroviária.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Ao longo de vários anos, desde a minha infância, tenho participado, acompanhando os grupos folclóricos de Pombal e colaborando com eles.
6. Como é esta festa?

Uma festa secular, que tem, de certa forma, um destaque a nível de nordeste, podemos dizer assim, que deveria estar no calendário turístico, não sei se está na Paraíba, mas que seria importante estar no calendário turístico. É uma festa grandiosa.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Ela não atrapalha. Ela não atrapalha porque é uma festa de destaque; de destaque para todos nós, que muitos turistas vem aqui a Pombal, até você mesmo está aqui exatamente pesquisando toda essa atividade histórica que nós temos. Então eu não vejo nenhuma razão para atrapalhar as ações da nossa cidade, pelo contrário, muita gente ganha com isso.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Sim. E acho que deveria ser considerado um patrimônio pela sua história, pelo que é para todos nós pombalenses.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
É a nossa história, né? Nós não podemos é, simplesmente acabar, ou deixar acabar, toda uma história de vida da nossa terra.

Entrevista nº 02	Grupo: I
------------------	----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino	
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☒	40 a 49 anos	☐
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos	☐
					60 a 69 anos
					Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto		☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto		☒	Médio completo
	☐	Fundamental completo		☐	Superior
				☐	Pós-graduação

Endereço: R. Coronel João Carneiro, Centro.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 46 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
A Igreja do Rosário né? E a Cadeia pública.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Em primeiro lugar eu levaria a Igreja né? A Igreja do Rosário.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Patrimônio é, como se diz, é uma lembrança de muitos tempos que fica para o resto da vida.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
A Igreja do Rosário, tem a Cadeia pública, tem essa igreja N. S. do Bonsucesso também. E vários né?
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Eu participo mais das novenas.
6. Como é esta festa?
É uma das maiores festas da Paraíba, é a festa do Rosário. É muito antiga essa festa, do Rosário aqui. Você ver que o pessoal no período dela vem de João Pessoa e de

muitas cidades pra cá, para participar dessa festa.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
De maneira nenhuma. Vai beneficiar mais a cidade.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Era para já ser a muito tempo. Porque é uma festa de tradição, que faz muitos anos sabe? Tem até o encontro dos filhos de Pombal que vem. É uma coisa fora de sério essa festa.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Com toda certeza. Já era pra ter sido preservado a muito tempo, para dar continuidade a história.

Entrevista nº 03	Grupo: I
------------------	----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
			☒	60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☒	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
			☐	Pós-graduação

Endereço: Rua dos Roques, Centro.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 45 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?

O que mais simboliza a cidade de Pombal é a canção que nós temos a canção de Maringá. É o que mais lembra Pombal não só aqui, como no estado da Paraíba, ou em qualquer outro estado não existe um pombalense que não tenha Pombal lembrada através da canção Maringá, que inclusive deu origem a uma cidade do Paraná. Então Pombal é sempre lembrada através da canção Maringá.

2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?

Em primeiro lugar ao monumento histórico que é a Igreja do Rosário. Nós temos aqui a Cadeia antiga que hoje é transformada em museu, temos o rio Piancó que é o nosso balneário, correndo perenemente de janeiro a janeiro. Cidades por aí a fora não tem esse privilegio que a gente tem em Pombal que é o nosso rio, muita gente não dá valor, muitas outras cidades queriam ter um rio como esse, perene, limpo, sem sujeira. Então eu mostraria o rio Piancó e alguns prédios públicos, tem o cruzeiro e a Praça Getúlio Vargas que é a maior praça em extensão do estado da Paraíba, muitas coisas bonitas por aí a fora, a pesar de já terem demolido um prédio público muito bonito aqui em Pombal que era o Grupo Escolar João da Mata, prédio do

estado, então transformaram esse grupo, arrastaram para aqui o antigo grupo e fizeram um hospital lá. A coisa mais linda que podia existir aqui era o Grupo Escolar João da Mata, lindo, lindo, aí por negócios de política transformaram o Grupo em um hospital quando poderiam ter feito lá fora.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Patrimônio é tudo aquilo de coisas antigas, coisas que são nossas. É o patrimônio histórico, o nosso patrimônio cultural.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Como já disse a Igreja do Rosário, o Cruzeiro que é patrimônio histórico, a Cadeia antiga que conta muitas histórias. Pombal é uma cidade lendária tem muita coisa bonita para contar.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Participo. Eu participo como católico, às vezes acompanho a procissão, assistindo as missas, às vezes fazendo a transmissão da missa do Rosário da abertura da festa na condição de radialista amador.
6. Como é esta festa?
Eu diria que é o maior acontecimento social e religioso da cidade de Pombal. Tá com mais de cem anos. Não existe outra festa maior, segundo o calendário turístico, do que a festa de N. S. do Rosário, não existe. Inventam por aí um “Forró Fest”, outras festas e tal, mas essa é uma festa que atrai gente de todos os estados, vem até do Pará, do Acre, todos os pombalenses que estão distantes de Pombal, que moram em João Pessoa, outros que moram no Ceará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo, vem de avião, mas vem para essa festa do Rosário em Pombal.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Não. Eu não digo que ela atrapalha, ela diferencia o movimento da cidade nessa época, mas não atrapalha não, vai trazer mais lucro para o comércio local que, como eu já disse, vem gente de outras localidades e naturalmente investe em alguma coisa, em hotéis, restaurantes, melhora o comércio.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Eu acho. Porque é uma tradição de muitos anos, tradição não se perde no tempo.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Claro. Toda cidade quer preservar a sua história. É um interesse nosso, pelo menos o meu, a gente tem interesse de preservar a nossa história, para os futuros familiares.

Entrevista nº 04	Grupo: I
------------------	----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☒	Feminino	☐	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos
				60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☒	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
			☐	Pós-graduação

Endereço: R. Prof. Horácio Bandeira, Centro.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 50 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria? Dentro do contexto da história de Pombal, nós destacamos a festa do Rosário, como principal símbolo da história de Pombal. Porque é uma festa que é tradicional, é muita antiga essa festa, de quando foi construída a Igreja do Rosário. O símbolo principal mesmo é a festa do Rosário.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria? Mostrar os pontos turísticos: o rio que é uma beleza, o rio Piancó que nós temos aqui, perene de seca a seca; tem a Igreja do Rosário que é no estilo barroco. Muito bonita a história da Igreja do Rosário, que seria mostrada e contada. Tem por exemplo a estação ferroviária que é um ponto antigo, que se destaca na história de Pombal; a cadeia pública que hoje é a Casa da cultura, que tem uma história muito bonita; e muitos outros de patrimônio histórico, tombados.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras. Patrimônio para mim é o que é adquirido e preservado, como os prédios tombados que são patrimônios da nossa história da cidade de Pombal. Como a Igreja do Rosário, a Igreja Matriz, essa escola, a Cadeia pública, a Estação ferroviária, tudo são

prédios tombados. Então são patrimônios construídos ao longo da nossa história que se torna patrimônio da cidade.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios? Isso que eu acabei de falar. A Igreja do Rosário, a Igreja Matriz, a escola, por exemplo, essa escola aqui é um patrimônio, essa escola aqui já tem 80 anos educando os filhos de Pombal.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma? Participo sim. Participo da festa da seguinte maneira, eu sou uma pessoa, graças a Deus, bem religiosa, eu participo de grupos de oração e de muitas coisas dentro do contexto religioso. Então eu participo das novenas, da primeira a ultima noite de novena, com toda a devoção que eu tenho a Nossa Senhora do Rosário.
6. Como é esta festa? É o seguinte, essa festa ela é uma festa muito antiga, tradicional como eu já falei. Foi a igreja construída pelos negros, na época escravos, enfim, é uma festa que começa com o hasteamento da bandeira, aí tem o novenário todas as noites e tem as apresentações dos grupos que tem a sua história, no sábado tem a procissão do Rosário para a casa do Rosário, que também é importante para a nossa história, acompanhados de devotos que tem aquela crença, muito deles fazem promessas, acompanham uma multidão muito grande, então o Rosário pernoita lá e no outro dia pela manhã vão os devotos buscar o Rosário, novamente em procissão, e vem deixar na Igreja onde tem a missa campal.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê? Atrapalha não. Porque além de ser uma coisa que traz um bem espiritual para a gente, para as pessoas que tem devoção a Nossa Senhora traz muitos benefícios para o povo pombalense em matéria de bens financeiros, porque as pessoas trabalham e cada um tem o seu grupo.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê? Sim. Porque é como eu já falei. Ela é um patrimônio da cidade, porque é tradicional e muito antiga e é patrimônio a festa do Rosário. É tradição.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê? Lógico, claro. Porque sendo preservado, a cidade vai cada vez se desenvolvendo, crescendo mais em todos os sentidos. Se nós preservamos o nosso patrimônio é sinal de que nós amamos a nossa terra. Terra de Maringá.

Entrevista nº 01	Grupo: II
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☒	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☒	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
			☐	Pós-graduação

Endereço: Rua Severino dos Ramos B. Trigueiros, Pereiros

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 13 anos

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?

O símbolo da cidade de Pombal. Eu acho que a própria Igreja do Rosário. Primeiro porque a Igreja do estilo barroco rococó né. Uma Igreja que teve o início de sua construção dia 1 de março de 1721. Segundo, que foi construído com pedra calcária e as paredes, elas são bastante espessas, se você já observou, existe parede ali com 50 e poucos centímetros até 1 metro e vinte. Existem também dois quadros, nós não sabemos que foram seus autores, nós não sabemos que ano trouxeram e nem quem trouxe. Dois quadros bastante antigos, que nós imaginamos ter mais de duzentos anos. O próprio estilo dela, tudo bastante antigo. Tenho observado bastante nas emissoras de TV, outros estilos correspondentes, parecidos com o da Igreja do Rosário. Então eu escolho a igreja do Rosário por sua beleza arquitetônica.

2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?

Eu continuaria levando para a Igreja do Rosário, porque tudo que diz respeito a nossa história parte da religião. Então quando a pessoa chega à igreja do Rosário e começa a fazer perguntas a respeito da igreja, automaticamente ela faz perguntas de nossa cidade. Então tudo que diz respeito a nossa história está ligada a igreja. Então eu

levaria para a igreja, justamente por isso. Porque eu sei que a pessoa lá, ela ia ficar bem a vontade pra responder e ia ficar bastante curioso conforme já tenho informações com as crianças e com alguns professores que vem de outras cidades como também jornalistas.

3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.

Patrimônio é um bem. É um bem a ser preservado. É um bem a ser zelado. Patrimônio é o que a sociedade tem. É patrimônio cultural, patrimônio histórico. Então nós temos esse grande bem que é a igreja do Rosário, nós temos o Coreto bar, né, que foi construído pelo prefeito Francisco de Sá Cavalcanti, a Coluna da hora que também foi construída pelo prefeito Francisco de Sá Cavalcanti. Então é isso, é tudo que agente tem como bem, que seja bem material, que seja bem cultural. Não é essa resposta contida no dicionário, mas é por aí.

4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?

Bom, patrimônio, tem a igreja do Rosário de 1721, a igreja do Bonsucesso de 1897, o Pombal Ideal Clube que eu não estou lembrado qual foi o seu ano de construção, a Coluna da hora, o Coreto bar, o Cruzeiro em frente a Igreja do Rosário que é um marco histórico, que geralmente se constrói um cruzeiro daquele, é, pra passagem de um século a outro, e constrói também pra como um marco histórico para que seja “lembrativo”. Temos a cadeia velha que provavelmente tenha sido construída em 1848. Então são esses os nossos principais bens materiais, nossos bens arquitetônicos.

5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?

Eu participo da festa do Rosário desde criança, desde quando eu tinha oito meses de idade que eu era levado pela minha mãe. E minha mãe foi logo me levando aos parques de diversão, e consequentemente minhas tias. E eu fui criado nessa alegria da festa do Rosário até porque, nos anos 60, não tínhamos outra festa, então agente passava o ano todinho juntando moeda em “miaeiro” pra se alegrar na festa do Rosário, porque parque de diversão só existia na festa do Rosário. Assim como antigamente agente não comia o cachorro quente que agente come hoje, o hambúrguer que agente come hoje, e sim era um cachorro quente feito com galinha de capoeira, então agente sentia essa falta quando vinha da zona rural. A festa do Rosário eu sempre participei com alegria, sempre admirei a Irmandade do Rosário, toda a grandeza da festa do Rosário. Eu queria conhecer tudo sobre a festa do Rosário, eu queria mais estudar a Irmandade do Rosário do que participar. Até já depois de caduco, casado, pai de três filhos, eu me propus a estudar a Irmandade do Rosário, findaram eles me enlaçado e eu fazendo parte da Irmandade do Rosário a

mais de 10 anos, e eu me sinto feliz, por tá defendendo a história de Pombal dessa forma.

6. Como é esta festa?

É uma festa muito bonita, grandiosa e de tradição. Tradicional, mesmo não sendo igual a antigamente. Antigamente a gente não comia o cachorro quente que a gente come hoje, o hambúrguer que a gente come hoje, e sim era um cachorro quente feito com galinha de capoeira, então a gente sentia essa falta quando vinha da zona rural.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

A festa não atrapalha a rotina da cidade, mas muita gente, não sei da sociedade, em virtude da festa do Rosário, quer se beneficiar com isso. Como por exemplo: se hoje eu convidar uma banda grande pra tocar em Pombal, talvez o lucro não seja tão satisfatório. Porém no período da festa do Rosário, em um clube de área adjacente, se eu convidar uma banda que nem Mastruz com Leite, Calcinha Preta, por exemplo, aí com certeza vai ter muita gente, eles vão faturar muito alto, até porque vem gente de diversas cidades circunvizinhas, né, Souza, Patos, e até de Campina, João Pessoa, e outros estados. Então a festa do Rosário no caso não atrapalha, e sim os outros é quem atrapalham a festa do Rosário, porque a medida que eles oferecem outras atrações, esvaziam o cenário da festa do Rosário. Porém, é, compete a Igreja encontrar meios de como segurar a sociedade no coração da cidade, pra que tenhamos uma festa mais alegre, uma festa mais divertida. O que fazer? É necessário que todos se reúnam que todos tenham uma ideia, ano após ano, e dessa forma some, pra que a gente busque melhoramento de segurar principalmente os mais jovens, quando na realidade só querem festas de badalações. E as pessoas que trabalham com clubes, as pessoas que organizam festas, não estão pensando na cultura e sim no faturamento alto. Então a festa do Rosário ela não atrapalha, as outras festas sim é que atrapalham.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Exato. Um patrimônio cultural né? Por que eu gostei muito dessa sua pergunta. Primeiro em nossa festa nós temos o que? Nós temos quatro procissões, temos grupos folclóricos, a exemplo da Irmandade do Rosário, Congos, Pontões, Reisado e alguns grupos de dança. Nós temos hippies, temos ambulantes diversos, barracas, nós temos rei, nós temos rainha, nove noites de novena, missas, promessas, e a sociedade jovem também vão a praça namorar. Assim também os ambulantes faturam muito, meche com todo o comercio, meche com toda a sociedade dois ou três meses antes. Então a festa do Rosário é essa grande riqueza cultural que nós temos.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

É importante sim. É importante porque da mesma forma que houve dificuldade para adquirir em outras cidades como Manoel Cachoeira se dirigiu a cidade de Igaraçu, Olinda, Recife, Paulista, tudo em busca de informações folclóricas, é também dificuldade a gente estar encontrando agora, e levar aos filhos e aos netos o que muitas vezes ele “inaceitam”, mas na realidade é necessário preservar. Até porque tem muitas cidades nesse Brasil que tem muita gente preservando, assim como vem jornalistas pra nossa cidade buscar informações, inclusive já recebemos jornalistas do exterior, estudantes do exterior, e isso é muito bom, é muito rico. Agora pena que, de certa forma, os pais não conseguem transmitir para seus filhos a importância que tem nossos bens culturais. A partir do momento que seus filhos descobrirem isso, com certeza ampliará nossa riqueza cultural. E eu espero que um dia a sociedade jovem ela se integre a ponto de defender e defender trabalhando.

Entrevista nº 02	Grupo: II
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☒	Feminino	☐	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
			☒	60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☒	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
			☐	Pós-graduação

Endereço: Major Saturnino de Brito, Centro
Tempo de moradia neste mesmo endereço: 40 anos

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Nossa Senhora do Rosário
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Levaria para as Igrejas, as duas. Do Rosário e Bonsucesso.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Uma coisa histórica né? Antiga.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
A igreja do Rosário, a Coluna da hora, a Cadeia pública que hoje é o Centro de cultura.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Como Rainha do Rosário. Esse ano que passou completou 50 anos, que eu fui. Não em seguida, sabe? Mas já tem 50 anos. Eu sou rainha vitalícia, vou às missas, a novena.
6. Como é esta festa?
É uma festa bonita. Embora que hoje ela não está tão bonita como antes. Tinha mais

piedade, hoje o povo só pensa em dinheiro.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Atrapalha não. É uma alegria. O dinheiro da santa o povo guarda pra gastar naquela época.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Acho. Porque é uma festa antiga, criada pelos negros. Que hoje não é mais os negros são brancos, que não podia ser. Uma branca tomou de conta que não solta. Os morenos não participam ali de nada. A não ser por Edmilson, que trabalha na caixa, que ali é “um caba” inteligente, pode fazer qualquer coisa por a gente, uma leitura, porque ele entende das coisas.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Acho. Porque deve ser. Por eles tem uma história bonita. Até a festa. É uma festa muito bonita. Era uma piedade sem fim, o povo tinha muita piedade, muita devoção, havia mais milagres. Tinha milhares, havia milagres.

Entrevista nº 03	Grupo: II
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino	
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☒	40 a 49 anos	☐
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos	☐
					60 a 69 anos
					Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☒	Médio incompleto	
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo	
	☐	Fundamental completo	☐	Superior	
			☐	Pós-graduação	

Endereço: Rua Romoaldo Evangelista de Souza, Estação.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 10 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Acho que seria a Cadeia antiga.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Primeiro eu mostraria a Igreja de N. S. do Rosário e levaria também para o Rio, uma coisa muito bonita que temos na cidade e que muitas cidades do sertão não tem um rio assim, perene o ano inteiro.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Assim, no meu entender, patrimônio seria uma coisa muito antiga que tenha na cidade, que a gente tem que preservar aquilo. Acho que seria mais ou menos assim, seria uma relíquia que a cidade tem e que não pode modificar alguma coisa.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Acho que aqui a gente tem a Igreja do Rosário, a Cadeia, essa Estação, a sede operária, a Coluna da Hora, o Bar centenário.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Eu participo todos os anos na procissão do Rosário, pela manhã, juntamente com os

Congos. Vamos em cortejo até chegar a Igreja para se apresentar.
6. Como é esta festa?
A festa do Rosário aqui na cidade de Pombal, todo mundo tem a curiosidade de conhecer, porque quando fala em festa todo mundo pensa em festa com banda nas ruas, mas em si mesmo a festa é só as novenas, a procissão e os grupos folclóricos que se apresentam. A festa do Rosário em si é isso. Aí já começaram a colocar outras coisas, aí já modificou um pouquinho, mas em fim, as pessoas vêm para isso, para o Rosário que acontece pela manhã.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Não, acho que não, de maneira nenhuma. Porque nem no período da festa mesmo ela atrapalha a rotina, pelo contrário, porque ela beneficia a cidade nesse período da festa.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Com certeza. Pelo tempo que existe a festa já poderia ser considerada um patrimônio.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Acho que deve ser preservado porque nós temos, vou dar como exemplo, a Igreja do Rosário que a muito tempo foi tombada mas ela já estava se deteriorando a madeira, alguma coisa, e alguém tinha que fazer alguma coisa, tinha que ser preservado esse patrimônio.

Entrevista nº 04	Grupo: II
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☒	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
	☐			60 a 69 anos
	☐			Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
	☐		☐	Pós-graduação

Endereço: Rua Herculano José de Souza,
Bairro dos Pereiras.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 42 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?

São tantos né? Eu não vou dizer a você que eu tenho um símbolo específico, porque a gente lembra de tantos. Aqui no meu bairro eu lembro da própria Estação ferroviária que é tão bela, tão bonita como você mesmo vê. Lembro da Igreja do Rosário, que desde criança que eu participo da procissão do Rosário. Então não tem como eu não dizer como eu me lembro da procissão, não lembrar da Igreja do Rosário, do próprio grupo do Congos, os Pontões, a própria festa do Rosário. Então eu não tenho um símbolo específico. A lenda da cabocla também, que a gente escuta muito a música da cabocla Maringá, então são muitos, não tem como eu dizer para você, eu lembro desse, estaria até inventado só para enfeitar a coisa. Então são vários, vários símbolos. A própria sede operária, que é uma entidade de 80 anos que hoje, é uma sociedade artística operária beneficente, uma entidade também do ciclo operário que beneficiou muito tanto as pessoas mais carentes como a classe artística aqui do município, e hoje eu sou presidente dela, que também tem um prédio histórico muito bonito. Então são muitos elementos que fazem parte aqui do patrimônio que eu me lembro, e se eu disser a você um que eu tenho mais carinho eu estou mentindo. Por

que a gente a todo tempo está se lembrando de um e outro, porque a gente está sempre envolvido, passeando pelo meio.

2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?

Primeiramente, pensando agora, eu traria aqui para a Estação, não vou mentir para você. No primeiro momento seria “rapaz vamos ali para a Estação Ferroviária”, como eu lhe convidei, porque eu sei que é um prédio bonito, histórico também, como você pode ver ali na placa, um prédio de 32, construído no governo provisório de Getúlio. Primeiro seria a Estação Ferroviária, segundo a Sede Operária, aí viria também a Igreja do Rosário, isso falando do patrimônio material, o próprio centro histórico, a Praça em si, a Coluna da Hora, o Coreto, a Casa da Cultura que tem uma história bela. Então eu não tenho uma coisa específica, mas seria o eixo, esse conjunto.

3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.

Eu entendo justamente por esse conjunto material e imaterial. Quer seria justamente a união do material e do imaterial que seriam o patrimônio artístico e cultural da nossa cidade, como são os Congos, os Pontões, o Reisado, como é a própria lenda da Cabocla Maringá que a gente já assumiu como nossa mesmo Maria tendo alguma coisa com Ingá, mas a gente entende que ela seja filha nossa também, que seja natural de Pombal; a própria Igreja do Rosário, a Praça Getúlio Vargas que é muito bonita, a Casa da Cultura que era a antiga Cadeia. Então é esse conjunto de prédios históricos, antigos e essa outra parte mais viva, vamos dizer assim, os grupos, as lendas, que formam esse conjunto que a gente entende como patrimônio.

4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?

Acho que eu já te respondi essa pergunta anteriormente. (risos) É que eu sou muito ansioso!

5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?

Desde oito anos, desde pequenininho, porque minha mãe foi zeladora de Igreja e era muito religiosa. E no grupo. Meu pai que morreu agora com 85 anos participava e todos os homens da família foram Congos, aí não tinha como eu não herdar, não absorver tudo isso. Então eu participo primeiro como Congo, como elemento da própria festa. É claro que a gente não tem, quando a gente é criança e mesmo a gente já adulto, a gente não tem essa percepção que a gente é a festa. A gente as vezes só se lembra quando a gente está encima da festa ou quando alguém as vezes faz uma pergunta como você está fazendo, aí a gente começa a despertar para essa questão, para fazer essa reflexão “rapaz, eu também sou importante”. É tanto que a gente não se considera tão importante porque a gente só pensa nisso quando alguém

as vezes vem fazer uma pesquisa, ou a gente ver o nosso próprio nome nos livros. Então é dessa forma que eu vejo a minha participação na festa do Rosário, como elemento, algo que faz com que ela exista. Porque se a gente deixar de participar com certeza irá perder um pouco do brilho. Não vou dizer que ela se acaba, seria muita prepotência da gente que se os Congos ou os Pontões se acabem ela acabaria, mas tiraria aquilo que é mais bonito dela, que é o brilho, que é o que chama muita atenção dos visitantes e pessoas que vem até fazer pesquisas.

6. Como é esta festa?

Primeira coisa que já vem na minha cabeça, é que é uma festa que a gente divide em duas fases, em dois momentos: em uma festa religiosa, tem muita religiosidade, e é uma festa também cultural, que você vai ter algumas coisas diferentes que você não vê em outras cidades, como os próprios grupos, os Congos, os Pontões e os parques em si. Você vai ver muita criança envolvida, participando, porque é uma festa um pouco diferenciada das outras, porque as festas que hoje se investe é mais para os adultos, em grandes bandas, e a festa do Rosário tem uma característica diferente, a criança se empolga mais porque tem a questão dos parques, porque tem a questão da própria mãe levar para assistir a missa, o culto ao Rosário, e os grupos.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

Atrapalha no bom sentido, porque ela quebra aquela monotonia de uma cidade pequena como a nossa de interior. Quando a festa do Rosário ou qualquer outra festa começa a se aproximar, então é claro que atrapalha, porque o clima já fica diferente. E quebra a rotina mesmo da cidade, e isso para o bem, porque é lógico que o comércio vai vender mais, as pessoas também já se despertam mais para poder se cuidar um pouco, ajeitar o cabelo, comprar uma roupa nova. A característica da nossa festa sempre foi essa se a gente não comprar uma roupa nova, desde criança eu passava a noite inteira chorando e não ia para o centro da cidade porque todo mundo tinha que ter uma roupa nova. Então era assim, se não comprasse a cueca, a calça, a camisa para poder ir à festa do Rosário, não tinha graça, ficava em casa. Então tinha que comprar, mesmo que no outro dia não tivesse o que comer, para participar dessa festa.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Com certeza. Infelizmente a gente percebe assim, eu digo principalmente a classe política porque ela tem sua grande parcela de culpa, porque ela não tem essa sensibilidade de perceber a importância desse patrimônio. Quando eu acrescento a questão política é porque as prefeituras, os prefeitos, às vezes apenas na ânsia

muitas vezes de colocar ali a sua vaidade, ela começa a investir em coisas rápidas, que lhe dão retorno rápido e publicidade rápida também e começa a deixar de investir, por exemplo, em uma festa que tem quase duzentos anos, como é a festa do Rosário, que se agente não despertar agora nesse momento, com certeza a tendência seria perder seu brilho.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

Se a gente tivesse esse cuidado, essa preocupação, eu acredito que seríamos uma cidade, um estado e um país melhor, que respeite as nossas tradições, as nossas origens. Se a gente tivesse esse cuidado, eu acho que nós seríamos até um povo mais feliz, se a gente não procurasse tanto estar só valorizando outras culturas. É importantíssimo se preservar, principalmente, as culturas locais, que cada cidade se preocupe em valorizar, em proteger. Inclusive tombar como patrimônio mesmo, não só da nossa cidade, mas do estado e do próprio país, como nós temos uma Igreja que tem quase 300 anos, que é a Igreja do Rosário, e os Congos e os Pontões, que tem quase 150 anos, e a gente não ver aquela preocupação em se preservar.

Entrevista nº 01	Grupo: III
------------------	------------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☒	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
				60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
				Pós-graduação

Endereço: Rua João Lúcio Pereira, Roger.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 28 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Duas coisas me reportam. A praça, que eu acho muito bonita, e a Igreja de N. S. do Rosário.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Bom, primeiramente eu acho que o cartão postal, a Praça Centenário, né. Sua beleza, eu acho muito, muito bela. E após, eu levaria aos pontos culturais, a Igreja do Rosário, a Igreja Matriz, a Casa da Cultura. Esses pontos que eu acho muito interessantes, até mesmo o rio, né.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Acho que patrimônio é aquilo que, algo que lhe pertence. Que sem sombra de dúvidas, por lhe pertencer, você vai zelar, você vai procurar preservá-lo.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Acho que já citei alguns deles. A Casa da Cultura, a Igreja Matriz, Igreja do Rosário; temos também, o casarão, que teve algumas modificações, mas não deixa de ser o nosso patrimônio; o castelo, e também a cruz da menina é interessante.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?

(risos) Eu participo, eu acho que a treze anos, da festa do Rosário, desde quando comecei a frequentar a Igreja. E desde que comecei a frequentar, participo trabalhando. Sou sacristão, e o trabalho do sacristão, ele é bem mais, digamos agente trabalha nos bastidores, providencia tudo para que a festa possa acontecer, junto com a equipe.

6. Como é esta festa?

Festa muito bonita. Trás filhos ausentes. Digamos assim, bem de fato o dia maior, é sempre o domingo de encerramento, o domingo do rosário, como é chamado. E vêm pessoas de Pombal, vêm pessoas das cidades vizinhas. Pessoas das cidades vizinhas, e traz aquele aglomerado de pessoas, centenas, milhares de pessoas ali de frente a igreja, acompanhando a procissão, o rei, a rainha com o rosário, fazendo a sua devoção a nossa senhora, e isso é muito bonito. Tem um grande significado para nós.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

Não, eu acho que faz muito bem. Ah! Você, digamos assim, agente vive aquela rotina, aquele marasmo né, cidade pequena, sempre a mesma coisa, acorda vai para o trabalho, volta e descansa. No período da festa, tem parques, tem as pessoas. Digamos como eu acabei de falar, os filhos ausentes que vem - um irmão, um primo, um amigo muito chegado - e aí a gente tem condição de fazer aquela festa, matar a saudade e rezar junto também.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Com certeza. Pela sua história, pela sua... Digamos assim, pela sua tradição. Acho que deveria ser considerada um patrimônio.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

Com certeza. Acho que se é um patrimônio, você vai fazer por onde eles, digamos, tenham vida longa, né? Se a gente não, se a gente não cuidar daquilo que pertence a gente quem vai fazer isso? Então a partir do momento que a gente zela aquilo que pertence a cidade, aquilo que faz parte da nossa história, a gente está realmente zelando a nossa cultura, está realmente dando vida e promovendo a continuidade da nossa história.

Entrevista nº 02	Grupo: III
------------------	------------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☒	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
	☐			60 a 69 anos
	☐			Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
	☐		☐	Pós-graduação

Endereço: Rua Coronel João Carneiro, Centro
Tempo de moradia neste mesmo endereço: 9 anos

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria? Igreja do Rosário. A Cadeia pública, antiga cadeia. Também a própria Igreja Matriz que é uma relíquia. Especialmente os grupos que hoje aparecem em momentos especiais nas nossas comemorações, não só da igreja, mas em momento em que o município promove, as associações promovem. Um outro símbolo, a Estação que é um outro símbolo importante. O Cruzeiro lá encima também é um outro símbolo importante. E o nosso coreto aqui do centenário teriam sido os pontos que falam da cidade.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria? Exatamente para esses lugares sobre o qual eu fiz menção ou lembrei. E talvez não só eu como alguém que pudesse também fazer um retrospectiva, porque esses símbolos permanecem como ícones de Pombal, ou do nosso município, e da nossa cidade.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras. Eu entendo pouco Taise sobre patrimônio, até porque eu não estava muito habituado a escutar. Mas eu entendo como patrimônio, a imagem que vem na minha cabeça, é

algo que alguém deixou, mas que não morreu, e que fala de uma geração, que fala de um povo. Então patrimônio para mim, tem hoje essa conotação. É algo, ou seja, até patrimônio ter a ideia de ser como coisa velha, mas hoje eu tenho exatamente um conceito diferente. Depois que cheguei aqui em Pombal, há nove anos, eu consegui me apropriar desse termo, e ver que não era aquilo que diziam: fulano é um patrimônio da humanidade. Quer dizer, mas é bem mais do que isso, é uma sociedade que foi construída a partir, diríamos, de valores, que até hoje, quem sabe, não são lembrados. Ou até mesmo inteligência ou um potencial que em época tão escassa, eles fizeram de forma aprimorada, de forma assim muito inteligente e que falavam daquilo que estavam na vida do dia a dia deles, na pele deles. E é uma forma de não deixar morrer aquilo que eles próprios tinham na cabeça, no coração, na mente. É na verdade né, uma síntese de uma certa comunidade, de um certo povo, de uma história.

4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?

Atualmente, exatamente o que eu acabei de falar pra você, né. Pra nós aqui, o ícone é a igreja do Rosário, claro, hoje é o principal. Porque além de falar, tem também neste ícone, uma marca, não só, social, mas uma marca religiosa. E sabe-se que o religioso, quando ele é contextualizado, vai além do momento, vai além da época, atravessa gerações, atravessa história, vira tradição. Então eu acho que hoje um dos principais, é uma referência principal, eu vejo a Igreja do Rosário.

5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?

Eu como administrador, como pároco, eu participo e tento também interagir. E tenho sempre essa preocupação de lembrar a comunidade que não é uma questão de folclore, é mais do que isso, é cultura. Pra mim é cultura, é história. Lamentavelmente algumas pessoas passam pra agente “vamos olhar as apresentações dos Pontões, dos Congos, da Irmandade do Rosário” e as pessoas não fazem esse casamento. De um povo que viveu numa determinada época, mas que os valores falam de que? De uma reação, de uma perseverança. Exatamente combatendo tudo aquilo que era opressão, que era negação também da cultura deles, daquilo que eles traziam da África. E por isso é história, cultura. É sem dúvida o espírito que permanece vivo e construiu esse patrimônio que é sem dúvida um patrimônio que é dinâmico.

6. Como é esta festa?

Eu sempre convido e digo que o período do rosário é uma festa regional, não só localizada, mas uma festa regional, nós vemos aqui várias pessoas além da região, também de outros países. Onde eu digo sempre: olha Pombal é uma festa ímpar, é uma festa que só tem lá, do jeito deles, da maneira deles. Então eu digo: olha, além

do caráter de resgatar a fé de um povo, também nos faz admirar pela própria imortalidade do que eles queriam dizer a Deus, o que eles queriam dizer também a Nossa Senhora, mãe de Jesus, que eles têm, assim, uma devoção fantástica. Então é um fortalecimento, você vai p lá e você fortalece a sua fé. Você também vai enriquecer o seu ângulo cultural, suas informações. Porque quem sabe, quem não vem, não imagina a dimensão que tem o poder de fortalecimento da festa do Rosário, no que diz respeito as manifestações, todo aquele estilo que é próprio deles e que ninguém vai imitar, porque não dá certo.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

Não, ao contrário né, a festa é esperada, a festa ela é querida. Eu creio que dá a cidade, dá ao município um incremento, além do incremento social, religioso né, agente não tenta separar, e depois também o incremento financeiro porque nesse período muita gente vem de fora, o comércio ele ganha uma fisionomia mais, diríamos assim, dinâmica. E por isso eu acho que é o contrário, em nada atrapalha a rotina da cidade. Ela tem esse momento que já é um momento consagrado. Ao meu ver.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Eu creio que já é. Já é um patrimônio. Eu não sei como eu diria a você, porque eu a considero um patrimônio, entende? Mas claro, é preciso redimensionar, em que sentido: a gente já tentou ver aqui, várias vezes, o papel da prefeitura, o papel da sociedade, o papel da própria igreja. Porque nós ficamos na presidência, na coordenação, mas muitas vezes nós percebemos que a comunidade se omite, quem sabe, de fazer a sua parte, até mesmo na divulgação, até mesmo também de ver a festa como algo que eu deva curtir e fazer com que ela possa fluir e não vim só vender, não vir só para poder tirar proveito da festa, mas que a cidade salve aquilo que, por exemplo. Um exemplo concreto: ali na dimensão geográfica do Rosário, no espaço que nós temos, sempre, nas festas do Rosário, se ver muito conflito, porque as pessoas querem colocar suas carrocinhas, seus carros, seus pequenos trailers, quase encima do espaço que não dever ser. Então o IPHAEP esteve aqui, deu a medida correta, aí eles vem falar com o padre, aí eu digo que isso é um problema da prefeitura, da parte de quem organiza o espaço da festa para que não aconteça. Porque a festa fica prejudicada, os fiéis de repente não tem onde colocar uma cadeira, não tem onde colocar um banco, e ai eu vejo muito essa mentalidade de ver a festa como uma oportunidade das pessoas ganharem mais, e não de entender que a festa deveria ser soberana, e não o que eu vou tirar da festa de proveito, se não a

espiritualidade, se não também as informações e depois sentir essa atmosfera que é sempre atual.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

Exatamente com base nisso né. Se é algo que nos fala de uma história, de uma caminhada, nos fala também de sangue que foi derramado, lutas intermináveis, então creio que se o próprio negro, como agente chama, os pretos do Rosário, se eles próprios resistiram a uma cultura de opressão, de combate a uma cultura nativa, eu acho que é por conta disso que deve ser o registro permanente, de dizer “olha alguém lutou antes de nós e não vamos de forma alguma menosprezar ou não vamos cometer nenhum crime, não valorizando aquilo que foi sem dúvida um esforço, foi uma luta, dos nossos pretos, negros, que foram como que na contra-mão”.

Entrevista nº 03	Grupo: III
------------------	------------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos
	☐			60 a 69 anos
	☐			Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☒	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
	☐		☐	Pós-graduação

Endereço: Rua Dálva Ferreira de Queiroga, Santo Amaro.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 8 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
A festa do Rosário.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Eu trazia para a Igreja do Rosário.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
O patrimônio é uma coisa antiga que vem de tradição, como no caso a festa de N. S. do Rosário que é uma festa tradicional, que reúne todas as pessoas da própria cidade e de cidades vizinhas.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Os principais patrimônios são a Igreja do Rosário e a festa do Rosário que é uma festa religiosa e eu gosto.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Eu participo simplesmente. Participo das missas, rezando, convidando os meus amigos. Tem muito tempo que eu participo, desde o meu nascimento que minha mãe me trazia, e eu me acostumei a Igreja e hoje continuo do mesmo jeito, trazendo as

peessoas, mostrando o patrimônio histórico da Igreja.
6. Como é esta festa?
Tem missa e a missa é uma tradição da nossa Igreja do Rosário. As missas não são todas tradicionais, mas essa do Rosário é tradicional, é uma vez por ano na festa.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Não. Porque todo mundo participa da festa, deixa seus afazeres, o sítio, outra cidade.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Pode. Porque é antiga, é uma festa muito antiga. Quando eu nasci já ouvia falar nessa festa, minha mãe já me falava muito bem dessa festa, aí eu vinha com ela sempre, do sítio, e vivia aqui e me acostumei. Então eu acho que é uma festa tradicional que nunca vai acabar dependendo das pessoas que fazem a festa.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Sim. Porque é muito importante. A gente não pode destruir, a gente tem que acolher, tem que ajudar a tocar para frente e não deixar se acabar.

Entrevista nº 04	Grupo: III
------------------	------------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos
	☐			60 a 69 anos
	☐			Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☒	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
	☐		☐	Pós-graduação

Endereço: Rua Antônio K. Gomes Pereira,
Santa Rosa.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 25 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Um símbolo? O nosso centro histórico, a Igreja do Rosário, a Igreja de N. S. do Bonsucesso e a Praça Getúlio Vargas com o Bar centenário.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Eu levaria primeiro para a Igreja do Rosário. Além do centro, mostraria o bairro onde eu moro, o bairro Santa Rosa, a Cruz da menina, a ponte do trem que é a ponte vermelha.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
O patrimônio é algo que guarda a nossa historia, guarda muito bem a nossa história. Por exemplo, nós temos alguns imóveis aqui que são preservados.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
A Casa da cultura, a própria Estação ferroviária, a Igreja do Rosário. Nós temos um cruzeiro também que é muito importante, ele é um cruzeiro praticamente esquecido, chama-se o Cruzeiro do bairro do cruzeiro, que fica na parte alta da cidade ao nascente.

5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Participo desde 85 ajudando. Ajudando na parte da infraestrutura, e durante a festa eu participo das celebrações.
6. Como é esta festa?
Olha, a festa do Rosário é uma coisa assim, uma das festas mais importantes na região nordeste, e porque não dizer do Brasil, a exemplo do Círio de Nazaré, que é uma festa muito importante também que oito dias após a nossa aqui acontece lá em Belém.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Pelo contrário. Só traz benefícios. Para quem quer preservar a cultura ela só traz benefícios, e a parte religiosa principalmente.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Pode. Para mim ela é um patrimônio. Um dos patrimônios é a festa do Rosário. Porque a festa do Rosário ela é eterna. Porque assim, há um encontro dos filhos de Pombal que moram fora e passam muitos anos sem vim a Pombal, e quando vem, vem geralmente para passar a festa do Rosário, é o encontro das famílias.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Sim. Eu acho que toda cidade que se prese deve ter sua parte da arquitetura preservada, principalmente os casarões, e a festa também deve ser preservada, e melhorada, dar melhores condições, para que se aconteça uma festa mais bonita. A festa do Rosário é a festa do povo, um momento de fé, você vê as pessoas carregando pedra na cabeça, às vezes uma coroa de espinhos, às vezes faz uma promessa e se veste com trajes de São Francisco, até de joelhos a gente já viu gente acompanhar as procissões. É um momento muito importante, um momento de fé, de tradição.

Entrevista nº 01	Grupo: IV
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☒	Feminino	☐	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos
				60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
				Pós-graduação

Endereço: Rua Coronel João Carneiro, centro.
Tempo de moradia neste mesmo endereço: 20 anos

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria? Com certeza a Igreja do Rosário. Por que a história do nosso município está totalmente vinculada à história da Igreja, por ela ser um marco de colonização, da nossa história, da nossa gente.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria? Seguindo uma ordem cronológica, levaria primeiro a Igreja do Rosário, depois a Casa da Cultura, que é a antiga cadeia pública, a primeira cadeia da nossa cidade. É, explicaria a questão do Cruzeiro, como marco da passagem do século XVIII para o século XIX. Também no nosso centro histórico tem a primeira escola pública, que é a Escola João da Mata, e como também mostraria as nossas praças, que é tida como local de se fazer amizade, de se conversar também da riqueza do patrimônio da nossa história.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras. O patrimônio é aquele que quando a gente se identifica, principalmente na cultura, a gente pode, sempre considera assim, você só, você primeiro conhece o patrimônio para depois poder preservá-lo, não se preserva aquilo que não se conhece. Então

patrimônio é uma riqueza que nos eu acredito que nós temos de gênero matéria e imaterial, dentro da nossa comunidade e que nós não podemos jamais deixar apagar uma página da nossa historia que se faz. Tem que ser preservado e tem que ser passado de geração para geração.

4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?

Eu até já respondi na segunda questão. Nós temos a Igreja Matriz, também o patrimônio que é vinculado à história, a Igreja do Rosário.

5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?

Participo da festa, e procuro participar sempre cultural. Sendo um apoio, converso muito com os grupos folclóricos, a respeito da igreja também, sempre me procura e eu transmito alguma coisa, a respeito, e como também na parte religiosa. Que a parte religiosa tem pessoas que até hoje não entendem porque a festa do Rosário é bem maior do que a festa da padroeira da cidade, enquanto que as outras cidades circunvizinhas, a festa religiosa que se destaca é a festa da padroeira. Já Pombal tem uma história diferente, a maior festa é a festa do Rosário.

6. Como é esta festa?

Esta festa ela acontece, no início nos sabemos que ela teve, um, o seu ponto de partida com a devoção dos pretos a N.S do Rosário, que eles já tinham N.S. do Rosário como padroeira dos pretos. Porque na mesma época que a igreja não era a igreja de N.S. do Rosário, eles já cultuavam o rosário, já faziam suas orações, e muita gente até não entende, porque a festa do Rosário é aquela festa assim se você participa da procissão da manhã, a festa do Rosário como chama, que é a imagem de N.S. do Rosário não sai, pagam promessas, em devoção a São Francisco numa festa, aí fica aquela cultura, aquela fé, religião e tradição bem misturada.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

Atrapalha? Não, não acho que ela atrapalha a rotina da cidade não, ela vamos dizer assim, ela não tem; muita gente se queixa assim, que ela não tem mais o mesmo brilho que tinha antes. Hoje nós sabemos que dentro da festa do Rosário, as pessoas a décadas atrás se preparavam o ano inteiro para comprar roupa, para a festa do Rosário, é a festa de destaque de Pombal, é a festa do Rosário. Então o agricultor vendia o algodão, comprar um vestido, a roupa para a festa do rosário, é o período que o comércio tinha mais movimento, depois com o desenvolvimento da cidade e também das pessoas. Surgiu também um ponto bem importante na história que foi a valorização da data de aniversário da cidade. Como é dia 28 de julho, e fica muito próximo a festa do rosário, e é uma festa diferente porque agrada mais aos jovens, porque trás bandas, tem trios, aí pessoas, vamos dizer de Pombal, que mora em

Brasília, que mora em São Paulo, que só vinha na festa do rosário aí pegou o período de férias do mês de julho, aí quando vem em julho não vem mais na festa do Rosário. Agora, na parte religiosa, a gente ver que a devoção, que a participação ela continua, agora na parte cultural, a gente sentiu, de vamos dizer em número de visitantes. Ela diminuiu agora atrapalhar na rotina não, eu acho que ela engrandece o período porque todo mundo fica mais unido, irmãos, vamos dizer, na festa do rosário começa a arrumar o parque de emoção até para as crianças.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Com certeza um patrimônio por ela ser bem diversificada, rica em cultura, rica em tradição, rica em fé. Tudo que você procurar dentro da festa do Rosário você encontrará das pessoas, você encontra pessoas com devoção, pessoas com fé, pessoas que valorizam a cultura, outras que muitas vezes ainda não se identificaram com a cultura mais participa, apenas por dizer que acha bonito, ver os grupos se apresentando. Uma que às vezes acha só o bonito, mas ainda não se identificou, nem entendeu o valor que tem, porque no momento que entender aí vai achar mais bonito.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

O importante da preservação do patrimônio é a certeza da história de um povo continuar a ser contada, para outras gerações. Se não se preserva o patrimônio, essa história ela pode ir perdendo palavras, pode ir perdendo páginas e depois até livros, e a memória vai, né, se apagando junto com o patrimônio e termina com novas gerações sem saber como surgiu a história, desse povo, dessa gente, e principalmente Pombal que no alto sertão, foi o primeiro grupo de, de colonização. Foi também a primeira vila do sertão, foi a quarta da Paraíba, e Pombal ela é muito rica em história.

Entrevista nº 02	Grupo: IV
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☐	Feminino	☒	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☒	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
			☐	60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☒	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☐	Superior
			☐	Pós-graduação

Endereço: Edmilson Leite, Santa Rosa

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 1 mês

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Com certeza a lenda da cabocla Maringá.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Para conhecer o centro histórico e o rio Piancó.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Ok. Patrimônio. Patrimônio, eu entendo como o conjunto de bens. Que representam ou que expressam a cultura, a tradição, os costumes de um povo, que pode ser os bens arquitetônicos, pode ser patrimônio arquitetônico, ou mesmo até cultural, ou expressões, assim que eu entendo.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Arquitetônicos, com certeza, é primeiro, a Igreja do Rosário, o conjunto de praças, isso incluindo a Praça Getúlio Vargas e a Praça Centenário, Coluna da hora, a casa da cultura.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Sim. Devido eu estar ocupando, ultimamente, o cargo de diretor do departamento de turismo, ultimamente eu tenho acompanhado, dando algum suporte na organização.

Mas sempre eu acompanhei como cidadão, como morador de Pombal que gosta e que zela por essa festa.
6. Como é esta festa?
Essa festa é um misto de religião, com festas tradicionais, mistura muito também o folclore, a cultura, através dos grupos folclóricos – Congos, Reisados e Pontões – e é seguida também por uma sequência de novenas que sempre acontecem todos os anos, por volta do final de setembro para o início de outubro.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Não, não. Ela muda a rotina da cidade. Ela muda totalmente a rotina da cidade, porém as pessoas, por saberem, ou por se prepararem sempre pra essa festa, essa rotina não chega a ser atrapalhada, mas ela fica bem melhor, porque as pessoas se prepararam todo ano para a festa do Rosário. Antigamente, tinha-se o costume de comprar a roupa da festa. Ninguém comprava roupa para o Natal, para o aniversário, para qualquer outra data, e sim, sempre a roupa da festa do Rosário. Inclusive tinha lojas que sempre faziam a queima de estoque no período da festa do Rosário, porque o índice de venda era bem maior, e houve também um período, em idos de 1932, mais ou menos, quando Pombal possuía o 'Brasil Oiticica', e era uma fábrica que beneficiava o algodão, e a semente do algodão e da oiticica, e todo o comércio e toda a renda da cidade girava em torno da Brasil. As pessoas plantavam o algodão para do lucro do algodão comprar roupa da festa e o calçado para usar na festa.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Ela não só poderia ser considerada, como ela é sim um patrimônio, talvez o mais importante, em termos de patrimônio de festas no caso, comparando com festas ele é a mais importante da cidade. Principalmente pela apresentação dos grupos folclóricos, que é o que mais se destaca junto aos turistas, junto as pessoas, os estrangeiros que vem, sempre eles destacam isso, os grupos folclóricos, com suas danças e apresentações. Como também pelo patrimônio arquitetônico.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Sim. Muito, muito importante, pela questão da pluralidade de culturas que agente tem aqui. E essa mistura de raças, porque os grupos folclóricos, principalmente os Pontões, são formados especificamente por negros. E, outra importância também, seria no caso, pela questão de eles serem - esses grupos e a festa do Rosário – a maior expressão de cultura do município.

Entrevista nº 03	Grupo: IV
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☒	Feminino	☐	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☒	50 a 59 anos
				60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
				Pós-graduação

Endereço: Rua Antônio Queiroga de Alencar, Jardim Rogério.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 25 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria?
Eu só posso me referir a Igreja do Rosário.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria?
Começaria pelo centro histórico da minha cidade, a Igreja do Rosário, a antiga Cadeia, a Praça Getúlio Vargas, a Igreja Matriz, que tudo isso é patrimônio histórico.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras.
Patrimônio? Patrimônio é tudo que faz parte da história de um povo, da cultura, da tradição.
4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
Eu vou ser repetitiva. Eu acho que o principal patrimônio da minha cidade é esse centro histórico, é a Igreja do Rosário, é a Igreja Matriz, essas duas Praças, que eu não conheço no interior da Paraíba nenhuma cidade que tenha essa beleza.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Participo como devota de Nossa Senhora do Rosário, desde criança com meus pais, que por sinal moravam aqui próximo a Igreja do Rosário. É a Igreja que eu frequento,

é a Igreja que eu assisto a missa todos os domingos às 7 horas da manhã, ela faz parte da nossa vida. A festa do Rosário é uma coisa muito presente na minha vida, eu participo pela devoção que eu tenho a N. S. do Rosário, como cristã.

6. Como é esta festa?

Essa festa é uma festa que se tornou tradicional na nossa cidade, que na verdade não é da sua padroeira é da co-padroeira, mas é tão forte a devoção do povo que a grande festa vista em Pombal é essa. A festa grande de nossa cidade é a de N. S. do Rosário, mas existe festa da padroeira em Pombal. A padroeira é N. S. do Bonsucesso, mas quem ganha a festa é N. S. do Rosário, que se tornou tradicional. É uma história longa para se contar e muito bonita por sinal, a história da Igreja de N. S. do Rosário, a história da devoção, da festa, desde quando ela começou tem essa tradição toda. É uma festa grandiosíssima que atrai não só filhos de Pombal que moram fora, mas até pessoas que não são de Pombal participam dessa festa. É uma festa que todo pombalense quando chega a festa, é como se fosse se fosse um encontro dos filhos de Pombal, dos que moram aqui, dos que moram fora e vem para essa festa. A festa em si é muito bonita, são cinco procissões nessa festa, a procissão de abertura que vem o Rosário, aí nós vamos ter as novenas e quando for no sábado, no primeiro sábado de outubro, tem outra procissão que vai deixar o Rosário na Casa do Rosário, quando é no domingo sete da manhã vai buscar o Rosário, então é muito profunda a história para a gente dizer assim em tão pouco tempo. No domingo do Rosário tem mais uma procissão a tarde e no final da missa de cinco da tarde que encerra a festa tem outra procissão que vão deixar o Rosário na casa daquela pessoa que fez a peregrinação com ele, para de lá vim no próximo ano novamente para a abertura. Então é uma festa que tem uma história muito bonita, e muito importante.

7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?

Não, de forma alguma. Porque ela já faz parte do nosso costume, da nossa tradição, ela é um patrimônio do povo de Pombal, ela é a fé, a cultura. Então ela não atrapalha, pelo contrário.

8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?

Com certeza. Eu gostaria muito de ver isso um dia acontecer. Mas como a Igreja é um patrimônio histórico eu considero a festa. Eu acho que poderia ser com certeza. Pela tradição, pelo valor, pela devoção, por tudo em si.

9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?

Deve sim. Às vezes é difícil quando se fala em preservar um patrimônio, principalmente quando se fala a respeito de prédios, porque a gente sabe que é muito difícil até por parte do governo. Você vê às vezes prédios que são tombados que é um patrimônio histórico, mas que falta conservação, talvez por falta de dinheiro público, ou por falta mesmo do cuidado por parte do governo, a gente sabe que tem tudo isso. Acho muito importante que deve ser preservado, mas acho muito difícil isso.

Entrevista nº 04	Grupo: IV
------------------	-----------

Dados pessoais do entrevistado

Sexo	☒	Feminino	☐	Masculino
Faixa etária	☐	20 a 29 anos	☐	40 a 49 anos
	☐	30 a 39 anos	☐	50 a 59 anos
			☒	60 a 69 anos
				Acima de 70 anos
Nível de escolaridade	☐	Analfabeto	☐	Médio incompleto
	☐	Fundamental incompleto	☐	Médio completo
	☐	Fundamental completo	☒	Superior
				Pós-graduação

Endereço: Rua Argemiro de Souza, Centro.

Tempo de moradia neste mesmo endereço: 30 anos.

Entrevista

1. Se tivesse que lembrar algo que, para você, é o símbolo da cidade de Pombal, o que seria? Tem muita coisa para lembrar, mas essencial é a festa do Rosário, a tradição e a Igreja do Rosário, que é a mais antiga e os pontos turísticos, que é muito bonita a nossa cidade. Se a gente for explorar tem muita coisa para a gente ver, lembrar. Mas eu lembro mesmo é da festa que é a tradição mesmo que ninguém apaga.
2. Se você fosse mostrar Pombal a alguém que estivesse visitando-a, para onde você a levaria? Eu levaria primeiro a Igreja do Rosário. Nós temos essa Igreja, temos também a Igreja do Bonsucesso que é muito bonita, nós temos a faculdade que agora é um ponto que também deve ser mostrado, nosso hospital que está sendo reformado e as escolas antigas como a João da Mata.
3. O que você entende por patrimônio? Fale com suas próprias palavras. Patrimônio é tudo aquilo que a gente, primeiro que a gente tem, adquire, e o patrimônio que a cidade construiu e tudo é patrimônio, nossa vida é um patrimônio, nossa família, nossa história, e o que existe aqui em Pombal, o patrimônio que não pode ser destruído, que é um patrimônio antigo que a gente tem que conservar e levar adiante.

4. Então em Pombal, quais são os seus principais patrimônios?
A Igreja do Rosário, a Coluna da hora, que fazem parte da praça com o Bar centenário, que antigamente era um coreto. Na festa do Rosário a banda de música passava toda a noite tocando lá, que também é um patrimônio, a escola João da Mata, que também é muito antiga.
5. Você participa da festa do Rosário? De que forma?
Sim. Eu fiz parte de um coral aqui por mais de 20 anos. O coral não existe mais e hoje eu ainda participo vindo para as novenas.
6. Como é esta festa?
É uma festa tradicional, só que essa tradição já não está mais tendo aquela tradição de antigamente, muita coisa foi cortada, muita coisa foi tirada. Mas é uma festa boa, uma festa que nós encontramos muitos turistas, uma festa que vai investir muito na dentro da cidade. Muita gente vem pela parte social e às vezes esquecem a religiosa, principalmente esses jovens, mas a festa é religiosa.
7. Para você a festa atrapalha a rotina da cidade? Por quê?
Não. Porque já sabe que tem. Atrapalha o transito porque algumas ruas ficam interditadas, mas isso é em toda cidade que tem uma festa da padroeira, a pesar que essa daqui é da co-padroeira. Atrapalha nesse sentido de rotina de trânsito, mas o pessoal já sabe, já estão acostumados.
8. Para você a festa poderia ser considerada um patrimônio da cidade de Pombal? Por quê?
Ela já é. Ela já é um patrimônio porque a própria igreja já é um patrimônio.
9. Você acha importante que esses patrimônios sejam preservados? Por quê?
Com certeza. Tem que ser conservado.